

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

MARCO AURÉLIO NUNES DE OLIVEIRA

***SARAU PALAVRA ENCANTADA NO CANTINHO GIRASSOL: Um espaço
cultural na periferia da cidade de Sorocaba***

Sorocaba-SP
2018

MARCO AURÉLIO NUNES DE OLIVEIRA

SARAU PALAVRA ENCANTADA NO CANTINHO GIRASSOL: Um espaço cultural na periferia da cidade de Sorocaba

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Sorocaba, 30 de Agosto de 2018.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Dulcinéia de Fátima Ferreira

Coorientadora: Prof^a Dr^a Kelen Christina Leite

Sorocaba-SP
2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Humanas e Biológicas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Marco Aurelio Nunes de Oliveira, realizada em 30/08/2018:

Prof. Dra. Dalcineia de Fatima Ferreira
UFSCar

Prof. Dra. Kelen Christina Leite
UFSCar

Prof. Dra. Alik Wunder
UNICAMP

Prof. Dra. Teresa Mary Pires de Castro Melo
UFSCar

Prof. Dr. Geraldo Tadeu Souza
UFSCar

Nunes de Oliveira, Marco Aurélio

SARAU PALAVRA ENCANTADA NO CANTINHO GIRASSOL: Um espaço cultural na periferia da cidade de Sorocaba / Marco Aurélio Nunes de Oliveira. -- 2018.

166 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador: Prof^o. Dr^a Dulcinéia de Fátima Ferreira, Coorientadora: Prof^o Dr^a Kelen Christina Leite,

Banca examinadora: Prof^o. Dr^a. Alik Wunder, Prof^o. Dr^a. Teresa Mary Pires de Castro Melo, Prof. Dr. Geraldo Tadeu Souza

Bibliografia

1. Direito à Cidade. 2. Espaços Culturais. 3. Sarau na Periferia. I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano – CRB/8 6979

DEDICATÓRIA

Dedicado aos poetas marginais, aos músicos amadores e todos aqueles que sofrem de amores e desamores, mas nem por isso desistem da vida e do combate cotidiano ao sistema.

AGRADECIMENTO

Gostaria de agradecer a Dona Vilma, minha mãe, pela paciência, pelo suporte – bolsa mãe – no período em que tive de deixar algumas aulas para cumprir os créditos, também por todo carinho e atenção oferecido ao longo da vida, e, sobretudo por ser a mulher forte que é, operária aposentada, obstinada e guerreira até o fim.

Agradeço aos amigos do Cantinho Girassol, pela gentileza e prontidão em colaborar com os relatos contidos neste trabalho. Em especial, quero agradecer ao Auro, pelos livros emprestados e as valiosas dicas nas conversas de boteco, além da prontidão em atender ao pedido de entrevista; e ao mestre Córdoba Jr., meu grande amigo poeta, por sempre partilhar sua sabedoria e os bons momentos de boemia.

Agradeço ainda as minhas amigas Fernanda Dalben (Fefa) e Pâmela Garcia, ao historiador Carlos Cavalheiro, aos companheiros da APEOESP, aos meus amigos do “Condado”, e um agradecimento especial à querida Tatiane Tiepo (Tati). Sem todo apoio, incentivo, ajuda e energias positivas que me ofereceram, nada disso seria possível.

Por fim agradeço a coorientadora Prof^a Dr^a Kelen, pelas orientações, conversas, indicações de leitura e a paciência resoluta com este orientando que escreve estas linhas; e também a Orientadora Prof^a Dr^a Dulcinéia, por aceitar assumir a orientação deste trabalho em sua reta final, contribuindo de maneira fundamental para que esta jornada pudesse ser concluída.

RESUMO

Este trabalho teve por finalidade a análise de uma experiência cultural na periferia da cidade de Sorocaba. Aborda o potencial do Sarau de Palavra Encantada que acontece no bar Cantinho Girassol, como espaço de encontro, de trocas de experiências culturais e pelo direito à cidade. Trata-se de um estudo de caso. Para tal, desenvolvemos uma revisão bibliográfica sobre temas pertinentes ao trabalho, em particular sobre: (I) a cidade de Sorocaba, (II) a periferia da mesma e (III) a ocupação do seu espaço urbano. Realizamos entrevistas semiestruturadas com diversos frequentadores do espaço, também consultamos reportagens de jornal regionais, nas quais o espaço é mostrado. Os objetivos da pesquisa incluíram compreender a relação existente entre o espaço Cantinho Girassol e a comunidade, no contexto da expansão da malha urbana, marcada pela segregação e privatização do espaço, onde o lazer aparece atrelado ao consumo, bem como o potencial do *Sarau Palavra Encantada* como um espaço cultural na cidade de Sorocaba.

Palavras-chave: Direito à Cidade. Espaços Culturais. Periferia. Sarau.

ABSTRACT

This work had as purpose the analysis of a cultural experiment in the suburb of Sorocaba city. Approach the potentiality of the *Sarau Palavra Encantada* that happens at the pub Cantinho Girassol as a meeting space, in the regards of the pub as a meeting place, local for exchange of cultural know-how and for the right to the city. Its about a case study. To this, developed a reference list about the concerning research thematic, particularly about: (I) Sorocaba city, (II) its suburbs and (III) occupation of its urban places. Performed semi-structured interviews with recurrent visitors of the cultural place, also consulted regional newspapers archives, in which the meeting place is shown. The objectives included the understanding of the relation amongst the place Cantinho Girassol and the community, in the context of Sorocaba city metropolitan area growth, stigmatized by segregation and privatize of the cultural place, where leisure is related to consumption, as well as the potential of the *Sarau Palavra Encantada* as a cultural place in Sorocaba city.

Key-words: Right to the city. Cultural places. Suburb. Literary meeting.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Joel Gonzaga recitando um poema no 94º Sarau	26
Figura 2 - Nezinho se apresentando no 94º Sarau	28
Figura 3 - Convite para evento da cantora Nilza Mesquita	29
Figura 4 - Córdoba Jr., tocando meia lua	31
Figura 5 - Evandro Aranha declamando no <i>Sarau Palavra Encantada</i>	32
Figura 6 - Bosco da Cruz recitando	33
Figura 7 - Aninha no Sarau	35
Figura 8 - Auro	36
Figura 9 - Vadson lendo um poema no Sarau	37
Figura 10 - Silva apresentando o Sarau	39
Figura 11 - Zé Miranda em seu cotidiano no bar	41
Figura 12 - Totem pichado	53
Figura 13 - Fachada da Oficina Cultural Grande Otelo e público do SLAM	60
Figura 14 - Posto de Saúde Wanel Ville	62
Figura 15 - Escola Estadual Ana Cecília Martins	63
Figura 16 - Condomínio de médio padrão	63
Figura 17 - Condomínio Parque dos Eucaliptos	64
Figura 18 - Imagem da placa da esquina do Bar	65
Figura 19 - Rua que faz parte do trajeto do ônibus Ouro Fino	65
Figura 20 - Cantinho Girassol	66
Figura 21 - Livros pendurados compõe a decoração do local	67
Figura 22 - Pelos olhos de Zé Miranda, de trás do balcão do seu bar	68
Figura 23 - Chamada para o 1º Sarau	72
Figura 24 - Comentários na postagem com as fotos do Sarau	73
Figura 25 - Córdoba Jr, Paulo Pita, Neizão e Nezinho (de camiseta rosa)	81
Figura 26 - Convite para apresentação de Nilza Mesquita	82
Figura 27 - Paulo Pita, Nilza Mesquita e Nezinho	83
Figura 28 - Recado de Zé Miranda para o Prefeito José Crespo sobre o Sarau	85
Figura 29 - Joel Gonzaga discursando no microfone, durante a visita do Prefeito José Crespo ao Cantinho Girassol	87

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1 - Domicílios particulares com renda per capita até 1/4 do salário mínimo .	50
Gráfico 2 - Rendimento Médio do Total de Empregos Formais	52
Gráfico 3 - Católicos e evangélicos na população total de Sorocaba	53
Tabela 1 - Índices sobre as Condições de vida e escolaridade da cidade de Sorocaba	50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 SOBRE O PESQUISADOR E A PESQUISA	13
2.1 Memorial e relação afetiva com o tema	13
2.2 Justificativa do tema	16
2.3 Metodologia	19
2.4 Sujeitos da Pesquisa	25
2.4.1 Joel Gonzaga Filho (Joel)	25
2.4.2 Claudinei Gomes Quevedo (Nezinho)	27
2.4.3 Nilza Mesquita (Nilza)	29
2.4.4 João Batista Tomazi Filho (Córdoba Jr.)	30
2.4.5 Evandro Aranha	32
2.4.6 João Bosco da Cruz (Bosco da Cruz)	33
2.4.7 Ana Cristina Rodrigues Henrique (Aninha)	34
2.4.8 Auro Moreno Romeiro (Auro)	36
2.4.9 Vadson Amauri Monteiro (Vadson)	37
2.4.10 Antonio Paulo Silva Costa (Silva)	38
2.4.11 José Alves de Miranda (Zé Miranda)	40
3 EU VOU FICAR NESTA CIDADE, NÃO VOU VOLTAR PARA O SERTÃO / POIS VEJO VIR VINDO NO VENTO O CHEIRO DA NOVA ESTAÇÃO	42
3.1 Nunca se vence uma guerra lutando sozinho	47
4 EU ACREDITO É NA RAPAZIADA	59
4.1 O Bairro Wanel Ville I	62
4.2 O Bar	65
4.2.1 No bar uma Biblioteca Comunitária	69
4.2.2 No Bar o <i>Sarau Palavra Encantada</i>	72
5 BAR LUGAR DE ENCONTRO NA CIDADE	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	97
ANEXOS	100

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho buscou analisar uma experiência cultural na periferia da cidade de Sorocaba. Procurou-se discutir o potencial do bar Cantinho Girassol e de seu *Sarau Palavra Encantada* enquanto espaço de encontro, de troca de experiências culturais e a busca pelo direito de existir na cidade.

Realizamos uma análise sobre a cidade de Sorocaba inserida na lógica do neoliberalismo e do consumo, apoiados nos autores que discutem a questão urbana, como: Burgos (2013, 2015), Milton Santos (1987, 2012), Lefebvre (2001), Harvey (2011, 2014), Rolnik (1988), Ana Fani (2008, 2013) Maricato (2013), além de autores dedicados a discussão da indústria cultural e da sociedade de consumo, como Adorno (1999), Benjamin (2012) e Debord (1997).

Utilizamos o estudo de caso que se trata, basicamente, de uma modalidade de pesquisa utilizada em ciências biomédicas e sociais. É o estudo exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, como afirma Gil (2002). Apoiamo-nos em entrevistas semiestruturadas, bem como a observação direta e a análise de matérias publicadas no *Jornal Zona Oeste em Foco*, no *Jornal Cruzeiro do Sul* e também no conteúdo da página do espaço no Facebook.

O texto está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo “Eu vou ficar nesta cidade, não vou voltar para o sertão / Pois vejo vir vindo no vento o cheiro da nova estação”, nele realizamos uma discussão sobre a cidade e a periferia, tendo como foco Sorocaba, trazendo à tona suas especificidades, seu perfil conservador e o mais recente momento de expansão do consumo. Ainda neste capítulo procuramos discutir as resistências que existem ao processo de avanço do capital, citamos algumas experiências, e alguns coletivos de cultura que existiram e/ou ainda existem na cidade de Sorocaba, afim de situar o Cantinho Girassol neste cenário.

O segundo capítulo recebeu o título “Eu acredito é na rapaziada”, nele apresentamos o bairro em que se situa o Cantinho Girassol, o Bar em si, a Biblioteca Comunitária e o *Sarau Palavra Encantada*, e os sujeitos da pesquisa.

Por fim no terceiro capítulo, discutimos a importância de espaços de encontro como o Cantinho Girassol, na cidade e, sobretudo na periferia, o potencial de resistência que experiências, como a do *Sarau Palavra Encantada*, carregam na luta contra a hegemonização completa da sociedade de consumo.

Nas considerações finais retomamos um pouco da discussão, de forma abreviada, e concluímos apresentando os resultados desta pesquisa, na qual encontramos evidências acerca da importância do Cantinho Girassol enquanto espaço de encontro, de socialização do conhecimento, bem como seu significado para os frequentadores, que tem o espaço estudado como um lugar que podem chamar de seu.

Nos anexos encontram-se todas as entrevistas na íntegra, bem como os termos de consentimento assinados pelos participantes.

2 SOBRE O PESQUISADOR E A PESQUISA

2.1 Memorial e relação afetiva com o tema

“Sou apenas um rapaz latino americano, sem nenhum dinheiro no banco, sem parentes importantes e vindo do interior.”. Esta frase do cantor e compositor cearense Belchior resume um pouco a vida da maioria dos jovens que habitam as periferias brasileiras e um pouco da minha vida, autor deste trabalho.

Descobri o cantor Belchior já na vida adulta, e só então essa frase pôde resumir tão bem o sentimento de identidade e pertencimento que havia dentro de mim.

Cresci em uma das tantas periferias deste país, perto de casa havia uma banca de revista que ficava do outro lado da avenida. Foi frequentando a banca que descobri o gosto pelas coisas escritas, pelas palavras. Depois na escola este gosto foi se desenvolvendo e aprofundando, com as visitas a biblioteca.

No começo eu não sabia exatamente que vivia em uma periferia, fui descobrindo isso à medida que descobria a cidade e estudava temas que me faziam pensar.

Quando finalmente minha mãe e meus avós me deixaram ir até o centro de ônibus sem a companhia deles – apenas eu e meus amigos –, foi que comecei a ver as proporções da cidade em que habitava.

Quando fui a São Paulo, com a excursão da escola no Ensino Médio, percebi que Sorocaba era uma pequena cidade se comparada ao colosso que é a capital do nosso estado. E assim minha visão de mundo foi se ampliando, à medida que ia indo mais longe.

Claro que ainda não conheço quase nada deste vasto mundo em que vivemos, senão pelos livros, pelos filmes e pelos discos.

“Quero lhe falar meu grande amor, das coisas que aprendi nos discos”. – Belchior.

A faculdade de história¹ também teve um importante papel na ampliação de minha visão de mundo, sobretudo durante a construção de meu trabalho de conclusão de curso.

¹ Cursei história na UNISO entre os anos de 2009 e 2013.

Neste trabalho intitulado “A Luta pelo Passe livre: Atuação do Movimento “Olho Vivo” Entre março e junho de 2002”, analisei, com base em matérias de jornais e no acervo pessoal de um dos militantes da época, as movimentações deste movimento estudantil na luta pelo passe livre em nossa cidade.

Durante o trabalho e embalado pelas “Jornadas de Junho”², acabei me interessando pela temática urbana, já havia me inscrito novamente no ENEM, então decidi que tentaria o curso de Geografia na UFSCar.

Quando entrei no curso o interesse pela temática urbana cresceu, tive contato com as obras de Harvey, Maricato, Rolnik, Burgos, Milton Santos e Lefebvre.

Depois comecei a frequentar uma disciplina do mestrado como aluno especial – Restrução Capitalista, Trabalho e Educação. Na mesma turma estava matriculado o historiador Carlos Cavalheiro, com quem já havia feito contato em eventos da UNISO.

Um dia quando voltava de carona com ele comentei que gostaria de inscrever um projeto e tentar entrar no mestrado, mas que ainda não tinha o tema. No meio da conversa, não me lembro o motivo, também comentei com ele sobre o Sarau que ocorria no Cantinho Girassol - um bar que ficava no meu bairro - e então após me ouvir falar sobre o bar e a experiência ele me disse: - Você já tem o tema.

Pensei por alguns dias sobre isso e resolvi apresentar o projeto.

A princípio tudo ainda estava muito confuso, afinal não sabia exatamente como estudar o Sarau que eu frequentava. Depois com a ajuda das disciplinas, das leituras e das orientações as coisas foram ficando mais claras. Percebi que minha proximidade com o espaço não era necessariamente um problema, e que uma pesquisa em um espaço pequeno na periferia enquadrava-se no estudo de caso. Estava bastante animado.

No meio do processo todo, minha mãe perdeu a casa em que morávamos, em uma disputa judicial com a irmã dela, e tivemos que mudar de lugar às pressas. Procurar uma casa nova para morar foi um tanto quanto dramático, mas ao mesmo tempo um aprendizado, pois compreendi um pouco mais como funciona a busca por um lugar na cidade.

² Movimento de massa que eclodiu em junho de 2013, cujo estopim foram as manifestações do Movimento Passe Livre, na cidade de São Paulo, que reivindicava a revogação do reajuste de 15 centavos no valor da tarifa. Para melhores detalhes sobre o assunto ver: MARICATO, Ermínia...[et al.].Cidades Rebeldes: Passe Livre e as Manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

Nós conseguimos, acabamos comprando uma casa na Zona Oeste mesmo, só que um pouco mais longe do centro que a antiga.

Depois destes acontecidos as coisas começaram a dar certo, consegui passar em dois concursos (um da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e outro do Centro Paula Souza, ambos como professor de história do Ensino Médio). Antes disso trabalhava como professor contratado desde 2011.

Tudo isso ocorreu ao longo da construção deste trabalho, e acredito que de certa forma contribuiu com a formação da visão de mundo que tenho agora. Por inspiração de Mills (2009) e Belchior, tenho a plena convicção de que “por conta deste destino³” todo meu trabalho será influenciado pela visão de mundo que construí ao longo dos anos.

Isto significa que deve aprender a usar sua experiência de vida em seu trabalho intelectual: examiná-la e interpretá-la continuamente. Neste sentido, o artesanato é o centro de você mesmo, e você está pessoalmente envolvido em cada produto intelectual em que possa trabalhar. Dizer que você pode “ter experiência” significa, por exemplo, que seu passado influencia e afeta seu presente, e que ele define sua capacidade de experiência futura. (MILLS, 2009, p.22)

O historiador Hobsbawm em seu ensaio “Sobre História” argumenta que todos tem um poleiro particular de onde podem sondar o mundo, e que ele é construído ao longo do tempo. Deste modo não podemos descartar a experiência, a bagagem que carregamos. Ou seja, somos frutos do processo histórico.

Por essas razões é que se fez tão necessário este breve memorial.

³ Referência à música “A Palo Seco”. BELCHIOR. Álbum: Alucinação, 1976.

2.2 Justificativa do Tema

Após as Jornadas de Junho de 2013, a temática urbana ganhou a cena dos noticiários e das rodinhas de conversa nas universidades. A popularização das discussões sobre este assunto trouxe à tona assuntos como o Passe Livre e o Direito à Cidade.

No entanto, os principais debates e discussões sobre este tema tiveram como cenários as grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo⁴, sendo assim a proposta desta pesquisa é concentrar a análise no estudo de caso espaço cultural, localizado na periferia de uma cidade de médio porte – Sorocaba.

De acordo com Burgos (2015, p. 150),

Sorocaba se caracteriza como uma cidade média do interior paulista situada a 100 km da metrópole de São Paulo (Figura 01) e apresenta cerca de 600 mil habitantes (IBGE, 2010), tendo se consolidado como sede da recém-criada Região Metropolitana de Sorocaba – RMS em maio de 2014.

No último decênio, a cidade de Sorocaba passou por um intenso processo de expansão urbana e industrial, no qual novos empreendimentos imobiliários foram se firmando, a frota de veículos aumentou exorbitantemente e os grandes empreendimentos comerciais se alastraram. Sorocaba, de acordo com Burgos (2015), “Apresenta-se como um “verdadeiro canteiro de obras”, sobretudo em sua zona norte, fronteira de expansão para os negócios imobiliários e da construção civil, bem como para a implantação de novas instalações industriais”.

Sobre o aumento da frota de automóveis Rosalina Burgos (2015, p. 152) observa,

“A frota de veículos automotores em Sorocaba cresceu quatro vezes mais do que a população sorocabana em uma década. O número de moradores em Sorocaba aumentou em 20,33% do ano 2000 para 2010 enquanto o de veículos elevou em 81,70% no mesmo período”.

Com base nestes dados é possível constatar a consolidação do modelo de consumo na cidade de Sorocaba. Convencer a população a consumir sem dúvida é um discurso que entrou na ordem do dia, haja a vista a expansão dos empregados

⁴ O livro “Cidades Rebeldes”, da coleção Tinta Vermelha, lançado em 2013 pela Boitempo reuniu artigos sobre os acontecimentos daquele ano, e nenhum deles tratava sobre cidades do interior – de pequeno e médio porte.

no setor de serviços. De acordo com Burgos (2015), a cidade apresentava cerca de 100.000 empregos formais em 2003, passando a 206.000 em 2013. O setor de serviços foi o que mais empregou no período considerado, passando de 39.368 trabalhadores para 83.921, um aumento de 113%.

Sorocaba passa por um processo de mudança e expansão, cada vez mais tomada de assaltos pelos interesses do capital, processo que em diferentes períodos de tempos ocorreu em todas as grandes cidades. Mesmo que malgrado, como podemos observar na obra do historiador Carlos Cavalheiro (2017, p. 66), o projeto de transformar Sorocaba em uma cidade de *Shoppings* foi implementado.

Por outro lado, Sorocaba conheceu um momento de proliferação de shoppings centers, especialmente em 2012, quando foram anunciadas a criação de seis desses centros comerciais, além dos já existentes. A benfeitoria urbana realizada nas principais avenidas da zona norte, sobretudo na Avenida Itavuvu, propiciou a inauguração de 2 desses empreendimentos (Plaza Itavuvu e Cidade), numa região há pouco marcada pela exclusão. Metade dos empreendimentos, no entanto, sucumbiu. De acordo com matéria do jornalista José Maria Tomazella, publicada no jornal “O Estado de São Paulo” em 3 de abril de 2016, com o título “A cidade dos shoppings fantasmas”, os shoppings Plaza Itavuvu, Tangará e Villagio não tiveram o sucesso desejado. A ânsia consumista parece ter arrefecido os ânimos dos sorocabanos e levou ao entendimento que a cidade não comporta – ao menos ainda – tantos empreendimentos desse tipo.

Segundo Rolnik (1988, p. 28), “Embora a presença do mercado seja marcante nas cidades romanas, ela não chega a ofuscar as dimensões da sua política. Hoje a imagem da cidade como centro de produção e consumo domina completamente a cena urbana”.

A cidade, uma vez tomada de assalto pelo capital, tem sua vida cotidiana alterada. De acordo com Fani (2013), “O tempo passa a mediar a vida das pessoas, do seu relacionamento com o outro, uma relação coisificada, mediada pelo dinheiro e pela sua necessidade de ganhá-lo.”

Fani (2013, p.18) ainda complementa, “O ritmo da cidade, esse tempo duração, marca de tal modo a vida das pessoas que estas perdem a identificação com o lugar e com as outras pessoas.”

Mudanças no cotidiano, resultantes da ofensiva do capital, transformam hábitos de lazer em tarefas de consumo, o tempo livre cada vez mais é ocupado pela ida ao *shopping*, pelos passeios de carro; restando pouco tempo para a festa e a vida em comunidade no local em que se habita.

De acordo com Lefebvre (apud Fani, 2013, p. 23), “O cotidiano para Lefebvre caracteriza a sociedade em que vivemos e apresenta-se como o caminho mais racional para entendê-la”.

Tomando por base o conselho de Lefebvre, analisar o cotidiano dos frequentadores do espaço cultural Cantinho Girassol é a chave para o intento de compreender os impactos da ofensiva do capital na sociedade sorocabana, bem como os potenciais espaços de resistência e contra hegemonia existente na cidade.

Será o *Sarau Palavra Encantada*, que ocorre na periferia da cidade de Sorocaba, um potencial espaço de resistência a toda essa ofensiva do capital?

Essa pergunta, sem dúvida é a pergunta norteadora da pesquisa.

No entanto há outros objetivos presentes neste trabalho, sendo eles:

- a) Realizar estudos em torno da cidade e da periferia
- b) Registrar uma experiência cultural na periferia de Sorocaba – *Sarau Palavra Encantada* no bar Cantinho Girassol.
- c) Analisar as potencialidades da experiência cultural estudada.

2.3 Metodologia

Uma vez definido o Cantinho Girassol como espaço a ser analisado, era necessário construir o pesquisador e o instrumental de pesquisa. O percurso do pesquisador foi sendo construído ao longo de todo trabalho, sobretudo após a banca de qualificação, que ofereceu importantes contribuições.

A relação afetiva com o espaço e o fato de ser o pesquisador participante e implicado na pesquisa foi desde o começo uma preocupação para a realização de um trabalho objetivo e não militante, ou seja, um trabalho acadêmico que conseguisse o distanciamento suficiente para estudos e análises necessárias.

Decidimos que seria importante estudar o espaço em sua especificidade. Neste sentido, seria conveniente a realização de um estudo de caso e uma pesquisa participante.

De acordo com Gil (2002, p. 55),

A pesquisa participante, assim como a pesquisa-ação, caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas. Há autores que empregam as duas expressões como sinônimas. Todavia, a pesquisa-ação geralmente supõe uma forma de ação planejada, de caráter social, educacional, técnico ou outro (Thiollent, 1985). A pesquisa participante, por sua vez, envolve a distinção entre ciência popular e ciência dominante.

É difícil tipificar um método preciso para a pesquisa participante. De acordo com Gil (2002, p.49): “Torna-se difícil, portanto, prever com precisão os passos a serem seguidos numa pesquisa participante. E também não há consenso por parte dos diversos autores em torno de um paradigma de pesquisa participante.”.

Em nossa pesquisa, a proximidade entre o pesquisador e os sujeitos do espaço estudado foi um facilitador no que se refere à exploração do universo vivido por estes sujeitos.

De acordo com Gil (2002, p.150),

A descoberta do universo vivido pela população implica compreender, numa perspectiva interna, o ponto de vista dos indivíduos e dos grupos acerca das situações que vivem. Para tanto, os pesquisadores devem adotar preferencialmente técnicas qualitativas de coleta de dados e também uma atitude positiva de escuta e de empatia. Isso pode implicar conviver com a comunidade, partilhar seu cotidiano:

No entanto a mesma facilidade que a proximidade oferece pode converter-se em um risco.

Segundo Gil (2002, p. 151),

Essa postura pode, naturalmente, conduzir à subjetividade. Para evitar esse risco, o pesquisador pode, no entanto, utilizar concomitantemente técnicas estruturadas e adotar quadros teóricos de análise que emprestam maior significação e generalidade aos dados obtidos. (...) A pesquisa participante necessita também de dados objetivos sobre a situação da população. Isso implica a coleta de dados socioeconômicos e tecnológicos que, de modo geral, são de natureza idêntica aos obtidos nos tradicionais “estudos de comunidade”.

Tendo em vista todas as implicações que circunscrevem uma pesquisa participante, bem como os cuidados que se deve tomar, podemos então passar para a discussão sobre o estudo de caso.

O estudo de caso se trata, basicamente, de uma modalidade de pesquisa utilizada em ciências biomédicas e sociais. É o estudo exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, como afirma Gil (2002).

O estudo de caso, cada vez mais utilizado no campo das Ciências Sociais, levanta algumas objeções à sua aplicação e eficácia.

Para Gil (2002), a princípio, o estudo de caso levanta suspeitas acerca do rigor metodológico, a possibilidade de generalização, o tempo (geralmente longo) de pesquisa e a consistência dos resultados.

Sobre o rigor metodológico, questiona-se a possibilidade de enviesar-se a pesquisa, devido à ausência de um rigor metodológico mais eficaz. No entanto, Antônio Carlos Gil alerta que os vieses não são prerrogativas do estudo de caso e podem ocorrer em qualquer modalidade de pesquisa. Ainda de acordo com Gil (2002, p.54): “Logo, o que cabe propor ao pesquisador disposto a desenvolver estudos de caso, é que redobre seus cuidados tanto no planejamento quanto na coleta e na análise dos dados para minimizar o efeito dos vieses”.

Já com relação à generalização, Gil (2002) também afasta qualquer dúvida quando afirma que não é uma pretensão do estudo de caso proporcionar um conhecimento preciso das características de uma população, mas o de proporcionar uma visão global do problema ou ainda identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados.

Por fim, com relação ao tempo de estudo e a validade e consistência dos resultados, Gil (2002) afirma que: “Todavia a experiência acumulada nas últimas décadas mostra que é possível a realização de estudos de caso em períodos mais curtos e com resultados passíveis de confirmação por outros estudos”.

Deste modo, tendo em vista a adequação ao que seria estudado e a sua validade enquanto método de pesquisa, elencamos o estudo de caso como componente da metodologia.

Depois disso era preciso pensar em como se daria este estudo de caso, e foi então após algumas conversas, que chegamos à conclusão de que entrevistas semiestruturadas seriam um bom instrumental.

A possibilidade de consulta ao acervo pessoal existente no próprio bar, bem como a página do espaço no Facebook também veio contribuir com nossa análise.

Por fim, também incluímos na pesquisa a análise de algumas matérias existentes no Jornal *Zona Oeste em Foco*, que circula na região.

No que se refere às entrevistas, tivemos cuidado ao montar o roteiro utilizado para nortear as conversas. O roteiro foi elaborado com base na modalidade de entrevista temática, que é um instrumental da história oral. Diferente das histórias de vida, de acordo com Alberti (2014), as entrevistas temáticas versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, no caso sobre a participação dos frequentadores do Cantinho Girassol no *Sarau Palavra Encantada*.

No entanto, a biografia do entrevistado sem dúvida foi levada em consideração. De acordo com Alberti (2014, p. 175), “[...] seja concentrando-se sobre um tema, seja debruçando-se sobre um indivíduo e os cortes temáticos efetuados em sua trajetória, a entrevista terá como eixo a biografia do entrevistado, sua vivência e sua experiência”.

Para Alberti (2014, p. 171), “O trabalho de produção de fontes orais pode ser dividido em três momentos: a preparação das entrevistas, sua realização, e seu tratamento”.

A preparação das entrevistas iniciou-se pela elaboração deste projeto e em seguida pela escolha dos entrevistados. Alberti (2014, p.172) defende que “A decisão deve basear-se em critérios qualitativos, como a posição dos entrevistados no grupo e o significado de sua experiência”.

Neste ponto fizemos bastantes adequações para que o trabalho não saísse enviesado. Entrevistamos inicialmente os frequentadores que participavam do *Sarau*

Palavra Encantada, como os poetas, músicos e artistas que se apresentavam, e também o próprio Zé Miranda.

Após as primeiras entrevistas, entretanto, notou-se a necessidade de compreender o que os frequentadores do bar que não participavam do Sarau, e os que participavam apenas como espectadores, pensavam sobre as atividades culturais desenvolvidas no espaço. Então, adotamos medidas para preencher essa lacuna.

Foi nesse momento que surgiu a necessidade de passar a frequentar o espaço também nos momentos em que não havia Sarau. Aos finais de tarde, após o almoço e nos sábados durante a tarde, há outro público frequentando o espaço.

Com essa mudança foi possível realizar entrevistas com outras pessoas, que tinham outra visão, outra experiência, outra relação com o Cantinho Girassol.

Alberti (2014), além de chamar a atenção para o fato de que os entrevistados são unidades qualitativas e não estatísticas, alerta sobre a necessidade de um conhecimento prévio sobre o universo que será estudado.

Sobre o conhecimento prévio sobre o local, o fato de já participar do espaço gerou uma falsa impressão que não seria necessária esta etapa. No entanto, logo que assumi o papel de pesquisador e passei a olhar para o espaço a fim de compreendê-lo de forma mais ampla e profunda, pude constatar que seria necessário estabelecer outra relação com o mesmo.

Cada visita, cada conversa informal, cada sarau, cada cerveja ao pé do balcão se transformou em uma fonte de informação sobre o espaço. De certa forma foi como caminhar pelo bairro utilizando óculos de aumento.

Segundo Alberti (2014, p. 172),

Para seleccioná-los é necessário um conhecimento prévio do universo estudado; é preciso conhecer o papel dos que participaram ou participam do tema investigado, saber quais seriam os mais representativos e quais são reconhecidos pelo grupo, além de conhecer os que são considerados “desviantes”.

Alberti (2014) também recomenda que sejam entrevistados de diferentes origens e diferentes papéis no universo estudado.

Encontrar os desviantes foi uma tarefa difícil no começo, pois a primeira vista o espaço parecia apresentar certa coesão entre seus frequentadores, não havendo

divergências entre os mesmos. No entanto após alguns meses já foi possível testemunhar a primeira crise. O *Sarau Palavra Encantada* que fora fundado em março de 2013, com a participação do grupo “*Coesão Poética*”, deixaria de contar com essa parceria.

O problema é que houve relutância por parte do líder do grupo Coesão Poética e principal protagonista da dissidência e entre Zé Miranda, em participar deste trabalho. Por este motivo ficaremos apenas com o viés de Zé Miranda e de Córdoba Jr – membro do “*Coesão Poética*”, mas que permaneceu organizando o Sarau.

No fim, foi possível encontrar a dissidência na entrevista de um dos participantes do Sarau, sendo que este pediu para ser entrevistado em um local afastado do bar onde ocorre o Sarau, e pediu para não ser identificado, para se sentir mais à vontade em expressar suas discordâncias.

De maneira geral, foram entrevistadas pessoas que gostam de frequentar o espaço, e que participando ou não, vêm com bons olhos as atividades que ocorrem no Cantinho Girassol.

A última adequação que foi feita foi a entrevista da cantora Nilza Mesquita, pois percebemos que havia somente a Aninha como entrevistada feminina.

Depois de preparar o roteiro, escolher os entrevistados e realizar as entrevistas, houve o momento de tratar as entrevistas, ouvindo-as e transcrevendo-as, processo que exige bastante atenção e acuidade.

Durante a transcrição das entrevistas deve-se tomar minucioso cuidado. De acordo com Alberti (2014, p.181), “As tarefas envolvidas nessa passagem da entrevista para a forma escrita são penosas e requerem dedicação, paciência e sensibilidade”. É necessário ouvir atentamente a entrevista ao transcrevê-la e após a transcrição ouvir novamente, conferindo o que foi transcrito; tal processo denomina-se “conferência de fidedignidade”.

Por fim, no momento de análise das entrevistas, deve-se manter fiel a concepção de Le Goff (1984 apud Alberti, 2014) de “Documento-Monumento”. É adequado estar atento à intencionalidade intrínseca ao documento. Ou seja, o entrevistado tem uma visão dos fatos e uma visão de mundo, cuja mesmo de forma não intencional, ele tentará passar para o entrevistador, através de suas palavras.

2.4 Sujeitos da Pesquisa

2.4.1 Joel Gonzaga Filho (Joel)

Joel Gonzaga Filho é caminhoneiro de profissão, tem 58 anos de idade, nasceu em Itaporanga – SP, e é casado com a cantora Nilza Mesquita.

Joel costuma frequentar o espaço por volta da hora do almoço. Ele geralmente pede um vinho e raramente uma cerveja e encosta no balcão. Às vezes senta-se nas mesinhas do lado de fora.

Gosta de conversar, possui um bom arcabouço de histórias de viagens. Conhece bem o país e gosta de narrar. Joel é um bom narrador de histórias, qualidade rara hoje em dia. Ele é capaz de entreter, sem exagero, uma pequena plateia contando histórias sobre as viagens que realizou pelo país. Sua fala é bem tranquila e cadenciada.

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. É cada vez mais frequente que, quando o desejo de ouvir uma história é manifestado, o embaraço se generalize. É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIN, 2012, p. 213)

Joel também gosta bastante de música caipira. Sempre que Zé Miranda pega o violão e emenda umas modas de viola, Joel se anima a cantar.

Joel não costuma se apresentar nos Saraus, no entanto, em sua entrevista ele comentou a respeito de uma ocasião em que leu um poema do poeta Bosco da Cruz.

Por fim, é preciso nesta breve apresentação, dizer que ele reside com a cantora Nilza Mesquita no condomínio Parque dos Eucaliptos, vizinho ao Espaço Cultural Cantinho Girassol. Ou seja, é morador do bairro. Joel demonstrou em sua entrevista reconhecer o Cantinho Girassol enquanto um espaço importante na região, que proporciona arte, cultura e lazer. Quando perguntamos se ele indicaria o bar para alguém, ele disse o seguinte:

Olha, eu só não indicaria como já indiquei para vários. Entendeu? E como eu te falei do bar, é um bar aonde você tem amizade, você tem respeito, você tem cultura, você tem músicas boas, no bar, então ele praticamente ele não é um bar, ele é um espaço cultural, a pessoa vêm aqui, se sente bem aqui, através dos amigos que fizer, todos têm amizade, então sem comentário, é um bar que eu indico para todo mundo, não é só para os amigos, para todo mundo que encontrar eu falo “vai lá”. Aqui cê fica tranquilo, além de levar instrução ainda, por mais que a pessoa saiba, por mais instruída que ela seja, eu garanto que ela vai chegar aqui,

*e ela vai levar algo mais, sempre vai levar algo mais, por que a gente vive e aprende no dia a dia, está aprendendo, você nunca deixa de aprender. (informação verbal)*⁵

Figura 1 - Joel Gonzaga recitando um poema no 94º Sarau



Fonte: Acervo do Cantinho Girassol

⁵ Relato de Joel Gonzaga em entrevista ao autor no dia 05/11/2016.

2.4.2 Claudinei Gomes Quevedo (Nezinho)

Claudinei Gomes Quevedo, o Nezinho, tem 65 anos, nasceu em Sorocaba, é casado e atualmente mora no bairro Wanel Ville V.

Nezinho, como é chamado, é umas das figuras mais conhecidas do Cantinho Girassol. Ele toca violão e canta, fazendo parcerias com diversas pessoas. A sua *jam* mais famosa é com o percussionista Paulo Pita e o Contrabaixista Nei Carvalho, mas ele também toca bastante com a cantora Nilza Mesquita.

Nezinho é ferroviário aposentado, trabalhou na Sorocabana (ferrovia da cidade) como tapeceiro, também mora na região, no bairro Wanel Ville V.

Geralmente ele chega para as atividades durante a tarde, por volta das 15h ou 16h. Tem o costume de tomar cerveja em lata, sempre cuidadosamente colocada em um isopor, para não esquentar.

Ao chegar para uma prosa, logo é possível perceber que Nezinho gosta bastante de utilizar os diminutivos. “Cervejinha”, “violãozinho”, “menininha”, “garotinho”, são algumas palavras que ele usa com frequência.

Nezinho gosta bastante das atividades, são raros os dias em que não aparece, são raros mesmo. É parte orgânica das atividades que acontecem no espaço, tanto por se apresentar quanto por ajudar na organização.

Aqui o lugar é maravilhoso, fantástico, vai chegando as pessoas, grandes amigos... O espaço é da gente aqui, não tem aquela coisa de você chegar e você tem que fazer o que você precisa fazer. Aqui é um espaço cultural, brinca todo mundo e todo mundo se diverte. Tem poesias, tem música e é coisa que a gente gosta. (informação verbal)⁶

⁶ Relato de Claudinei G. Quevedo em entrevista ao autor realizada no dia 05/11/2018.

Figura 2 - Nezinho se apresentando no 94º Sarau



Fonte: Acervo do Cantinho Girassol

2.4.3 Nilza Mesquita (Nilza)

Nilza Mesquita nasceu em Sorocaba, embora tenha vivido fora de Sorocaba por mais de 30 anos, se considera sorocabana. É cantora profissional.

A cantora se apresenta quase todos os finais de semana no Cantinho Girassol. Participa das diversas atividades que ocorrem no espaço; do Sarau, do Palco Livre e também dos tributos que acontecem. Inclusive chegou a ter um evento próprio.

Ela costuma cantar de maneira bastante confiante. Ao observá-la, é possível notar que ela realmente tem domínio sobre o que está fazendo. Com muita segurança e uma afinação impecável, ela se apresenta utilizando inclusive performances com as mãos. Nilza tem uma presença de palco incrível.

É bastante carismática, sempre que surge alguém novo ela recepciona bem a pessoa, de modo a inseri-la na roda.

Como ela não toca violão, geralmente precisa que alguém faça os acompanhamentos para poder cantar. Na maioria das vezes há alguém disponível para isso no espaço, mas caso não haja não tem problema, ela se apresenta também à capela.

Na ocasião da visita da Geneviève Patte, uma bibliotecária francesa, Nilza cantou uma canção em francês para homenageá-la.

Nilza também é moradora do bairro. Como já dissemos na apresentação do Joel – seu marido –, ela mora no condomínio vizinho ao Espaço Cultural.

Figura 3 – Convite para evento da cantora Nilza Mesquita



Fonte: Acervo do Cantinho Girassol

2.4.4 João Batista Tomazi Filho (Córdoba Jr.)

O poeta João Batista Tomazi Filho, Córdoba Jr – como prefere ser chamado -, nasceu na cidade de Dois Córregos, tem 67 anos e é viúvo.

Córdoba Jr. é membro fundador do *Sarau Palavra Encantada*. Junto a Zé Miranda e Antônio Paulo, tudo começou.

Córdoba era morador do bairro Wanel Ville II, até o falecimento de sua companheira. Após este ocorrido, ele mudou-se para o bairro Santa Terezinha.

Mesmo morando mais distante continuou frequentando religiosamente o Sarau, ausentando-se em pouquíssimas ocasiões.

Córdoba é poeta e percussionista. Ele escreve suas poesias em uma linguagem própria, segundo os frequentadores do Girassol, o “cordobês”.

Repletas de Beatles, termos antigos e neologismos, suas poesias sempre tem um final surpreendente e inesperado.

Tropeçando em Allen Ginsberg

A fria noite envolve o denso bosque,
Carros fabricados por ébrios camaleões
dormem sob a garoa constante.

Ao lado dos “groche-dimanche”, arde o fogo,
envolvendo resistente coluna, onde muitas almas,
com sotaque debochado, curvaram-se por causa
da demência de dementes desumanos.

Na imensa sala de alvenaria, descansa
um ilustre e velho lustre, testemunha
de muitos julgamentos desonestos contra
Brian Jones

As três da manhã, jovens em gozo placebo,
viajam Beatles, Rolling Stones, em power-pólen,
vêm Joe Cocker lançar sobre a própria cabeça,
cinzas da conturbada auto-penitência.

A erva exalada no banheiro, preenche mentes, troncos
e silêncios auriculares, enquanto latas de cerveja
transpirando o sereno do bom verão, inundam o quintal.

Do lado de fora do portão, quatro ou cinco abóboras que se
Transformaram em lindas princesas, descansam à sombra de uma
figueira centenária, onde de um galho, pende um enforcado.
(CÓRDOBA JR)

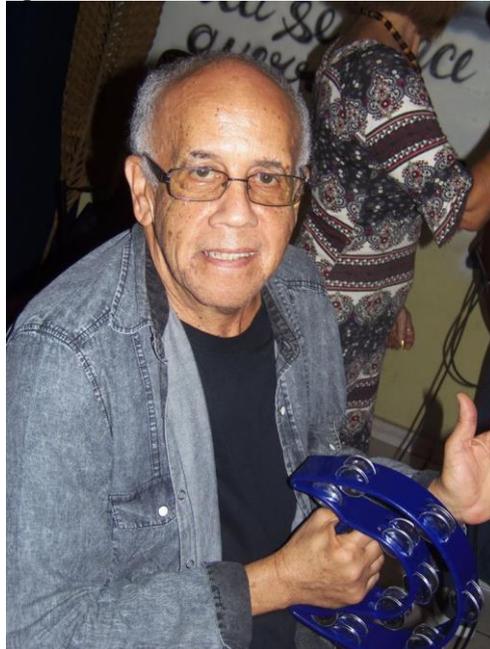
Além de tudo isso, Córdoba foi nomeado por Zé Miranda como uma espécie de embaixador do Cantinho Girassol, pois devido à sua disposição e flexibilidade de

horários é ele quem mais comparece as atividades enquanto representante do espaço.

Córdoba foi seminarista, *beatlemaníaco* e estudante de administração – área em que se formou. Foi também funcionário dos correios, mas agora está aposentado há algum tempo.

Então, eu fiz até a faculdade. Fiz administração de empresas, na antiga FACAS, onde hoje é a Uniso aqui na General Osório. Era Faculdades de Ciências Contábeis e Administrativas de Sorocaba. Fiz Administração ali de 1977 à 1980. 1980 foi o ano que o “filha da puta” lá matou John Lennon e, então, nesse ano, deixei estudar inglês porque eu tinha como uma segunda língua, a língua inglesa. Porque eu achava que um dia eu fosse trocar uma ideia com John Lennon, né. Mas a partir do momento que ele foi embora, eu deixei a língua inglesa de lado. (informação verbal)⁷

Figura 4 - Córdoba Jr., tocando meia lua



Fonte: Acervo de Luiz Flávio Mendonça , 31/12/ 2017.

⁷ Relato de João Batista Tomazi em entrevista ao autor realizada no dia 10/11/2016.

2.4.5 Evandro Aranha

Evandro Aranha é professor de informática e gestão empresarial, tem 29 anos de idade, nasceu em Sorocaba e é casado.

Aranha já lançou dois livros de poesias, *Fragments de um Córtex Perturbado* Vol.1 e Vol.2. Ambos os livros tiveram lançamentos no Cantinho Girassol, além de outros lugares onde Evandro realizou eventos para divulgar seu trabalho.

Evandro Aranha é um dos artistas autorais do espaço, sua poesia é visceral, e sua forma de recitar intensa. Evandro decora seus poemas e os recita com força e energia, por vezes literalmente aos berros. Como ele mesmo diz, alguns torcem o nariz, mas outros reconhecem o valor da inovação artística.

Absolutamente! Foi o lugar que eu me descobri, porque antigamente eu achava que eu escrevia poesia para mim. A partir do momento que vim aqui, o pessoal foi receptivo, foi acolhedor, eu descobri que a poesia tinha uma função muito maior do que satisfazer meu ego. Era uma coisa que alguém podia realmente ouvir o que eu estava falando, podia acreditar naquilo, sentir alguma coisa diferente. E aqui, pelo fato de ser um bar receptivo, os donos darem total liberdade, apoio mesmo, cultural à arte, me fez assim praticamente... Aqui eu brinco com o Zé: aqui é minha segunda casa. Eu, quando quero declamar, às vezes venho aqui é minha segunda casa, porque é "do caralho". (informação verbal)⁸

De acordo com Evandro, o Cantinho Girassol é um espaço que incentiva a cultura e a arte, através de seu *Sarau Palavra Encantada*. Embora não seja um frequentador tão assíduo quanto os outros, Evandro Aranha é uma figura importante no espaço.

Figura 5 - Evandro Aranha declamando no *Sarau Palavra Encantada*



Fonte: Acervo do Cantinho Girassol, 2014.

⁸ Relato de Evandro Aranha em entrevista concedida ao autor realizada no dia 05/11/2016.

2.4.6 João Bosco da Cruz (Bosco da Cruz)

Bosco da Cruz é o pseudônimo do poeta João Bosco da Cruz. Nasceu na cidade de Capão Bonito, e segundo ele, já trabalhou em diversas coisas, sendo o seu último emprego o de jardineiro. Bosco é divorciado.

É conhecido no espaço pelas suas poesias minimalistas.

O Bosco é membro do Grupo Coesão Poética, assim como o Córdoba. Atualmente não têm podido acompanhar as atividades do Cantinho Girassol por que trabalha no Jornal, e seu turno é o noturno.

Ele além de recitar suas poesias que são sempre autorais, toca *ukulele* e violão.

Bosco mora no Jardim Simus.

Figura 6 - Bosco da Cruz recitando



Fonte: Acervo do Cantinho Girassol, 05/05/2018.

Vida Simples

O bolo de fubá com café
 A fruta comida
 No pé
 A lida dura
 A vida simples
 Doce e Pura
 (BOSCO DA CRUZ)

2.4.7 Ana Cristina Rodrigues Henrique (Aninha)

Ana Cristina Rodrigues Henrique, poetisa e escritora, tem 14 anos de idade.

Aninha, como é chamada no Sarau é a pessoa mais jovem que frequenta e se apresenta.

Ela começou a participar do Sarau à convite do poeta Córdoba Jr., quando ainda tinha 9 anos de idade. No primeiro Sarau ela recitou o poema “Menininha” de Vinícius de Moraes. De acordo com Aninha, ela também declamou Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e outros poetas, até que começou a fazer poemas autorais.

Hoje Ana Cristina já está em seu 4º livro, o “Vivendo no Automático”. Antes dele, ela lançou uma trilogia de livros.

“Sim eu já lancei 3 livros. O Sementes de Ana Cristina em fevereiro de 2015, Flores de Ana Cristina em fevereiro de 2016, e Frutos de Ana Cristina agora em fevereiro de 2017”. (informação verbal)⁹

Aninha também é moradora do Bairro Wanel Ville.

Melhor idade

Temos que amá-los,
E também respeitá-los,
Exemplo de vivência,
Passam-nos experiência.

Estão na melhor idade,
De tudo têm saudade.
Estar com eles é uma maravilha
Transmitem muita alegria.

São o nosso exemplo,
Eu os contemplo.
Por muito terem vivido,
Por serem muito queridos.

Amor e compreensão
Respeito e admiração
Emoção é o que não falta,
E o coração se exalta!
(HENRIQUE, Ana Cristina Rodrigues. 2016, p. 21)

⁹ Relato de Ana Cristina em entrevista concedida ao autor realizada no dia 05/11/2016.

Figura 7 - Aninha no Sarau



Fonte: Acervo do Cantinho Girassol, 14/07/2019.

2.4.8 Auro Moreno Romeiro (Auro)

Auro é professor de geografia na rede pública estadual do estado de São Paulo. Tem 53 anos de idade e é casado. Frequenta o espaço, embora não costume se apresentar.

O Auro faz parte da turma que não se apresenta no Sarau, mas ele participa do Espaço Cultural de outras formas.

Costuma frequentar o espaço para tomar uma cerveja e levar uma prosa no balcão.

Ele veio da grande São Paulo, mais especificamente de Carapicuíba. Atualmente é morador do Wanel Ville.

Auro assim como Joel tem boas histórias para contar. Coursou Geografia na Universidade de São Paulo, onde também fez o mestrado.

Conversar com ele é sempre aprender algo novo, afinal, ele sempre traz uma curiosidade da geografia, da história ou então sobre o magistério. Auro também indica bons livros durante as conversas e abastece em algumas ocasiões a biblioteca do Cantinho Girassol com doações à Biblioteca Comunitária.

Figura 8 - Auro



Fonte: Página pessoal do Facebook de Auro

2.4.9 Vadson Amauri Monteiro. (Vadson)

Vadson Amauri Monteiro é paranaense nascido em Bela Vista do Paraíso, próximo a Londrina. Trabalha nos Correios como coordenador de vendas. É casado.

Ele não costuma se apresentar, mas em algumas ocasiões recitou poesias no espaço.

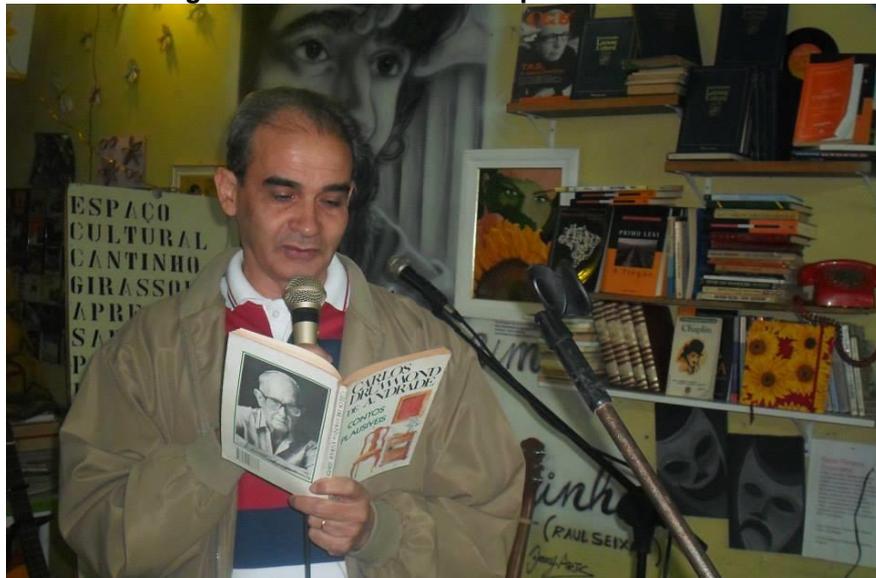
O Vadson também é formado em Geografia, pela UNISO. Ele costuma aparecer no final da tarde, depois do expediente, para tomar uma cerveja.

Ele participou dos primeiros saraus do Cantinho Girassol. Ultimamente é mais comum vê-lo durante a semana, à noite, tomando uma cerveja no balcão. É sempre a mesma cerveja, a Serra Malte.

Vadson considera o Cantinho Girassol um espaço importante para socializar a cultura.

Sim! Aqui no Wannel Ville, a carência, não só no Wannel Ville, a carência de cultura, de eventos culturais é muito grande. E aqui no Wannel Ville não é diferente, então o Cantinho Girassol, como o próprio Zé diz de vez em quando, é a resistência cultural aqui do Wannel Ville. Eu assino embaixo as palavras dele. (informação verbal)¹⁰

Figura 9 - Vadson lendo um poema no Sarau



Fonte: Acervo do Cantinho Girassol

¹⁰ Relato de Vadson em entrevista concedida ao autor no dia 10/11/2016.

2.4.10 Antonio Paulo Silva Costa (Silva)

Silva tem 51 anos de idade, nasceu em Itapeva – interior de São Paulo. Trabalha na Guarda Civil Municipal de Sorocaba há 20 anos. É graduado em filosofia e mestre em Comunicação e Cultura.

Apresentou o Sarau durante mais de três anos.

O Silva também é membro fundador do Girassol, juntamente com o poeta Córdoba Jr. e o Zé Miranda.

“Silêncio, a arte pede passagem” – este era o bordão dele durante as apresentações do Sarau. Sempre que um poeta ia dirigir-se ao microfone e a plateia estava inquieta, ele dizia esta frase.

Silva conheceu o bar por acaso.

Por acaso. Eu estava passando de carro, deu uma vontade de tomar uma cervejinha, vi o boteco aberto, parei e tomei uma cerveja. Aí lá, sentado, percebi que o bar era distinto. Livros pendurados, MPB rolando, televisão... então isso me chamou a atenção. Aí logo já fiz amizade com o José que é dono do bar e daí que numa dessas conversas ele me contou que em São Paulo ele tinha um bar que ele fazia sarau. (informação verbal)¹¹

Sobre a dinâmica de apresentações, ele disse que era bem simples, com poucas regras. Hoje ele não apresenta mais o Sarau, mas seu formato ainda é empregado pela Aninha – que agora é apresentadora do *Sarau Palavra Encantada*.

Ela é simples! É só uma lista que as pessoas deixam os nomes e aí segue uma ordem de apresentação, de acordo com a chegada das pessoas no evento. As pessoas chegam, dão o nome pra Giovana (que é minha esposa) que fica encarregada de fazer a lista, daí então é por ordem de chegada. (...)
Não. Não há nenhum privilégio. Eu procuro seguir a lista, obviamente, ordem de chegada e quando pedem bis essa pessoa repete a apresentação, com uma outra poesia, com uma outra música. Mas é de acordo com o calor da apresentação, que daí é o público quem determina. Obviamente que as debutantes, as pessoas que chegam lá pela primeira vez, também têm privilégios. (informação verbal)¹²

¹¹ Relato de Antonio Paulo em entrevista concedida ao autor no dia 06/04/2017.

¹² Relato de Antonio Paulo em entrevista concedida ao autor no dia 06/04/2017.

Figura 10 - Silva apresentando o Sarau



Fonte: Acervo do Cantinho Girassol

2.4.11 José Alves de Miranda (Zé Miranda)

Zé Miranda é o grande entusiasta das atividades que ocorrem no Bar Cantinho Girassol e também é o proprietário do estabelecimento. Seu nome de batismo é José Alves de Miranda. Ele é natural da Bahia.

“Meu nome completo é José Alves de Miranda, nasci numa cidade chamada Irecê, lá no sertão da Bahia. Tenho 49 anos, e sou casado há 25 anos, com a Cícera Miranda, sou comerciante.” (informação verbal)¹³

Desde muito cedo Zé Miranda teve gosto pela cultura, embora não tenha concluído os estudos, foi leitor e colecionador de livros, apreciador de músicos como Raul Seixas e Zé Geraldo. Ele também sempre esteve envolvido com o comércio, trabalhando com bares na grande São Paulo, para onde migrou ainda na infância.

Eu desde os meus dezessete anos, sempre tive bar, sempre fui um colecionador de livros, e isso foi sempre crescendo, até um belo dia eu tinha um bar lá no bairro do Brás, que foi onde começou mais forte ai o trabalho cultural né, com livros dentro do bar, sempre foi crescendo a biblioteca, a turma que frequentava o Sarau, o espaço meu lá antes do Sarau, já existia uma turminha que frequentava, que gostava de ler, de compor músicas e tal, essa foi a trajetória, no caso, para chegar até aqui né? (informação verbal)¹⁴

Durante quinze anos Zé Miranda geriu o Bar Pioneiro do Brás, onde já realizava eventos culturais. Sua fonte de inspiração foi o poeta Sérgio Vaz, nas palavras de Zé Miranda: “Temos, lá, a fonte de inspiração minha maior é o poeta Sérgio Vaz, que é um poeta da periferia.”

De acordo com ele houve outras fontes de inspiração, como o Sarau do Binho, mas a mais relevante foi o Sarau da Cooperifa, organizado por Sérgio Vaz, no bar Zé do Batidão, zona sul de São Paulo. Lá o Sarau também funciona até os dias de hoje.

Sobre o Sarau da Amizade, organizado por Zé Miranda, no Pioneiro do Brás, não discutiremos aqui. Aqui nos limitaremos a mencionar este Sarau que ocorreu na grande São Paulo, e que sem dúvida gerou um acúmulo de experiências posteriormente aproveitado por Zé Miranda em Sorocaba.

¹³ Relato de José Alves de Miranda em entrevista concedida ao autor em 22/11/2016.

¹⁴ Relato de José Alves de Miranda em entrevista concedida ao autor no dia 22/11/2016.

No entanto, a fórmula aprendida por Zé Miranda com a Cooperifa, aplicada no Brás e depois trazida para Sorocaba, não escapou de sofrer um embate com as especificidades da cidade.

Figura 11 - Zé Miranda em seu cotidiano no bar



Fonte: Acervo pessoal, 13/07/2018.

3 EU VOU FICAR NESTA CIDADE, NÃO VOU VOLTAR PARA O SERTÃO / POIS VEJO VIR VINDO NO VENTO O CHEIRO DA NOVA ESTAÇÃO

A frase que intitula este capítulo faz referência à canção do cantor e compositor cearense, intitulada “Como Nossos Pais”. No trecho é possível notar um sentimento de resiliência e esperança, esperança de que embora as coisas não estejam indo bem, elas podem mudar.

Neste capítulo vamos tratar de discutir a cidade e a periferia, tendo como foco Sorocaba, trazendo à tona suas especificidades, seu perfil conservador e o mais recente momento de expansão do consumo. Ainda neste capítulo, procuramos discutir as resistências que existem ao processo de avanço do capital, citamos algumas experiências e alguns coletivos de cultura que existiram e/ou ainda existem na cidade de Sorocaba, afim de situar o Cantinho Girassol neste cenário.

O historiador francês, Jacques Le Goff, dedica-se a compreender a gênese das cidades na idade média e sua relação com a cidade contemporânea.

A cidade contemporânea, apesar das grandes transformações, está mais próxima da cidade medieval que esta última da cidade antiga. A cidade da idade média é uma sociedade abundante, concentrada, em um pequeno espaço, um lugar de produção e de trocas em que se mesclam o artesanato e o comércio alimentados por uma economia monetária. É também o cadinho de um novo sistema de valores nascido da prática laboriosa, e criadora do trabalho, do gosto pelo negócio e pelo dinheiro. É assim que se delineiam, ao mesmo tempo, um ideal de igualdade de uma divisão social da cidade, na qual os judeus são as primeiras vítimas. Mas a cidade concentra também os prazeres, os da festa, dos diálogos a rua, nas tabernas, nas escolas, nas igrejas e mesmo nos cemitérios. Uma concentração de criatividade de que é testemunha a jovem universidade que adquire rapidamente poder e prestígio, na falta de uma plena autonomia (LE GOFF, 1998, p. 25).

Para o historiador da Escola dos Annales, as cidades medievais tiveram um importante papel no desenvolvimento da civilização europeia, pois funcionaram como espaço de trocas, onde as pessoas se encontravam e socializavam os conhecimentos. A cidade medieval também funcionava com espaço de festa, onde os cidadãos se encontravam pelo simples prazer de se encontrar e celebrar.

A festa, na concepção de Lefebvre (2001) é valor de uso. Ou seja, a função da festa – ao menos em suas origens - não é a troca, mas sim o lazer, o prazer e o proveito das pessoas.

A importância das cidades no processo de formação e consolidação da sociedade burguesa no ocidente aparece na obra de Marx e Engels (1997, p.41),

“Dos servos da Idade Média nasceram os moradores dos primeiros burgos; desta população municipal, saíram os primeiros elementos da burguesia”.

A cidade medieval surge enquanto espaço de troca, de encontro e de liberdade. Mas ainda de acordo com Le Goff (1998), também se converte em espaço de cobiça. Marx e Engels (1997, p. 44) colocam a questão desta maneira: “A burguesia submeteu o campo à cidade. Criou grandes centros urbanos; aumentou prodigiosamente a população das cidades em relação à dos campos”.

A expropriação dos camponeses enche a cidade de despossuídos em busca de trabalho nas indústrias. A urbanização e a industrialização caminham juntas em um processo de indutor-induzido, em que tanto o primeiro favorece ao segundo quanto o vice e versa. (Le Febvre, 2001).

As fábricas precisam da concentração de pessoas, e a concentração de pessoas só pode ocorrer devido à existência das fábricas.

Lefebvre argumenta que a cidade é implodida pela com o surgimento da indústria, e depois explode, quando a cidade industrial se generaliza e se espraia pelo mundo todo.

Na conjuntura atual vivemos em uma sociedade quase que completamente urbanizada, salvo alguns pontos onde não há interesse do capital, ou então em áreas de grande lavoura ou ainda de turismo e preservação ambiental, é possível notar o gênero de vida urbano enquanto dominante em praticamente todo lugar.

No Brasil, por exemplo, na região sudeste temos 80.000.000 de habitantes vivendo na zona urbana, enquanto menos de 10.000.000 vivem na zona rural. A região sudeste é mais urbanizada, uma vez que concentra 46% da população urbana do país, no entanto as demais grandes regiões também apresentam uma população urbana bastante superior à população rural.¹⁵

As contradições de nosso tempo são diferentes das contradições da cidade medieval, é verdade. As cidades tomaram proporções colossais e possuem estruturas e características muito mais complexas.

Se em volta das muralhas das cidades no período da baixa idade média havia as muralhas, hoje encontramos nas cidades as periferias, que não necessariamente são as regiões mais afastadas do centro. A relação centro-periferia é complexa, dedicaremos os próximos parágrafos a tratar um pouco desta questão.

¹⁵ Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Burgos (2013, p. 264) coloca o problema da seguinte maneira:

São territórios em presença do Urbano Periférico, no qual sobrevive o trabalhador que sobra dos mais diversos setores, absorvido em processos de trabalho existentes no circuito inferior da economia urbana, que se vincula direta ou indiretamente ao circuito superior.

O debate acerca da periferia foi parte de um plano privilegiado nos anos 70 e 80, no entanto a temática foi relegada a um segundo plano nos anos 90. Por este motivo, Burgos sugere o termo Periferia Revisitada.

De acordo com Peçanha (2011, p. 11),

No limiar do século XXI, ganham visibilidade os produtos advindos dos guetos, favelas, periferias, baixadas, subúrbios, e outros espaços que margeiam os centros geográficos e econômicos e recebem nomeações diversas: Favelados, periféricos, suburbanos, marginais, e marginalizados, que sempre foram tema ou inspiração de criações artísticas, passam de objetos a sujeitos e esforçam-se para transformar suas próprias experiências em linguagem específica. É tudo aquilo que um dia faltou – acesso, infraestrutura, bens, técnica, dentre outros – torna-se matéria – prima de uma estética que está sendo edificada.

Alguns programas de televisão, dos mesmos anos 90, ajudam a reforçar uma visão estereotipada da periferia. *Aqui, Agora* (SBT,1991), *190 Urgente* (CNT, 1996) e *Cidade Alerta* (Rede Record,1998), são exemplos de programas que ajudavam a associar a periferia à crime e violência (Peçanha, 2011).

Depois a mídia acabou por veicular um outro olhar sobre a periferia. De acordo com Peçanha (2011, p. 12),

No início deste novo século, alguns dos programas policiais acima citados ainda são mantidos. Entretanto, passaram a ser veiculados também programas que apostam na periferia como objeto do entretenimento, assim como o seriado *Turma do Gueto* (Rede Record, 2002), que trazia atores oriundos da periferia como protagonistas e enredos que tematizavam, além da pobreza e da violência, a solidariedade entre os periféricos e as suas estratégias de sobrevivência; e o programa de variedades *Central da Periferia* (Rede Globo, 2006), que mesclava apresentações musicais de ídolos de massa com reportagens sobre projetos de ação cultural e política organizados nas periferias urbanas de todo o país (como a *Cooperifa*, que foi um dos temas do primeiro programa exibido) Mais recentemente em canais públicos, estrearam os programas *Manos e Minas* (TV Cultural, 2008) e *Aglomerado* (TVE Brasil, 2011), que têm como foco a abordagem do universo dos jovens de periferia e favelas. Na televisão por assinatura há ainda a série *Conexões Urbanas* (Multishow, 2008), apresentada por um dos idealizadores do Grupo Cultural Afro Reggae e considerado o braço televisivo do momento.

Conforme Peçanha (2011), a periferia está presente nos filmes *O Invasor* (Beto Brant, 2001), *Cidade de Deus* (Fernando Meirelles, 2002) e *Antônia* (Tata Amaral, 2006) e *Tropa de Elite 1 e 2* (José Padilha, 2007 e 2010).

Peçanha demonstra como a temática da periferia têm ocupado a pauta da grande mídia nos últimos 20 anos. Ora aparecendo de forma estereotipada, associada ao crime e a violência, ora aparecendo de forma romantizada, onde são enfatizados os aspectos de solidariedade, resiliência e determinação, de forma a ocultar as contradições.

Procuramos não romantizar e tampouco demonizar, mas sim tratar a periferia com um olhar atento e consciente.

Segundo Bonduki (2001, p. 96-98), conforme citado por Burgos (2013, p. 267),

Hoje, quando falamos em periferia, as várias situações se misturam. A favela da periferia se junta com o loteamento de periferia, que é uma situação que estava crescendo nos anos 70. Tem também o processo de adensamento da periferia, que precisa ser melhor estudado. [...], E temos, nos anos 90, as ocupações de mananciais e da serra, muitas vezes promovidas pelas próprias associações [responsáveis pelos loteamentos]. Isso ainda dentro daquele padrão tradicional de expansão periférica. [...] Por uma série de razões físicas e econômicas da cidade, as possibilidades que as periferias dos anos 50 tiveram de se transformar em bairros não existem mais para as periferias dos anos 80. [...] Apesar de muitas vezes não ter asfalto ou esgoto, a periferia já nasce com condições melhores de infraestrutura. Mas mesmo assim, ela não vai chegar a ser um lugar bom, ao contrário da periferia dos anos 50 e 60, na grande maioria transformada hoje em dia em bairros bastante razoáveis do ponto de vista da urbanização. [...] Mas e agora? Quando toda periferia tiver água, luz, asfalto, esgoto - e estamos nos encaminhando para isso - então, vai acabar a periferia?

Eu acho que não. Por causa do elemento social [...]. As ruas podem ser asfaltadas, o esgoto pode estar lá, mas aquela sensação de carência continua. [...]. Outra questão é a econômica, a de salário, e a de não ter trabalho, tudo isso culminando na questão da violência. [...] Os conjuntos da Cohab, por exemplo, são parte da cidade formal, foram feit[o]s por empreiteiras, tiveram um projeto. Aquilo é periferia? Claro! [...]. Novamente, retorna aquela pergunta: então, será que cortiço e periferia? Cada vez mais isso se coloca.

É importante que tenhamos em vista esta nova noção de periferia revisitada (Burgos, 2013), que embora não carregue em suas paisagens a mesma falta de infraestrutura de anos atrás, carrega ainda a falta e/ou precariedade dos empregos, a ausência de cultura, lazer e entretenimento.

Quando pensamos a relação entre cidade, periferia e cultura, nós nos deparamos com alguns autores como Thomaz (1995, p. 427) que afirmam: “a cidade

contemporânea, por outro lado, longe de ser o lugar da homogeneidade cultural vem marcada pelo encontro – e pelo conflito - de diferentes grupos”.

De acordo com Bosi (1987, p. 8) “A Cultura das Classes Populares, por exemplo, encontra-se em certas situações, com a cultura de massa; esta, com a cultura erudita; e vice-versa”.

Ou seja, é comum encontrar na cidade e espaços culturais o conflito entre as pessoas; bem como o encontro entre a cultura popular, a erudita e ainda a cultura de massas. Portanto, nada será encontrado em seu estado de pureza.

3.1 Nunca se vence uma guerra lutando sozinho

O filósofo Henri Lefebvre nos oferece dois caminhos para o estudo da totalidade que é o urbano. Conforme Lefebvre (2001, p. 67)

Dois empreendimentos são aqui possíveis. O primeiro vai do mais geral ao mais singular (das instituições para a vida cotidiana) e descobre então a cidade como plano específico e como mediação privilegiada (relativamente). O segundo parte desse plano e constrói o geral utilizando elementos e significações do observável urbano.

Aqui nossa análise vai dedicar-se a analisar o caso específico do Cantinho Girassol, um espaço cultural na periferia de Sorocaba, cidade localizada a 20 km da capital do estado de São Paulo. Faremos uma breve análise da Cidade, do bairro e então do espaço em si.

Sobre nosso lugar no mundo, podemos considerar que vivemos em um país periférico, desde os tempos da colonização, já éramos periferia. Estamos na periferia do sistema capitalista, na periferia do continente americano - a América Latina. Falamos o idioma dos periféricos, o português¹⁶, e quando vamos a uma metrópole, por exemplo, os EUA, somos tratados como periféricos, latinos, *cucarachas*, *beaners*. Como apontava Galeano em seu belíssimo texto, *As Veias abertas da América Latina*.

É a América Latina a região das veias abertas. Do descobrimento aos nossos dias, tudo sempre se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal se acumulou e se acumula nos distantes centros do poder. (GALEANO, 2013, p.18).

Embora periferia do sistema, a nossa região do mundo contribui e muito com o mercado mundial, fornecemos quase tudo em gêneros alimentícios e matérias prima, as *commodities*. No entanto essa condição de exportador de matérias-primas coloca nosso país em uma situação de fragilidade econômica, diante das oscilações do mercado internacional. De acordo com o economista Plínio Arruda Sampaio Jr. (2017, p. 171),

O deslocamento do centro dinâmico do crescimento para o mercado externo e o avanço do processo de especialização regressiva das forças produtivas

¹⁶ Aqui consideramos nossa antiga metrópole, Portugal, enquanto parceiro menor na exploração do trabalho em escala global e, portanto, periferia dentro da U.E.

reforçam a dependência da economia brasileira em relação às vicissitudes do mercado internacional. Ao comprometer o valor das *commodities* e deprimir sua demanda, o agravamento da crise econômica mundial fecha os espaços para o aumento das exportações. Ao contrário do que ocorreu em 2010, a metástase da crise estreita brechas para contornar as dificuldades. A falta de perspectiva de uma solução duradoura para o impasse da União Europeia, a desaceleração da economia chinesa, o baixo crescimento dos Estados Unidos, e a dificuldade de ampliar as vendas para o Mercosul enredam a economia brasileira nas tendências recessivas que paralisam a economia mundial.

Viver na periferia do mundo já não é uma tarefa fácil. O que podemos dizer então sobre viver na periferia de uma cidade de médio porte, de um país periférico?

“A cidade não para, a cidade só cresce, o de cima sobe e o de baixo desce”, é o que anunciava Chico Science na música “A Cidade”, lançada no ano de 1994.

Sem dúvida o crescimento urbano é um dos fenômenos espantosos de nosso tempo, gerando uma cidade apartada, fragmentada.

[...] está rachando em diversas partes separadas, com a aparente formação de microestados. Os bairros ricos são atendidos por toda sorte de serviços, tais como escolas caras, campos de golfe, quadras de tênis e patrulhamento particular 24 horas por dia, que se emaranham entre ocupações ilegais, onde a água é disponível somente em fontes públicas, nenhum sistema sanitário existe, a eletricidade é privilégio de poucos, as ruas tornam lama quando chove e o compartilhamento dos espaços domésticos é a norma. Cada fragmento parece viver e funcionar autonomamente, atendendo-se com firmeza àquilo que foi possível agarrar na luta diária pela sobrevivência. (HARVEY, 2006 apud MONTGOMERY, 2003, p. 29)¹⁷

As cidades contemporâneas aparecem como magníficas obras do capital, cobertas por arranha-céus, *shoppings* e avenidas tomadas por utilitários. No entanto, todos estes baluartes escondem uma cidade fragmentada e segregada. Em Sorocaba, embora de forma tardia, esta dinâmica se manifestará de forma semelhante.

De acordo com Burgos (2015, p.155), “a cidade vem ampliando o número de *shopping centers*, chegando ao número de nove empreendimentos em 2014”. Ainda de acordo com Burgos (2015) também aumentaram significativamente, na cidade de Sorocaba, a frota de automóveis e os empreendimentos imobiliários.

Deste modo temos uma cidade em processo de expansão, orientada pela lógica neoliberal e orquestrada pelas demandas do capital.

¹⁷ Marcelo Balbo, citado em Mark R. Montgomery et. al. (org.), *Cities Transformed: Demographic Change and Its Implications in the Developing World* (Washington, The National Academies Press, 2003), p. 379.

Além destas grandes superfícies comerciais, destaca-se a diversidade de padrões de condomínios fechados, que têm retalhado a cidade como um todo. Estes são elementos estruturais da paisagem urbana e não correspondem exatamente a uma cidade mais democrática, pois se trata de verdadeiros templos do consumo em detrimento de uma maior oferta de espaços de cultura e educação, a exemplo do que poderia ser implantado como grandes centros culturais, tão necessários para pensarmos no sentido mais pertinente do que possa ser sinalizador de caminhos para a construção do direito à cidade para todos. (Burgos, 2015, p. 156).

Porém, se de um lado há o avanço implacável do capital, de outro há a resistência da população.

De acordo com Rolnik (1988, p. 25), quando o território da opressão vira cenário de festa, é a comunidade urbana que se manifesta como é: com suas divisões, hierarquias e conflitos, assim como com suas solidariedades e alianças.

Deste modo, embora o processo de expansão e reprodução da cidade do capital¹⁸ promova a coisificação e o isolamento dos habitantes, de acordo com Fani (2013, p. 19), “A vida das pessoas se modifica com a mesma rapidez com que se reproduz a cidade. O lugar da festa, do encontro, quase desaparecem”, há um processo inverso de resistência, baseado na solidariedade, nas trocas e na ajuda mútua, sobretudo nas regiões periféricas, que são as mais carentes de recursos oriundos do estado.

Sorocaba, de perfil industrial¹⁹, tem um número significativo de pessoas empregadas na indústria com um rendimento médio alto, em comparação com a média do estado e com outros setores da própria cidade.

São diversos os empreendimentos imobiliários realizados na cidade. O Wanel Ville, bairro em que se localiza o Espaço Cultural Cantinho Girassol, é fruto de um desses empreendimentos.

No início dos anos 2000, no governo do Prefeito Renato Amary, começou a ser loteado o que viria a ser o bairro Wanel Ville. Os terrenos loteados atraíram para a região muitas famílias recém-formadas. Observa-se que no censo de 2010 a maior parte dos entrevistados na região possuía entre 25 e 44 anos de idade.

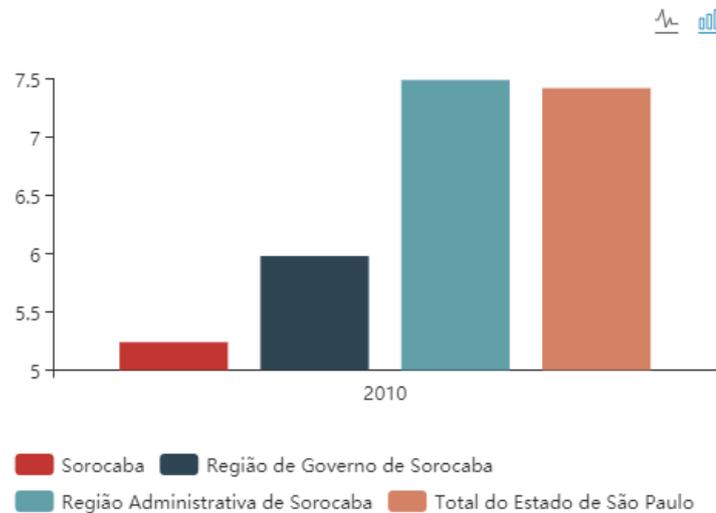
¹⁸ “As catedrais, apesar de construídas pelo homem, pertencem a Deus; já as cidades de hoje, pertencem ao capital. Para usufruir a primeira é necessário a subjugação a Deus, seguir seus mandamentos. No caso da cidade é a subjugação do homem às necessidades de reprodução do capital; onde o homem se vê capturado pelas necessidades de consumo e lazer.”(Ana Fani in A Cidade, p.12).

¹⁹ Segundo dados do SEADE, em 2015 28,28% dos empregos formais encontravam-se na Indústria, enquanto que no estado este dado era de 18,36%. O salário médio desse setor era em 2015 no valor de R\$ 3.992,26.

Assim, quando se fala da periferia de Sorocaba, sobretudo a da Zona Oeste, estamos falando de uma periferia que carrega essa especificidade, ou seja, ser uma periferia de uma cidade urbanizada e industrial, pois como podemos constatar nas estatísticas, cerca de 28% da população economicamente ativa estava em 2015 empregada na Indústria, com renda média de 3992,62 reais por mês. Claro que há os miseráveis e espoliados, como há em todo estado de São Paulo. No entanto, na cidade de Sorocaba, eles existiam em menor número – agora em número crescente - e são tratados de forma truculenta pelo poder público municipal, sendo inclusive expulsos das regiões centrais e enviados para habitações populares afastadas da cidade, como é o caso do C.H Ana Paula Eleutério (Habiteto) e o mais recente Jardim Carandá.

O censo 2010 (gráfico abaixo) demonstra em porcentagem que Sorocaba tem índices melhores que os da totalidade do estado de São Paulo.

Gráfico 1 - Domicílios particulares com renda per capita até 1/4 do salário mínimo



Fonte: SEADE. Perfil dos Municípios Paulistas. Dados da cidade de Sorocaba.

Disponível em:

<<http://www.perfil.seade.gov.br/>>. Acesso em: 01 mai. 2018

Tabela 1 - Índices sobre as Condições de vida e escolaridade da cidade de Sorocaba

Tipo de Índice	Sorocaba	Região de Governo	Estado
Domicílios Particulares com Renda per Capita até 1/4 do Salário Mínimo - Censo Demográfico (Em %)	5,24	5,98	7,42
Domicílios Particulares com Renda per Capita até 1/2 Salário Mínimo - Censo Demográfico (Em %)	14,71	17,40	18,86
Taxa de Analfabetismo da População de 15 Anos e Mais - Censo Demográfico (Em %)	3,10	4,40	4,33
Esgoto Sanitário - Nível de Atendimento - Censo Demográfico (Em %)	97,75	91,08	89,75

Fonte: SEADE. Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - IDHM - 1991/2000/2010.

De acordo com Milton Santos as periferias apresentam dramas bastante semelhantes.

Com diferença de grau e de intensidade, todas as cidades brasileiras exibem problemáticas parecidas. Seu tamanho, tipo de atividade, região em que se inserem etc. são elementos de diferenciação, mas, em todas elas, problemas como os do emprego, da habitação, dos transportes, do lazer, da água, dos esgotos, da educação, e saúde são genéricos e revelam enormes carências. (SANTOS, 2013, p.105).

Talvez o maior drama da periferia sorocabana seja o abandono cultural. Não há espaços de encontro a não ser o bar e a igreja. As praças públicas estão bem cuidadas, mas para o poder local devem ser apenas espaços belos na paisagem, não são funcionais, não tem vida, e recebem apenas vez ou outra alguma atividade promovida pela Secretaria da Cultura – geralmente dentro da lógica do grande evento. Na periferia não há bibliotecas, tampouco teatros, cinemas ou qualquer coisa do gênero. De acordo com o historiador sorocabano Carlos Cavalheiro (2017, p. 68),

Nesse sentido, a massa é “educada” para o consumo. O lazer é apresentado como um passeio dentro do shopping center, um mundo idealizado onde não há barulho, onde não há mendigos solicitando a caridade pública, onde sempre é a mesma hora do dia, a mesma iluminação, o mesmo volume de música, o mesmo cheiro artificial de sacarose no ar. Um lugar em que as vitrines exibem os deuses cultuados com nomes de grifes. O templo do consumo e da idiotia, em seu sentido mais específico (...)

Então, a inclinação para a transformação dos espaços públicos em lugares de consumo não contribui para o fortalecimento dos laços de pertencimento, de comunidade.

As sucessivas gestões da oligarquia local esforçaram-se por implementar na cidade o espraiamento da mesma, fomentando seu crescimento sem, no entanto, preocupar-se com as questões sociais. De acordo com Santos (2013, p.107) essa é uma tendência no processo de urbanização brasileiro. “O capitalismo monopolista agrava a diferenciação quanto à dotação de recursos, uma vez que parcelas cada vez maiores da receita pública se dirigem à cidade econômica em detrimento da cidade social”.

No entanto, é preciso salientar que devido a todas as especificidades elencadas acima, embora a lógica da cidade econômica – onde há predileção pelo

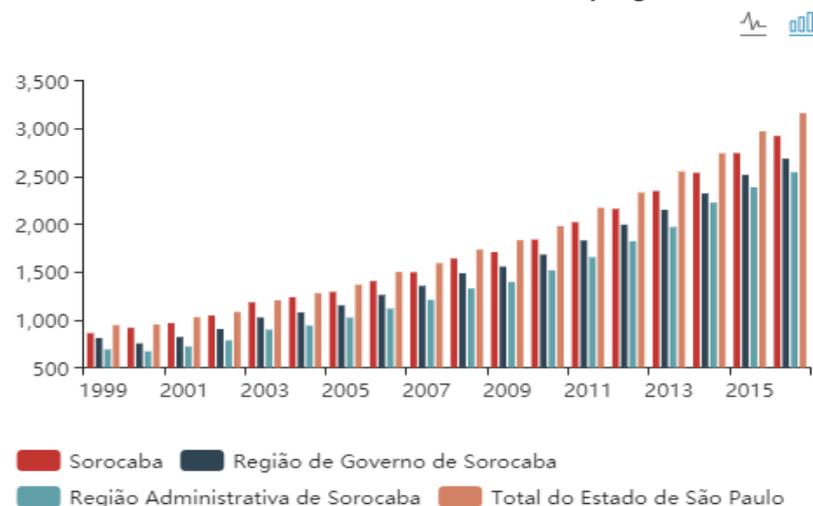
lucro das empresas - seja uma realidade em Sorocaba, há pessoas em condições de acessar esse modelo de cidade.

Por outro lado, as cidades de porte médio passam a acolher maiores contingentes de classes médias, um número crescente de letrados, indispensáveis a uma produção material, industrial e agrícola, que se intelectualiza. (SANTOS, 2013, p. 160).

No caso da comunidade no entorno do Cantinho Girassol há bastante diversidade, como demonstraremos no momento em que tratarmos de forma mais detalhada sobre o bairro Wanel Vile I. Há pessoas morando em moradias mais simples, enquanto que há outras morando em moradias de padrão mais alto.

Há na cidade pessoas com salários acima da média dos empregos formais, que possui casa própria e ao menos um automóvel, mas também há pessoas em condições pauperizadas.

Gráfico 2 - Rendimento Médio do Total de Empregos Formais



Fonte: SEADE. Perfil dos Municípios Paulistas entre 1999 a 2016. Dados da cidade de Sorocaba

É notório também o número de igrejas espalhadas pelo bairro, e também pela cidade, Sorocaba é uma cidade majoritariamente cristã. Embora haja contestações, o poder local aglutina-se em torno da fé cristã. Um exemplo é o totem que fica na entrada da cidade, que já foi pichado e alvo de discussões sobre seus dizeres diversas vezes.

Figura 12 - Totem pichado



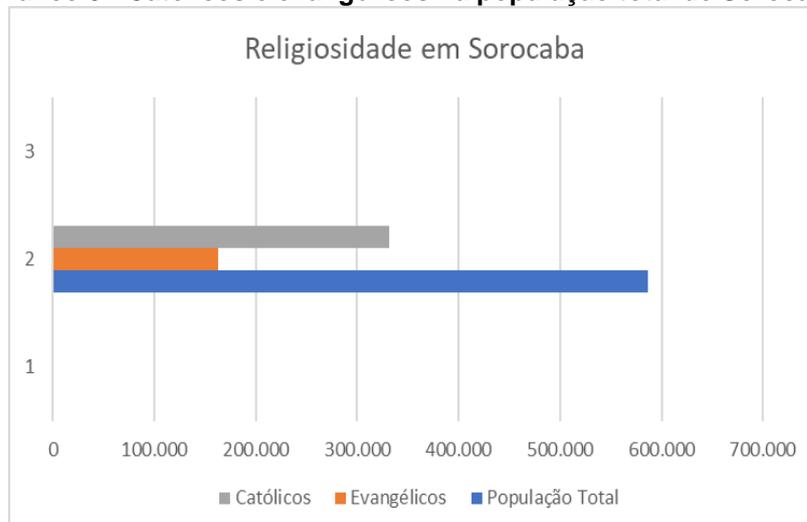
Fonte: Notícias do *Jornal Cruzeiro do Sul*.

Disponível em: <<http://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/489995/totem-e-alvo-de-pichacao>> Acesso em: 02 mai. 2017.

Ao adentrar-se na cidade, pelo acesso da SP-075 Senador José Ermírio de Moraes (Castelinho), é possível notar a força das comunidades cristãs da cidade. Logo na entrada encontra-se um totem com a frase “Sorocaba é do Senhor Jesus Cristo”.

Em Sorocaba a comunidade evangélica, sobretudo os neopentecostais, é bastante forte, o presidente da edilidade local foi eleito enquanto candidato deste segmento. Comparado com o estado, o número de evangélicos é proporcionalmente maior. Em Sorocaba os evangélicos representam, de acordo com o censo de 2010, 27% da população; enquanto que no Estado de São Paulo este número equivale a 24% da população.

Gráfico 3 - Católicos e evangélicos na população total de Sorocaba



Fonte: Dados IBGE, Senso 2010.

Além disso, há também a forte influência da maçonaria; continuando pelas avenidas da cidade é possível verificar diversos monumentos homenageando as lojas maçônicas da cidade e outras entidades filantrópicas; há a Praça da Maçonaria, a Praça Demolay, Praça Lyons, Praça Rotary etc.

O perfil industrial, a política higienista e gentrificadora do poder público, a forte presença das comunidades cristãs e da maçonaria nos assuntos públicos, contribuem para a manutenção de um *ethos* conservador na cidade.

Não é de se espantar que Sorocaba seja também (re)conhecida por essa característica, considerando-se alguns episódios envolvendo o nome da cidade. Dentre tantos um de grande repercussão foi quando um juiz substituto publicou uma portaria proibindo as pessoas de se beijarem em público.

Tudo começou quando o juiz substituto da Vara de Menores Manuel Moralles proibiu "beijos cinematográficos, em que as mucosas labiais se unem em expansão insofismável de sensualidade". Vetou também "apalpadelas, apertões, abraços indecorosos, beijos prolongados ou qualquer ato libidinoso". (TOMAZELA, 2009) ²⁰

Mais recentemente, há o decreto que visa regulamentar a comercialização nas vias públicas, e inclusive a doação de alimentos.

Capítulo VI

DA DOAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE ALIMENTOS

Art. 27 A doação e distribuição gratuita, em vias e áreas públicas, de alimentos manipulados e preparados para consumo imediato dependerá de prévia autorização do Secretário da Fazenda.

§ 1º O pedido referido neste artigo deverá ser acompanhado:

- I - da descrição do equipamento a ser utilizado na doação ou distribuição, comprovação;
- II - de comprovação do atendimento das normas de higiene e segurança do alimento;
- III - do registro do local de produção junto à autoridade competente, se for o caso;
- IV - da indicação do local, dias e horário pretendido para doação e distribuição.

§ 2º A autorização mencionada neste artigo dispensa o procedimento de seleção técnica, bem como o pagamento do preço público.

§ 3º Fica dispensada a autorização a que se refere este artigo par distribuição de produtos industrializados devidamente regularizados na vigilância sanitária e que não dependam de manipulação para preparo.

§ 4º O interessado deverá observar, no que couber, as obrigações e vedações previstas na Lei Municipal nº10.985, de 29 de outubro de 2014, e neste Decreto. (Trecho da Lei LEI Nº 10.985, DE 29 DE OUTUBRO DE

²⁰ Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,livro-resgata-episodio-do-beijo-proibido,354915>. Acesso em: 09/08/2018

2014 - Regulamentada pelos Decretos nº 22.268 e 22.446/2016- uso das vagas da Zona Azul.

Esse decreto vem sendo utilizado para criar empecilhos ao uso do espaço público por ambulantes, vendedores de artesanato, malabaristas e até mesmo um padre que realizava periódicas doações de alimentos no centro de Sorocaba.

Há também a sistemática perseguição dos artistas de rua, que são proibidos de fazer malabares nos semáforos de Sorocaba. A Polícia Militar (PM) e a Guarda Civil Municipal (GCM) abordam os artistas de rua e apreendem seus equipamentos.

Desde o início de sua gestão em 2017, o prefeito da cidade de Sorocaba, José Crespo, tem se esforçado no sentido de manter as ruas “livres” de moradores de ruas e vendedores ambulantes, através de ações da Guarda Civil Municipal e de agentes de fiscalização.

Utilizando-se de um decreto de 2014²¹, que “regulamenta” a venda e a distribuição gratuita de alimentos nas vias públicas, o poder público tem dificultado a utilização das ruas, inclusive entrando em um embate com o Padre Wagner²², que disse, no momento da polêmica, estar proibido de distribuir alimentos aos pobres.

Além disso, as aglomerações de jovens são mal vistas na cidade, tanto no espaço público, quanto nos *shoppings centers*.

Foram noticiadas no Portal G1, duas ocasiões em que houve conflito entre o poder público municipal e alguns jovens da cidade.

O primeiro episódio se deu em 2013. Na ocasião, uma operação da polícia militar e da Urbes (autarquia responsável pelo trânsito na cidade) desocupou a praça Carlos Alberto de Souza, que fica no bairro Campolim, área nobre de Sorocaba.

Uma operação conjunta entre a Polícia Militar e a Urbes, empresa que gerencia o trânsito em Sorocaba (SP), praticamente esvaziou a pista de caminhada do bairro Campolim, na zona sul da cidade, na noite desta sexta-feira (22), uma semana depois de uma grande confusão entre jovens e policiais.

Na ocasião, a PM chegou a usar bombas de gás lacrimogênio, depois que jovens bloquearam ruas e atacaram viaturas que faziam uma operação da Lei Seca com garrafas.

Desta vez, as viaturas se posicionaram na praça Carlos Alberto de Souza com o objetivo de evitar a aglomeração de jovens, que tem sido alvo de reclamações

²¹ LEI Nº 10.985, DE 29 DE OUTUBRO DE 2014. Sorocaba -SP. (Regulamentada pelos Decretos nº 22.268 e 22.446/2016- uso das vagas da Zona Azul). Dispõe sobre as regras para comercialização de alimentos em vias e áreas públicas e dá outras providências.

²² Disponível em: <http://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/773651/padre-wagner-diz-estar-proibido-de-dar-sopa-a-moradores-de-rua>. Acesso em 09/08/2018.

de moradores da região – segundo eles, há som alto e consumo excessivo de bebidas alcoólicas. Ninguém foi preso. (ARAÚJO, 2017).

Em outra ocasião, no ano de 2014, a aglomeração de jovens no *Shopping Pátio Cianê*, localizado ao lado do mais movimentado terminal de ônibus da cidade, o terminal Santo Antônio, virou caso de disputa judicial, que terminou com o Tribunal de Justiça concedendo liminar em favor da administração do *Shopping*.

O Tribunal de Justiça de São Paulo concedeu uma liminar ao Shopping Pátio Cianê, que fica no centro de Sorocaba (SP), proibindo a realização do "rolezinho". O evento, marcado pelo Facebook, seria realizado nesta sexta (17) e sábado (18), às 18h.

A liminar foi concedida na quinta-feira (16) pelo juiz Mário Gaiara Neto, da 3ª Vara Cível de Sorocaba. A decisão determina que "integrantes e simpatizantes do movimento denominado 'rolê no Cianê sexta e sábado' se abstenham de se manifestar nos limites da propriedade" do shopping, tanto na área interna como na externa. A multa prevista para quem descumprir a decisão é de R\$ 20 mil.

No documento, o juiz afirma que a Constituição Federal prevê o direito de reunião e livre manifestação da mesma maneira que rege o direito de livre locomoção, de propriedade e segurança pública, e que é preciso "conjuguar" esses direitos, mesmo que seja preciso algum "sacrifício". (G1 Sorocaba e Jundiaí, 2014)

Evidentemente que não pretendemos com essa argumentação atribuir a característica de conservador a todo sorocabano, pois isso não corresponderia à verdade. Se de um lado há uma forte tendência conservadora nas políticas públicas na população da cidade, de outro há um setor progressista que se manifesta nos coletivos culturais e nos movimentos sociais presentes na cidade. Haja vista a polarização que houve no processo de construção do Plano Municipal de Educação (PME), em que se opuseram ambos os setores. De acordo com Ferreira et al. (2016 p. 91-92),

O documento construído coletivamente seguiu para o Executivo e no dia 08 de junho de 2015 ocorreu uma audiência pública na Câmara Municipal para discussão do PME. No momento da apresentação na audiência, o texto original enviado havia sofrido alterações. Eram diversos os cortes, alterações e inclusões de metas, anteriormente rejeitadas nas plenárias. As modificações realizadas no texto desrespeitavam a vontade democrática aprovada nas plenárias e expressa pelos participantes no documento entregue ao Executivo. Para a audiência, membros de bancadas conservadoras do executivo e do legislativo, que apoiavam o desrespeito às plenárias, acionaram segmentos Como uma onda no mar: o jogo de forças entre regulação e emancipação... 92 Crítica Educativa (Sorocaba/SP), vol. 2, n. 1, p. 79-95, jan./jun. 2016 ISSN: 2447-4223 religiosos cristãos da cidade que desejavam impor o ensino religioso nas escolas, seguindo os preceitos do cristianismo e impedindo qualquer tipo de alusão às questões de gênero e sexualidade. (...)

A estratégia de mobilização de grupos religiosos conservadores, juntamente com a força da mídia local e a hegemonia do poder executivo sobre o legislativo municipal, somada a uma bancada reacionária, acabaram por asfixiar as forças populares engajadas desde o início na construção do PME. Assim, as alterações do plano autoritariamente executadas foram aprovadas pelos vereadores e ainda causaram tensionamento entre pessoas durante a sessão de aprovação, quando militantes LGBTTT foram ameaçados e inferiorizados por alguns religiosos, inclusive com apontamento da cruz em suas direções. Tais acontecimentos representam a lógica conservadora, sexista, elitista e autoritária que assola nossa sociedade, questões que não serão aprofundadas neste artigo, mas que merecem ser destacadas pela produção de relações entre os sujeitos.

Mais recentemente, em 2016, tivemos também a polarização das forças de regulação/emancipação, nas eleições municipais, onde houve disputa acirrada no segundo turno entre o atual Prefeito José Crespo (DEM) e Raul Marcelo (PSOL) e a vitória de José Crespo com 58,48% dos votos válidos.

Então, se de um lado Sorocaba é uma cidade de *ethos* conservador hegemônico, também é uma cidade que abriga cada vez mais movimentos de contestação. A vinda da UFSCar para Sorocaba, em 2006, contribuiu para a expansão dos coletivos culturais pela cidade, bem como para a vinda de estudantes e trabalhadores de outros locais do estado e do país.

Embora não existam estudos para podermos afirmar que Sorocaba é uma cidade progressista, podemos dizer que no jogo de forças, a força emancipação ainda resiste na cidade. Cidade que já foi palco de episódios como a Noite do Beijo²³, e que possui em sua história figuras como Salvadora Lopes²⁴, João dos Santos²⁵ e Alexandre Vannucchi Leme²⁶. Deparamo-nos com a existência de coletivos e movimentos, embora Cavalheiros (2017, p. 17) afirme que,

Levando em consideração o projeto de dominação das classes, as memórias ditas “oficiais” apresentam-se como se fossem uma única possibilidade, com a pretensão de amalgamar sujeitos e grupos que foram coercitivamente hierarquizados dentro da lógica do capital, numa tentativa de tornar possível a perfeita mistura de água e óleo.

Entre a Manchester Paulista e a Moscou Paulista, em Sorocaba, segue a disputa típica das cidades, que David Harvey (2013) vai chamar de “uma luta pelo

²³ Em 1981 os estudantes de Sorocaba reuniram-se na praça Cel. Fernando Prestes no intuito de realizar um “beijaço” em resposta a proibição imposta pelo juiz substituto Manoel Morales.

²⁴ Primeira mulher eleita em Sorocaba, em 1947, no entanto foi impedida de tomar posse, pois era integrante do PCB (Partido Comunista Brasileiro)

²⁵ Vereador Sorocabano, criou uma praça em homenagem a Alexandre Vannucchi Leme, foi perseguido pelo regime militar, preso e torturado.

²⁶ Estudante de geologia na USP, membro da ALN, foi assassinado pela repressão.

direito à cidade, uma luta pela liberdade de transformar a cidade de acordo com a vontade de nossos corações.”.

No entanto, a história de Sorocaba não se resume apenas à condição de Manchester, pela opulência de suas indústrias – como querem alguns, tampouco à condição de Moscou, devido aos movimentos de contestação que aconteceram em nossa cidade.

Neste trabalho registramos uma experiência cultural que, a nosso ver, está no campo de luta pelo direito à cidade. Um recorte de como a força emancipadora se manifesta na periferia de Sorocaba.

Afinal de contas, Sorocaba não se rendeu.

4 EU ACREDITO É NA RAPAZIADA

E vamos à luta

[...] Eu acredito é na rapaziada
 Que segue em frente e segura o rojão
 Eu ponho fé é na fé da moçada
 Que não foge da fera e enfrenta o leão
 Eu vou à luta com essa juventude
 Que não corre da raia a troco de nada
 Eu vou no bloco dessa mocidade
 Que não tá na saudade e constrói
 A manhã desejada [...]
 (GONZAGUINHA, 1980.)

Neste capítulo discutiremos um pouco sobre as resistências que ocorrem na cidade de Sorocaba, também abordaremos a questão do abandono de políticas culturais descentralizadas que acontece na cidade.

A resistência à ofensiva do capital, ao consumo alienado e ao conservadorismo presentes na cena Sorocaba se manifesta nos diversos coletivos dedicados à cultura na cidade de Sorocaba. Na década de 2010, foram diversos os que apareceram no cenário da cultura em Sorocaba.

Na cidade de Sorocaba, podemos citar diversos coletivos de cultura, como por exemplo, o “Projeto Ideia Coletiva” que é um coletivo fotográfico que produz ações de grafite, batalhas de rap e apresentações de hip-hop, com sede física, vem articulando ações desde 2009.

O “Txai Ateliê Cultural” atua desde 2014, é um espaço gerido por artistas que propõe que em seu espaço se estruture um projeto lúdico de galeria para artistas visuais, palco para músicos, bandas, atores, dançarinos e performers, com sede física na região central da cidade.

O “Galpão Cultural Estação Laranjada” é uma ocupação cultural realizada no antigo galpão da packing house, local em que era escoada a produção de laranjas do município rumo ao porto de Santos. O galpão foi uma construção estatal que funcionou durante o ciclo da laranja ente 1920 e 1930, quando foi desocupado e abandonado pelo poder público, até o início de 2015, quando então, foi ocupada por artistas de rua que trabalham com diversos projetos culturais e ambientais.

(...) “Ocupação La Paz” surgiu como desdobramento das ações de alguns gestores do “Rasgada Coletiva” (...) “A confraria dos Alquimistas” (...) “A Trupé de Teatro” (...) o “Jardim Coletivo” (...) O Cantinho Girassol, por sua vez, surge em 2011 não como um coletivo, mas como um espaço para encontros, saraus, poetas e poesia. Tem sede física localizada na zona oeste da cidade. (SANCHES e LIMA, 2015, p. 26).

Como podemos ver o Cantinho Girassol já é citado em um trabalho acadêmico como integrante da amalgama da cena cultural sorocabana e seus agentes e focos de resistência. É verdade que muitos dos coletivos citados já não existem, mas há os rearranjos da cena, e o aparecimento de novos coletivos. Alguns

exemplos são A Feira do Beco do Inferno²⁷ e o Mobile²⁸. Ambos são eventos organizados em espaços públicos, ou mesmo privados (como ocorreu em algumas ocasiões com o Mobile) que contam com a participação de artistas e artesãos independentes de Sorocaba.

Figura 13 - Fachada da Oficina Cultural Grande Otelo e público do SLAM



Fonte: Tatiane Tiepo, 24/06/2018.

Com a imagem acima procuramos demonstrar o processo de abandono cultural presente na cidade de Sorocaba e ao mesmo tempo a resistência que ocorre. Nela podemos perceber que apesar de fechada a oficina cultural Grande Otelo²⁹, por decisão do governo do estado, ainda ocorrem eventos, como o SLAM, uma batalha de rimas organizadas por jovens ligados ao rap, e aos movimentos negro e feminista. A edição registrada nesta foto aconteceu em Julho de 2018.

De acordo com Lefebvre (2001, p. 72), “O urbano é assim, mais ou menos, a obra dos cidadãos em lugar de se impor a eles como um sistema: como um livro já acabado”. Ou seja, apesar de toda pressão exercida pelo mercado e pelo poder público, em última instância ainda são os homens e as mulheres que decidem os rumos para onde vão. Ainda que com muito custo e de forma nada tranquila, há a ação contrária as forças de regulação em todos os espaços da urbanidade.

²⁷ Beco do Inferno é uma feira organizada por artistas locais que traz a proposta de dar visibilidade para as produções artísticas da região, promovendo o encontro entre o público e o artista. Além disso ocorrem apresentações de música, literatura, teatro, dança etc.

²⁸ Trata-se de um evento realizado bimestralmente que visa ser um painel, reunindo diferentes expressões artísticas, no intuito de criar e fortalecer conexões e afetos entre artistas e apreciadores das artes em geral.

²⁹ Oficina Cultural, com sede no prédio do Antigo Fórum de Sorocaba localizada na Praça Frei Baraúna, pertencente ao governo do Estado. Nela aconteciam diversas atividades culturais, como cineclubes, apresentações teatrais, oficinas de teatro, dança, fotografia e musicalidade. Foi fechada para reforma em abril de 2014.

Na periferia o abandono no que se refere a políticas culturais ainda é mais dramático, como já vimos, devido a todas as carências presentes neste espaço. Sendo a periferia o local onde se encontra o Cantinho Girassol, é necessário que façamos uma análise do bairro.

4.1 O Bairro Wanel Ville I³⁰

O Wanel Ville I localiza-se no eixo de expansão oeste da malha urbana sorocabana, o empreendimento começou no início dos anos 2000, agora já está em sua 5ª fase, o Wanel Ville V – onde atualmente reside o autor.

Embora seja um bairro de periferia, conta com boa estrutura, ruas asfaltadas, escolas, supermercados, açougues, padarias, barzinhos, Mc Donald's e *Habbibs*. No entanto, as casas dos trabalhadores de média renda convivem com condomínios de médio e alto padrão, prédios bem razoáveis e também os mais precários.

No entorno do bar, que fica na rua Alexandre Caldini nº 516, encontramos um posto de saúde, que atende os moradores da região.

Figura 14 - Posto de Saúde Wanel Ville



Fonte: Elaborada pelo autor, 14/07/2018.

Também há uma escola estadual, a E.E “Profª Ana Cecília Martins”, que atende os alunos do Wanel Ville e também dos bairros adjacentes. A escola conta com aulas nos três períodos. Nos horários de entrada e saída de alunos, a Rua Encarnação Garcia Sanches fica bastante movimentada por carros, que vão deixar ou apanhar os alunos na escola, e também pelos próprios discentes que deixam o prédio e caminham até suas casas. A rua em que fica o bar é caminho de ida e de volta para vários dos jovens que estudam na escola estadual do bairro.

³⁰ De acordo com o site do Grupo Wanel Ville, são mais de 6.000 bairros, quando somadas as cinco fases do loteamento.

Figura 15 - Escola Estadual Ana Cecília Martins



Fonte: Elaborada pelo autor, 14/07/2018.

Nas paisagens do bairro podemos notar elementos destoantes, porém comuns nas periferias segregadas brasileiras. Moradias de médio/alto padrão coexistem com moradias bastante populares.

O interessante é que alguns moradores frequentam os mesmos locais, como o supermercado, a igreja, o bar, e a escola.

Figura 16 - Condomínio de médio padrão



Fonte: Elaborada pelo autor, 14/07/2018.

Nas imagens podemos notar que as paisagens do entorno do bar revelam diversos elementos já discutidos aqui. No mesmo espaço há elementos diversos que demonstram que a periferia não é um espaço homogêneo e simples, mas sim um universo diverso e complexo.

Mas então o que as pessoas que vivem nesta periferia têm em comum? O que as une?

Bem, esta pergunta suscita uma reflexão. Uma reflexão que realizamos ao longo deste trabalho, e que com base no estudo de caso realizado, pode-se constatar que um elemento que as une é a busca por um espaço de encontro, um espaço em que seja possível socializar as experiências e os acúmulos culturais, um espaço que possam chamar de seu, um espaço desalienado.

É aí que entra a importância do bar do Zé Miranda, e do *Sarau Palavra Encantada*.

Figura 17 - Condomínio Parque dos Eucaliptos



Fonte: Elaborada pelo autor, 14/07/2018.

4.2 O Bar

O Bar fica na periferia de Sorocaba, no bairro Wanel Ville, Zona Oeste, na rua Alexandre Caldini nº 516.

Figura 18 - Imagem da placa da esquina do Bar



Fonte: Elaborada pelo autor, 14/07/2018.

Essa rua é uma das mais movimentadas do bairro, pois é onde fica localizado o supermercado Correia, no qual boa parte dos moradores dos “predinhos” – conjunto de moradias populares que fica bem de frente para o Bar – fazem suas compras.

A Rua Alexandre Caldini é bastante movimentada durante o período de aulas. Nesta época é comum a passagem de estudantes que vão à Escola Estadual que tem aulas nos três períodos.

Figura 19 - Rua que faz parte do trajeto do ônibus Ouro Fino



Fonte: Elaborada pelo autor, 14/07/2018.

Nesta rua passa o ônibus Ouro Fino (linha 60), fica a farmácia mais antiga do bairro e a banca de ovos do Marcelo, que é bastante frequentada pelos moradores. O Marcelo vende ovos na esquina do Bar há mais de dez anos, antes mesmo do Zé Miranda se mudar para Sorocaba com a família e comprar o bar.

Figura 20 - Cantinho Girassol



Fonte: Elaborada pelo autor, 14/07/2018.

O bar é bem modesto, não possui mais de 70 m² de área. Internamente são dois ambientes – à direita, o balcão em torno do qual sentam-se os fregueses, no qual os transeuntes que passam rapidamente compram alguma coisa, fazem os pedidos. Atrás dele sempre encontramos Zé Miranda, enfiado em seu tradicional jaleco branco. Já à esquerda ficam algumas mesas, a Biblioteca Comunitária, com livros espalhados pelas prateleiras, alguns em uma estante ao fundo e alguns deles pendurados em arranjos de barbante. Nessa parte, quando o movimento está mais calmo, encontramos a esposa de Zé Miranda, Ciça, sentada conversando com alguma amiga, ou mexendo no celular, quando não está ali está na cozinha – que fica ao fundo desses dois ambientes - preparando algum quitute ou cuidando da limpeza do espaço. Ao fundo, do lado esquerdo, também há os banheiros, com exaustor, conforme as exigências da fiscalização.

Figura 21 - Livros pendurados compõe a decoração do local



Fonte: Elaborada pelo autor, 14/07/2018.

Na parte externa há algumas mesas e cadeiras, que em dias de Sarau ficam completamente lotadas. Sobre cada mesa há um aviso acerca dos problemas que fumar sob a cobertura pode trazer ao dono do bar. Zé Miranda acredita ser extremamente importante, em um espaço com proposta de contestação, estar funcionando em conformidade com a lei.

Durante a maior parte do dia o bar é pouco frequentado, a freguesia é composta de pessoas que passam, compram um cigarro, ou um pastel, um lanche, um refrigerante um sorvete, ou ainda uma dose de pinga e vão embora.

O movimento se torna maior no final da tarde e na hora do almoço, que é quando se forma em torno do balcão de Zé Miranda uma aglomeração. Mas no restante do dia Zé Miranda fica sozinho atrás do balcão, encolhido em seu jaleco observando esta paisagem.

Figura 22 - Pelos olhos de Zé Miranda, de trás do balcão do seu bar



Fonte: Zé Miranda, 14/07/2018.

4.2.1 No Bar uma Biblioteca Comunitária

De acordo com Carlos Cavalheiros, a política cultural da cidade é centralizada, sendo um exemplo do processo de enclausuramento da cultura a biblioteca municipal, localizada na região do passo municipal e afastada da população periférica.

A Biblioteca Municipal é outro exemplo. Cravada no coração do “centro administrativo” da cidade, ao lado da Prefeitura Municipal, é um prédio moderno e bem instalado, mas longe de praticamente todos os bairros e até do centro da cidade. Por isso, comumente se vê um enorme vão vazio, com prédio de pé direito monumental que lembra as obras faraônicas e como elas, inservíveis para a maioria da população. (CAVALHEIRO, 2017, p. 73).

Uma resposta a este processo é a formação de bibliotecas comunitárias. Em Sorocaba encontramos algumas delas citadas na obra do historiador sorocabano.

De acordo com Cavalheiro (2017, p. 72),

Com isso, proliferam pelas periferias as iniciativas de fundação de bibliotecas comunitárias ou criadas por particulares para atender as comunidades do entorno. Em 2014, por exemplo, a Biblioteca Comunitária do Parque das Laranjeiras informou (...) que pretendia expandir a idéia para outros bairros como o da Vitória Régia e Habiteto, descentralizando uma iniciativa surgida em 2002 (...) Há outras iniciativas similares como a Biblioteca Comunitária da Associação Kairós, no Jardim Maria Eugênia; a Biblioteca Comunitária Zumbi dos Palmares (no Bairro Caguaçu e Habiteto – Conjunto Habitacional Ana Paula Eleutério), a Biblioteca Comunitária “Sabotage” no conjunto habitacional Sorocaba K, entre outras.

No Cantinho Girassol também existe uma funcional e ativa Biblioteca Comunitária, que funciona no esquema do vai e vem de livros. A biblioteca é alimentada pelos próprios frequentadores do espaço, e também por algumas doações de livros produzidos com recursos LINC (Lei de incentivo à Cultura), por doações de autores independentes que realizam seus lançamentos de livros no espaço etc.

Zé Miranda não exerce nenhum controle mais rígido sobre a entrada e a saída dos livros, não há nenhum catálogo, tampouco cadastro de usuários. O que tem acontecido de uns tempos para cá é a tomada de cuidado com algumas pessoas que retiravam muitos livros de uma vez, pois isso suscitou a desconfiança de Zé Miranda com relação às boas intenções destes usuários da biblioteca.

No entanto, de maneira geral, a biblioteca comunitária flui muito bem, as pessoas que frequentam o espaço compreenderam a dinâmica de troca e compartilhamento idealizada por Zé Miranda.

Sim, podemos falar então. Eu no comércio, sempre procurei trabalhar a cultura né, dentro do Bar. Eu desde os meus dezessete anos, sempre tive bar, sempre fui um colecionador de livros, e isso foi sempre crescendo, até um belo dia eu tinha um bar lá no bairro do Brás, que foi onde começou mais forte ai o trabalho cultural né, com livros dentro do bar, sempre foi crescendo a biblioteca, a turma que frequentava o Sarau, o espaço meu lá antes do Sarau, já existia uma turminha que frequentava, que gostava de ler, de compor músicas e tal, essa foi a trajetória, no caso, para chegar até aqui né? Ai fiquei 15 anos trabalhando com esse bar, com eventos culturais lá em SP, até um dia resolvi vir para o interior, procurar uma cidade mais tranquila para viver né, mas sempre com a ideia da cultura na cabeça, de trabalhar essa parte, ai chegamos em Sorocaba, procuramos um barzinho para a gente comprar né, que tenha a característica da gente que sempre é trabalhar na periferia, para tentar incentivar a cultura onde ela não chega, é mais difícil de chegar. Ai até que procuramos vários bares aqui em Sorocaba, em regiões mais central assim, mas não era nossa característica, até que encontramos este aqui no Wanel Ville, onde a gente também, já logo de início, já tentamos implantar a ideia da cultura, criando uma biblioteca no bar, e trazendo um pessoal, já começou a encostar um pessoal bem ligado a cultura da cidade também. (informação verbal)³¹.

Antes da formação da Biblioteca Comunitária no Cantinho Girassol, Zé Miranda já tinha acumulada uma experiência anterior em São Paulo, em um bar chama Pioneiros do Brás. O que ele fez foi implementar a mesma ideia em Sorocaba, tentativa esta que vingou e floresceu bastante, pois a biblioteca está funcionando até o momento em que escrevo.

A experiência adquirida no Pioneiros do Brás também foi importante na formação do *Sarau Palavra Encantada* em Sorocaba, pois Zé Miranda também realizava saraus no seu bar, que localizava-se no Bairro do Brás.

Sim. Ai lá em São Paulo, existem aí, vários locais que fazem esse tipo de trabalho, principalmente em bares né. Temos, lá, a fonte de inspiração minha maior é o poeta Sérgio Vaz, que é um poeta da periferia. É um cara que também trabalhava em bar, durante muito tempo ele trabalhou em bar com o pai dele, e sempre gostava de ler também, é o meu caso também, só que o Sérgio Vaz diferente de mim ele é jornalista, é um poeta mesmo, é um cara que escreve bastante livros. Mas numa determinada época, o pai dele vendeu o bar, e ele começou a realizar saraus, no bar que já não era mais do pai dele. Inclusive o Sarau existe até hoje, e o dono do bar chama Zé também, Bar do Zé Batidão, você pode pesquisar que você vai ver. Aí acontece o Sarau da Cooperifa, que o Sérgio Vaz criou uma cooperativa. Cooperifa é a Cooperativa da Periferia. Tendeu? E a gente sempre acompanhou esse trabalho do Sérgio Vaz né, eu sempre acompanhei, a gente participava de Saraus, inclusive quando começamos a fazer os Saraus lá no pioneiro do Brás, começou a vir os poetas da periferia lá da Cooperifa né. Poetas fantásticos, ai começou a se apresentar também lá no Sarau da Amizade, que é o que a gente fazia lá no Brás, chamava Sarau da Amizade. Aí começou a vir os poetas da cooperifa, eu já admirava bem o trabalho do Sérgio Vaz, e é o que eu coloco aqui, a inspiração veio daí, do Sérgio Vaz. Aí tem o Binho, aí tem um monte de

³¹ Relato de Zé Miranda, em entrevista concedida ao autor, no dia 22/11/2016.

bares que fazem este tipo de Sarau né. O diferencial do que eu faço, é porque, é o que, no do Sérgio Vaz tem um poeta por trás, o Binho é escritor também, dono de bar mas é escritor e jornalista, o Sérgio Vaz também, e eu sou um cara comum, que não tem nenhuma formação universitária, sou apenas um admirador dos caras, e pus em prática a ideia deles. (informação verbal).³²

De acordo com as entrevistas realizadas, conversas informais e com a análise da página do espaço – administrada pelo próprio Zé Miranda –, o bar está sob a sua gestão desde 2011.

Ele mudou a estética do espaço, o *layout* e começou uma Biblioteca Comunitária. De acordo com Miranda, ele também regularizou a situação do local junto à prefeitura, tirando o alvará de funcionamento e fazendo as reformas necessárias para atender as exigências da fiscalização. Zé Miranda ostenta com orgulho o alvará de funcionamento, fixado a vista de todos na parede do estabelecimento.

³² Relato de Zé Miranda, em entrevista concedida ao autor, no dia 22/11/2016.

4.2.2 No Bar, o *Sarau Palavra Encantada*

Embora o espaço esteja sob a gestão de Zé Miranda desde 2011, nós aqui iremos utilizar como recorte temporal a data em que ocorreu o primeiro Sarau. Portanto a análise se concentrará no período que se inicia em 23/03/2013 até o último sarau, o de número 110, realizado no dia 17/07/2017. Depois deste dia houve um hiato de quase um ano, até a retomada do Sarau em 2018.

Figura 23 - Chamada para o 1º Sarau



Fonte: Página do Cantinho Girassol no Facebook
<<https://www.facebook.com/cantinho.girassol>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

Logo no primeiro evento, Zé Miranda fez uma chamada em sua página no Facebook, fato que irá se repetir ao longo das edições posteriores. Antes do sarau, Zé Miranda realiza as chamadas para a atividade e após a realização do evento publica as fotos na página do espaço.

O primeiro sarau na Rua Alexandre Caldini ocorreu no dia 23/03/2013. Foi apresentado pelo professor de filosofia Antônio Paulo Silva e contou com a participação do grupo Coesão Poética.

Neste primeiro momento é possível destacar a presença de duas importantes figuras, o filósofo Antônio Paulo Silva (o Silva) e o poeta Córdoba Jr.. De acordo com os relatos coletados e as conversas informais no balcão do boteco, foram eles os primeiros entusiastas do projeto de Zé Miranda.

Córdoba Jr foi o responsável pelo contato com o Grupo Coesão Poética, do qual ele participava, e o Silva responsabilizou-se por apresentar o sarau.

No dia 24 de março já era possível ver as fotos do evento nas redes sociais.

Analisando as postagens na página do lugar é possível perceber o entusiasmo pós-sarau.

Figura 24 - Comentários na postagem com as fotos do Sarau



Fonte: Página do Cantinho Girassol no Facebook
 <<https://www.facebook.com/cantinho.girassol>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

Logo no primeiro mês já foram feitas homenagens ao sarau. Uma artista plástica do grupo Coesão Poética pintou uma tela e presenteou o espaço com ela, já o poeta Córdoba Jr fez um poema em homenagem a Zé Miranda.

Para quem quer sair da mesmice que existe por ai!!!
 Dia 11/05/2013 tem *Sarau Palavra Encantada*.
 Com participação ESPECIAL do grupo COESÃO POÉTICA.
 O *Sarau Palavra Encantada* é um movimento cultural que acontece na cidade de Sorocaba. Um sarau para o povo, um espaço livre para expressão artística com o intuito de incentivar o gosto pela poesia, leitura, teatro música de qualidade e artes plásticas. Um movimento onde cabeças pensantes se reúnem para mostrar seu talento. Venha participar você também. O clima é de paz, amor e amizade. Rua Alexandre Caldini 516. Wanel Ville I. A partir das 17:00 horas." (Retirado da página do Cantinho Girassol no Facebook. Publicação do dia 29 de abril de 2013).

Então foi sob esses pilares que se edificou o *Sarau Palavra Encantada*, que existe até o momento. A parceria com o grupo Coesão Poética foi, desde o início, bastante forte e fértil, sendo o próprio Córdoba Jr. integrante deste coletivo, como já dissemos.

Em 2013, o Sarau estava em processo de formação e consolidação na cidade de Sorocaba, ainda não haviam acontecido os conflitos, tampouco as disputas, mudanças e adaptações, que transformaram o Sarau e ainda o transformam.

De acordo com Zé Miranda, houve algumas dificuldades para a implantação do *Sarau Palavra Encantada* em Sorocaba, relacionadas à cultura do sorocabano.

As maiores dificuldades? Às vezes a gente tem um pouco de dificuldade... Talvez um pouco de ego entre alguns artistas que participam, ou possa se achar melhor do que os outros né, e eu tento pregar a igualdade, para mim aqui participa o músico profissional ou aquele amador, participa o poeta, como pode participar também o gari que passa na rua ali e tem vontade de participar. Então a gente fica tendo dificuldade as vezes de fazer com que alguns entendam isso né. Por que existe, às vezes, pessoas que acham que por ser melhor e tal, pode estar menosprezando os outros, e quando isso acontece eu fico chateado de ver isso acontecer, por que não é a minha intenção.

Existe um pouco essa dificuldade aqui na cidade de Sorocaba, é uma dificuldade aqui, não era lá em São Paulo. São Paulo eu nunca tive esse problema, até por que tinham muito mais pessoas ligadas a arte que frequentava. Até como eu te falei, tinham pessoas que saíam lá da cooperifa, que é a cooperativa da periferia, então essas pessoas já entendiam, entendem o que é o trabalho, feito para o povo. É um trabalho de incentivo cultural, então quando eles vinham, eles já vinham sabendo o que é o objetivo do trabalho e o que eles tinham que fazer, quem que eles têm que atingir né, aquele que não tem oportunidade, aquele que não conhece, então o cara já vinha preparado para aquilo. Não falar, ah aquele lá não toca nada, aquele lá não canta nada, a sua poesia não presta. Tendeu? Essa, um pouquinho é essa a dificuldade, que até isso o pessoal que frequenta tem eles tem que estar aprendendo isso, também não é só os que não sabem da arte, é os que sabem da arte e não querem compreender isso. (informação verbal)³³

Para os frequentadores o espaço é de fundamental importância. De acordo com o poeta Evandro Aranha,

Absolutamente! Foi o lugar que eu me descobri, porque antigamente eu achava que eu escrevia poesia para mim. A partir do momento que vim aqui, o pessoal foi receptivo, foi acolhedor, eu descobri que a poesia tinha uma função muito maior do que satisfazer meu ego. Era uma coisa que alguém podia realmente ouvir o que eu estava falando, podia acreditar naquilo, sentir alguma coisa diferente. E aqui, pelo fato de ser um bar receptivo, os donos darem total liberdade, apoio mesmo, cultural à arte, me fez assim praticamente... aqui eu brinco com o Zé: aqui é minha segunda casa. Eu, quando quero declamar, às vezes venho aqui é minha segunda casa, porque é “do caralho”. (informação verbal)³⁴

Ainda segundo o poeta,

O Girassol acredito que tem uma função, primeiramente, de cidadania e de ocupação do espaço público, porque ele ocupa. Esse movimento aqui do Girassol, ele é um movimento que mostra que a cultura não tem que ficar trancafiada em biblioteca, em museu. Ele mostra que um bar na periferia pode prestar esse papel de ser um agente público modificador das pessoas. Além da parte cidadã, também é um ato político, porque a arte é política. Então o fato dele abrir, é um ato político de rebeldia contra o sistema que – o Zé vai falar bem melhor que eu – ele não se contentou em saber que poesia era só em biblioteca, “não sei o que” era só em museu. Eu acho que ele falou assim “O bar também pode ser o local também.”. Então, além de cidadania, política, tem várias funções aqui o Girassol. Eu acho que ele cumpre bem todas elas. O Girassol é “foda”. (informação verbal)³⁵

Nas falas do poeta Evandro Aranha podemos encontrar evidências da importância e da potencialidade da experiência estudada. O *Sarau Palavra*

³³ Relato de Zé Miranda, em entrevista concedida ao autor, no dia 22/11/2016.

³⁴ Relato de Evandro Aranha, em entrevista concedida ao autor, no dia 05/11/2016.

³⁵ Relato de Evandro Aranha, em entrevista concedida ao autor, no dia 05/11/2016.

Encantada aparece enquanto importante espaço de acolhimento de artistas que buscam um lugar para socializar a arte que produzem, e ainda como elemento político e modificador das pessoas, uma vez que promove o encontro e a socialização de saberes, de conhecimento e da arte.

A generalização da privatização do espaço, a proliferação de *shoppings* e condomínios fechados, promove a pasteurização da vida.

Lidar com um luto, por exemplo, que já não é uma tarefa fácil, se torna um fardo ainda mais pesado se não há meios de socializar essa angústia. O Poeta Córdoba Jr., entusiasta do Sarau desde o seu começo, afirma,

Puxa vida, rapaz! O espaço, depois que a dona da pensão foi embora, um ano e sete meses [atrás]. Principalmente, o espaço foi uma ajuda, um auxílio. O espaço pra mim, tanto o Zé quanto a Ciça, na minha opinião, são pra mim, como uma espécie de psicólogos. Porque, agora nem tanto, eu confesso que agora eu dei uma recuperada, tô numa ascensão muito boa, não vou negar isso aí. Ainda, eventualmente, de manhã, as minhas manhãs, ainda são um pouco tristes, porque eu moro numa casa relativamente grande, como não tenho filhos, comigo ali, sou eu e eu e as quatro paredes. Mas o Zé e a Ciça me deram uma força muito grande nessa ajuda para com a minha recuperação. (informação verbal)³⁶

Ainda de acordo com o poeta,

Sem dúvida! Eu estou muito contente com o que eu faço aqui no Cantinho. Bom, posso estar sendo egoísta, pensando em mim no sentido de: eu venho, faço o que eu gosto, se alguém não gostou não é problema meu. Não, eu tenho certeza que todo mundo que vem aqui, gosta de frequentar o Cantinho. Tem uma magia diferente, uma magia especial aqui no Cantinho. É meio difícil até de explicar. Pra você ver: O Bosco, mesmo, falou outro dia que ele também se sente assim e quando sai daqui, sai de maneira diferente. Até eu brinquei com ele, falei com você, falei que era como a capela João de Camargo: você entrava lá e saía diferente. E faz muito tempo que não vou lá, muito mesmo. Mas ouvi alguém falar, isso eu achei interessante a frase: “O Cantinho é isso: você vem aqui não querendo nada, acaba se esparecendo, tendo uma alegria muito grande de participar do sarau, dos dias de música”. Então eu estou muito contente, não tenho o mínimo a reclamar, só a agradecer. (informação verbal)³⁷

Acolher artistas que não tem um espaço para apresentar seu trabalho, oferecer um espaço em que as pessoas possam encontrar-se para socializar suas alegrias e suas tristezas, são algumas das funções do *Sarau Palavra Encantada*. Há ainda a função de permitir o desenvolvimento e o aprendizado das pessoas que constroem e utilizam o espaço.

³⁶ Relato de Córdoba Jr., em entrevista concedida ao autor, no dia 10/11/2016.

³⁷ Relato de Córdoba Jr., em entrevista concedida ao autor, no dia 10/11/2016.

5 BAR LUGAR DE ENCONTRO NA CIDADE

Fundo do Quintal, como um todo, torna-se uma realidade nebulosa para os residentes, uma realidade percebida como um misto de impotência, ressentimentos e talvez, também de orgulho, se a possibilidade de ação política acompanhar a consciência de lugar. (TUAN, 1983, p.191).

As cidades contemporâneas não favorecem o encontro entre as pessoas, os lugares onde se pode sentar e dialogar de forma desapressada são cada vez mais raros, sendo que as próprias praças públicas carecem de bancos e lugares adequados a permanência dos seus cidadãos, esta cidade que separa e desagrega dificulta a troca de experiências e mesmo afetos.

De acordo com Cavalheiro (2017, p. 12),

[...] a ideologia capitalista cria o sentimento de individualismo e até mesmo de competição entre os seus. No entanto, mesmo que não se sinta mais dependente do outro, há uma carência, que não é somente material, que faz com que os humanos se agreguem em grupos e que delimitem seus espaços de atuação, que busquem cultuar seus lugares de memória.

Na realidade, o outro é visto muitas vezes como inimigo; adversário a ser batido na brutal lógica do individualismo e da competição.

A alienação e o adestramento para o consumo aparecem nas obras de Milton Santos e Guy Debord. De acordo com Debord (1997, p. 23), “Por isso, a atual “liberação do trabalho”, o aumento do lazer, não significa de modo algum a liberação no trabalho, nem liberação em um mundo moldado por esse trabalho”. Para ele, “Nesse ponto “da segunda revolução industrial”, o consumo alienado torna-se para as massas um dever suplementar à produção alienada” (Debord, 1997, p. 31).

De acordo com Certeau (2012, p. 42-43),

Uma sociedade inteira aprende que a felicidade não se identifica com o desenvolvimento. Ela o confessa, ao atribuir um lugar cada vez maior aos lazeres – esse para além e essa “recompensa” do trabalho -, cultivando o sonho das férias ou da aposentadoria. (...) Ficção erótica, ficção científica... A ficção está por toda parte. Podemos partir de um exemplo. Você a encontra em todas as revistas eróticas. Sexualidade-ficção também. O empregado ou colarinho-branco que compra uma dessas revistas, ao tomar à noite seu trem de subúrbio nelas procura uma iniciação? Não, ele não pede à sua revista uma lição prática. Ao contrário, ele a lê precisamente porque não o fará. É a sexualidade-ficção. O leitor encontra nas imagens uma história ausente. De onde uma primeira constatação: aquele que entra nessa linguagem é aquele que sai da vida cotidiana e que a existência não mais proporciona, seja pelo cansaço, seja porque não se ousa mais pensar numa mudança do possível. Por isso deve-se contentar em sonhar com ele. Ou em vê-lo, à falta de fazê-lo. Como dizia uma propaganda de um canal de

televisão: “Seja esportivo – em sua poltrona.” É-se espectador renunciando a ser ator. (...) “Do mesmo modo, na medida em que os objetos que povoam o imaginário fixam a topografia daquilo que não mais se faz, podemos nos perguntar se, reciprocamente, aquilo que mais vemos não define hoje aquilo que mais falta”.

As pessoas transformam-se em competidores e consumidores vorazes. Uma imagem que pode caracterizar bastante o que é dito acima é a das filas que se formam em frente às lojas nos dias de *Black Friday*. Consumir é uma tarefa e o outro pode ser um empecilho neste processo.

Certeau (2012, p. 46),

Esse discurso imaginário do comércio ocupa cada vez mais os muros. Ele se mostra em todas as ruas, somente interrompido pelas fendas das avenidas. A cidade contemporânea torna-se um labirinto de imagens. Ela se dá uma grafia própria, diurna e noturna, que dispõe um vocabulário de imagens sobre um novo espaço de escritura. Uma paisagem de cartazes organiza nossa realidade. É uma linguagem mural com o repertório das suas felicidades próximas. Esconde os edifícios onde o trabalho foi encerrado, cobre os universos fechados do cotidiano; instala artifícios que seguem os trajetos da faina para lhes justapor os momentos sucessivos do prazer. Uma cidade que constitui um verdadeiro “museu imaginário” forma o contraponto da cidade ao trabalho.

De acordo com Santos (1987, p. 37), “Nesse quadro de vida, a existência é vivida não tanto para a consagração dos valores, mas para a busca das coisas, o produtor se tornando submisso ao objeto produzido”.

Ainda de acordo com Santos (1987, p. 56),

Isto seria um dos resultados da crise profunda em que o mundo está vivendo: pobreza crescente em meio a abundância, apelo ao consumo e dificuldade para atender a esse apelo, ampliação do tempo livre para os bem empregados e imposições de tempo livre aos sem emprego

Nesse sentido é de fundamental importância a criação de espaço de encontro, onde sejam os próprios homens e mulheres seus criadores. Um espaço que seja a “sua imagem e semelhança”.

De de acordo com Santos (1987, p. 61), “Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação”. Assim podemos classificar os *Shoppings Centers* de Sorocaba, as dezenas de bares espalhados pelas áreas nobres da cidade, como no bairro Campolim, a Biblioteca Municipal e outros tantos.

A comunidade necessita de espaços desalienados onde possam desenvolver suas potencialidades, sua criatividade e suas solidariedades.

De acordo com Santos (1987, p. 61), “As cidades têm um grande papel na criação dos fermentos que conduzem a ampliar o grau de consciência.”.

Pois não se pode deixar o cidadão indefeso, à mercê da ofensiva do capital. Para Santos (1987, p. 63), “O Consumo escraviza as classes médias (de um modo geral, mas felizmente não absoluto) e suprime os élanos da rebeldia, a vontade de ser outro, amesquinhando a personalidade”.

Aqui também estamos discutindo o Cantinho Girassol enquanto potencial espaço de resistência. Mas antes de tudo precisamos dizer o que entendemos por resistência e a que se está resistindo.

Por resistência aqui compreenderemos uma resistência cultural, resistência à cultura de massa, dominante, à lógica da sociedade de consumo e aos grandes eventos.

Evidentemente que o Cantinho Girassol não é o espaço de resistência nos moldes que Zé Miranda esperava que fosse; o público que frequenta o Sarau não parece partilhar da mesma concepção que ele com relação à significação do espaço, para o público o local funciona muito mais como um espaço de encontro que qualquer outra coisa.

Mas mesmo sem enquadrar-se no que chamamos de espaço de resistência propriamente dito, o Cantinho Girassol, através de seu *Sarau Palavra Encantada* e de sua Biblioteca Comunitária funciona como uma resistência à dinâmica da cidade, justamente por que promove o encontro entre as pessoas através da arte e da cultura.

Além disso, embora o conteúdo das apresentações – as músicas principalmente – seja produto da indústria cultural, a forma como esses conteúdos são utilizados é bastante peculiar.

Não há nas apresentações a pretensão de reproduzir fielmente as canções, tampouco uma preocupação muito minuciosa com a afinação. Em outras palavras não é preciso ser “bom” para se apresentar, basta estar disposto a fazê-lo.

Neste sentido, embora não haja ineditismo e tampouco uma produção artística própria, com características do fazer dos periféricos, ou ainda uma temática própria da periferia, as apresentações trazem à tona um modo próprio de produção do entretenimento.

Afinal, ao utilizarem-se das produções da indústria cultural, da forma como o fazem, os frequentadores do Cantinho Girassol estão dando valor de uso aos produtos que foram feitos para ter um alto valor de troca.

De acordo com Certeau (1998, p. 39),

A fabricação que se quer detectar é uma produção, uma poética² - mas escondida, por que ela se dissemina nas regiões definidas e ocupadas pelos sistemas da “produção” (televisiva, urbanística, comercial etc.) e porque a extensão sempre mais totalitária desses sistemas não deixa aos “consumidores” um lugar onde possam marcar o que fazem com os produtos. A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de “consumo”, esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante.

Nesse sentido, embora seja verdade que os conteúdos são oriundos de uma cultura de massa, a forma de representa-los é típica dos populares.

É daí que vem o caráter da resistência.

Resistência no sentido de ressignificar os produtos da ordem econômica hegemônica. É um equívoco pensar que o discurso dominante atinja as classes populares e seja recebido sem adaptações ou modificações... De acordo com Certeau (1998, p. 40): “Em grau menor, um equívoco semelhante se insinua em nossas sociedades com o uso que os meios “populares” fazem das culturas difundidas e impostas pelas “elites” produtoras de linguagem.”.

Nem todos os frequentadores do *Sarau Palavra Encantada* são produtores de poesias e/ou músicas inéditas, no entanto isso não os transforma automaticamente em meros consumidores e/ou reprodutores de conteúdos da indústria cultural. Certeau (1998, p. 49), argumenta sobre a relação produtor-consumidor,

“O binômio produção-consumo poderia ser substituído por seu equivalente geral: escritura-leitura. A leitura (da imagem ou do texto) parece aliás constituir o ponto máximo da passividade que caracterizaria o consumidor, constituído em voyeur (troglodita ou nômade) em uma “sociedade do espetáculo”. (...) Esta mutação torna o texto habitável, à maneira de um apartamento alugado. Ela transforma a propriedade do outro em lugar tomado de empréstimo, por alguns instantes, por um passageiro. Os locatários efetuam uma mudança semelhante no apartamento que mobíliam com seus gestos e recordações; os locutores, na língua em que fazem deslizar as mensagens de sua língua materna e, pelo sotaque, por “rodeios” (ou giros) próprios, etc., a sua própria história; os pedestres, nas ruas por onde fazem caminhar as florestas de seus desejos e interesses.”

Ou seja, ainda que muitas das vezes se apropriassem de produções advindas da indústria cultural, os sujeitos do *Sarau Palavra Encantada* resistem à ordem hegemônica ao serem eles os protagonistas, não meros espectadores.

Outra coisa interessante de acompanhar a gênese e o desenvolvimento do Cantinho Girassol ao longo desta pesquisa foi notar o envelhecimento de seu público.

Nos primeiros Saraus o público era mais heterogêneo. Claro que havia em sua maioria pessoas de idade mais avançada, mas ainda assim a juventude se fazia presente nos Saraus, e havia inclusive a presença marcante de Ana Cristina, a poetisa mirim, hoje a apresentadora do Sarau.

Jovens, adolescentes e adultos frequentavam assiduamente os Saraus, no entanto o público hegemônico atualmente é composto por pessoas já aposentadas e com mais de cinquenta anos de idade.

Durante o hiato do *Sarau Palavra Encantada* consolidou-se o Palco Livre, que se trata basicamente de uma reunião de músicos que se apropriam do espaço para tocar e cantar, de forma despreocupada.

Vamos agora falar de forma mais detalhada sobre alguns dos personagens que protagonizam as atividades culturais que ocorrem no Cantinho Girassol.

Claudinei Gomes Quevedo é atualmente o grande entusiasta das atividades culturais no Cantinho Girassol, ferroviário aposentado, casado e natural da cidade de Sorocaba, têm 65 anos de idade.

No espaço ele é conhecido como Nezinho, é sempre o primeiro a chegar ao local aos sábados de Palco Livre, de baixa estatura, cabelos brancos, porte magro e barba sempre bem escanhada, orgulha-se de sua vitalidade. Nezinho é simpático, de fala fácil e bastante desenvolto, gosta de se arrumar, de tomar cerveja (sempre em lata, nunca em garrafa) e de fumar cigarros de filtro branco.

Uma peculiaridade do *showmen* do Cantinho Girassol é o fato de ele sempre se referir as coisas no diminutivo, coisa que se pode perceber logo na primeira conversa. O homem reside no Wanel Ville V, bairro adjacente ao bar em que ocorrem as atividades.

É este o perfil do homem responsável por conduzir as atividades culturais nos sábados de Palco Livre.

Para Nezinho o espaço funciona como ponto de encontro entre amigos, espaço de lazer e onde é possível se apresentar de maneira descontraída e despreocupada.

Porque eu adoro o lugar. Aqui o lugar é maravilhoso, fantástico, vai chegando as pessoas, grandes amigos... O espaço é da gente aqui, não tem aquela coisa de você chegar e você tem que fazer o que você precisa fazer. Aqui é um espaço cultural, brinca todo mundo e todo mundo se diverte. Tem poesias, tem música e é coisa que a gente gosta. (informação verbal)³⁸

O repertório de suas canções é bem amplo, praticamente todo composto por canções nacionais, desde a jovem guarda até o rock nacional dos anos de 1980 e 90.

Nezinho tem pastas com as cifras e as letras das canções que executa nos sábados de Palco Livre, além de sempre contar com o acompanhamento de seus velhos amigos Paulo Pita (percussionista) e Neizão (contrabaixista).

Figura 25 - Cordoba Jr, Paulo Pita, Neizão e Nezinho (de camiseta rosa)



Fonte: Elaborada pelo autor, 14/07/2018.

Organiza e comparece aos eventos quase que religiosamente, sendo raríssimas as ocasiões em que se ausenta, pois ele considera o espaço de profunda importância em sua vida.

No momento, agora tem. Porque toda sexta e sábado, geralmente, eu estou aqui. Participo com a galera, sempre que posso, no sarau ou quando a gente cria um evento, que seja vários

³⁸ Relato de Claudinei G. Quevedo, em entrevista realizada no dia 05/11/18.

tributos de bandas maravilhosas como Raul Seixas, Legião Urbana, brega, anos 60... (informação verbal)³⁹

Embora ferroviário durante praticamente toda a sua vida, Nezinho sempre se dedicou as atividades culturais, sempre teve bandas e sempre trabalhou com eventos. Agora aposentado, Nezinho parece ter encontrado no Cantinho Girassol um espaço onde se sente à vontade, um lugar onde pode confraternizar e se apresentar com e para seus amigos.

Protagoniza uma cena artística, que embora utilize de *hits* e sucessos de artistas consagrados pela indústria cultural das décadas passadas, faz uso dessas canções de maneira própria, uma releitura, uma espécie de apropriação, que através da forma como é utilizada adquire novo significado.

Figura 26 - Convite para apresentação de Nilza Mesquita



Fonte: Fonte: Página do Cantinho Girassol no Facebook
<<https://www.facebook.com/cantinho.girassol>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

Outra pessoa marcante do Cantinho Girassol é a cantora Nilza Mesquita que quinzenalmente apresenta o evento intitulado Nilza & Convidados.

A estreia desse evento ocorreu no dia 29 de julho de 2017, e foi noticiada no jornal da região, o *Zona Oeste em Foco*.

Nilza Mesquita é cantora profissional, como ela disse em um bate papo que tivemos no dia 18/11/17, pouco antes de sua apresentação.

Eu sou Sorocabana, apesar de ter vivido fora mais de 30 anos, mas eu sou sorocabana. Eu sou divorciada, profissão cantora, cantei minha vida inteira, nasci cantando. Minha família é toda de músicos, família Mesquita. Então já vem de longe, tenho primos que estão "pra fora" tocando, cantando, toda família Mesquita, são todos músicos. E a gente está aí na estrada a

³⁹ Relato de Claudinei Quevedo, em entrevista ao autor realizada em 05/11/2018.

mais tempo, agora eu só brinco, não é mais uma profissão “pra mim”. Enfim você sempre vai ser um cantor né, você sempre vai ser um pedreiro, se você continuar, se você parar a profissão... A minha profissão é de cantora, eu amo fazer o que faço e faço com amor e paixão mesmo! Nasci assim, nasci cantora. (informação verbal).⁴⁰

Ela protagoniza os eventos quinzenais em que não há Palco Livre, canta geralmente acompanhada por Nezinho, ou então pelo guitarrista Artur Macedo, mas está sempre disposta a fazer uma *jam* com algum outro músico que esteja no espaço. Orgulha-se de sua profissão de cantora.

Nilza aparece no espaço também quase que religiosamente, na companhia de seu companheiro Joel – caminhoneiro de profissão, apreciador e entusiasta da cultura.

Nilza com seus sessenta e poucos anos transparece grande jovialidade; seu companheiro Joel conta com entusiasmo a ocasião em que a repreenderam por utilizar a fila de idosos na casa lotérica do bairro. Sempre animada, participa tanto do evento do Palco Livre, quanto do evento em que se apresenta com seus convidados.

Figura 27 - Paulo Pita, Nilza Mesquita e Nezinho



Fonte: Página do Cantinho Girassol no Facebook
<<https://www.facebook.com/cantinho.girassol>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

E aqui no meu espaço, isto aqui é meu espaço! Eu falo “é nosso espaço”! Aqui e do povo! Aqui é da periferia que não têm nada, porque se paga para tudo, você sabe disso. E aqui é um espaço que a gente vem, a gente brinca, se distrai, todo mundo participa! O importante é a participação e virou uma família, aqui é a Família Cantinho Girassol. É uma grande família maravilhosa, é tudo amigo que se precisar um briga pelo outro. Sabe? Porque a gente se ama, então é isso... (Informação verbal)⁴¹

⁴⁰ Relato de Nilza Mesquita, em entrevista concedida ao autor, realizada no dia 18/11/2017.

⁴¹ Relato de Nilza Mesquita, em entrevista concedida ao autor, realizada no dia 18/11/2017.

Nilza é morada do bairro, reside no condomínio localizado em frente ao Cantinho Girassol. A cantora frequentou o espaço antes de ser adquirido por Zé Miranda e Ciça. De acordo com Nilza, antes da chegada de Zé Miranda o ambiente era pesado, a proposta era outra, após a aquisição do espaço por Zé Miranda e Ciça o espaço adquiriu nova roupagem, tornando-se o que ela chamou de um espaço mais familiar.

Era muito pesado o ambiente, então não era ambiente pra gente ficar aqui, pra gente vir. Que nem eu venho agora, eu venho todo sábado, domingo, se tiver sexta a gente vem. Vem de dia, vem de noite, qualquer hora aqui. Porque é um ambiente familiar, porque tem a mulher, o marido trabalhando, vêm as crianças, vêm os filhos, tem menor. Ele traz o filho, ele traz as filhas, mudou ficou melhor. Por quê? Porque aqui pode eu posso trazer minhas netas, posso trazer minha família inteira aqui, e aqui venho ver minhas filhas, meus netos, meus bisnetos porque eu tenho bisnetos; tenho seis netos e dois bisnetos. Podem frequentar aqui, porque aqui é um ambiente, aqui é um ambiente familiar. (informação verbal)⁴²

Embora considere o Cantinho Girassol uma família, Nilza Mesquita chama atenção para os tensionamentos que vez ou outra ocorrem. Na concepção dela, por vezes ocorrem boicotes dos próprios frequentadores, que deixam de frequentar as atividades por alguma desavença com quem vai se apresentar.

Tem os invejosos, tem umas pessoas que têm inveja, então começa a cortar essas coisas e não pode acontecer isso. Eu choro sozinha às vezes, eu brigo sozinha porque eu fico chateada com certas coisas. Tem pessoas que ficam com inveja, porque o Nei vai fazer, não vem. Se eu vou fazer, não vem. Então, eu fico chateada. (informação verbal).⁴³

De todo modo, Nilza segue se apresentando no Cantinho Girassol aos sábados de Palco Livre, e impreterivelmente nos sábados em que ocorre seu evento Nilza & Convidados.

Nilza, como já dissemos, é casada com Joel, que iremos apresentar a seguir.

O caminhoneiro Joel é frequentador assíduo do Cantinho Girassol, quase sempre na companhia de sua esposa – Nilza Mesquita.

Joel nasceu na cidade de Itaporanga – SP, tem 57 anos de idade, e é caminhoneiro de profissão - como já dissemos na introdução. Frequenta o bar nas noites de evento, mas também durante as tardes, após a hora do almoço - no entanto essas passagens são mais rápidas. Geralmente nesses horários Joel toma

⁴² Relato de Nilza Mesquita, em entrevista concedida ao autor, realizada no dia 18/11/2017.

⁴³ Relato de Nilza Mesquita, em entrevista concedida ao autor, realizada no dia 18/11/2017.

um ou dois copos de vinho e volta para casa. Nas noites de Sarau ele costuma ficar até o final.

De fala tranquila e um jeito bem simples, Joel tem a característica calma do habitante do interior de São Paulo, utiliza camisetas polo, calça jeans e botinas, fuma cigarros longos e gosta bastante de conversar.

São raras as ocasiões em que Joel se apresenta, sendo mais comum vê-lo prestigiando as apresentações de sua esposa Nilza e de seus amigos. No entanto, quando alguém toca música sertaneja Joel se anima e se arrisca nos vocais. Em uma ocasião recitou um poema de Bosco da Cruz, como ele citou na conversa que tivemos no final de 2016. “*No Microfone, acabei lendo um poema, inclusive do Bosco né? Que frequenta aqui. Eu nunca fiz isso.*” (informação verbal).⁴⁴

Figura 28 - Recado de Zé Miranda para o Prefeito José Crespo sobre o Sarau



Fonte: Página do Cantinho Girassol no Facebook
<<https://www.facebook.com/cantinho.girassol>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

Embora seja tranquilo e amistoso Joel não se contém diante de uma situação que considera injusta. Um exemplo foi no dia da visita do prefeito José Crespo – que qual será descrita mais adiante –; Joel não se conteve e mandou um recado para o Prefeito no Microfone do Sarau.

Era o 100º Sarau, neste dia ocorreria o lançamento do 3º livro da Poetisa Ana Cristina, intitulado *Frutos de Ana Cristina*. Nesta ocasião, havia a informação de que o Prefeito compareceria ao Sarau, e todos estavam apreensivos com a notícia, tanto por acordo ou desacordo havia uma ansiedade no ar.

⁴⁴ Relato de Joel Gonzaga, frequentador do Sarau, em entrevista ao autor no dia 05/11/2016.

Quando o prefeito chegou ao local acompanhado de sua esposa, dirigindo o próprio carro e sem solenidades, parecia que realmente ele estaria fazendo uma visita desinteressada e à paisana.

No entanto, a presença do prefeito incomodava diversos opositores que frequentam o espaço, bem como funcionários públicos de carreira que também olhavam desconfiados a presença do gestor municipal. Zé Miranda, apartidário e autonomista, não demonstrava satisfação com a presença do Prefeito no espaço.

O incomodo dos frequentadores do lugar era evidente, no entanto Joel foi o primeiro a ter coragem de se manifestar. Após a saudação do prefeito ao microfone, que fez questão de enfatizar que ali estava como cidadão sorocabano, mas não perdeu a oportunidade de falar durante bons minutos diante da multidão que ali estava prestigiando o evento de Ana Cristina. Joel se inscreveu para falar.

Quando chegou ao microfone ele saudou a todos, e saudou ao prefeito José Crespo. Parecia ser uma fala amistosa, mas no meio de sua fala o tom mudou, e o discurso enveredou para uma advertência ao prefeito e autoafirmação do espaço.

Joel durante seu discurso ressaltou que o espaço foi construído com os esforços da família Miranda e de seus frequentadores, sem contar com ajuda nenhuma do poder público e de figura política nenhuma. Concluiu dizendo que o Cantinho Girassol era um espaço do povo, e que nada do que acontecia ali dependia da ajuda ou tutela de político algum.

Joel foi ovacionado, sua fala encorajou outros dissidentes a fazerem o mesmo, e com o ambiente desconfortável o Prefeito deixou o espaço, no momento em que Zé Miranda entoava o que talvez fosse sua canção favorita – Milho aos Pombos, de Zé Geraldo.

Milho Aos Pombos

Enquanto esses comandantes loucos ficam por aí
Queimando pestanas organizando suas batalhas
Os guerrilheiros nas alcovas preparando na surdina suas
Mortalhas

A cada conflito mais escombros
Isso tudo acontecendo e eu aqui na praça
Dando milho aos pombos
Isso tudo acontecendo e eu aqui na praça
Dando milho aos pombos

Entra ano, sai ano, cada vez fica mais difícil
O pão, o arroz, o feijão, o aluguel
Uma nova corrida do ouro
O homem comprando da sociedade o seu papel

Quando mais alto o cargo maior o rombo
 Isso tudo acontecendo e eu aqui na praça
 Dando milho aos pombos
 Isso tudo acontecendo e eu aqui na praça
 Dando milho aos pombos
 Isso tudo acontecendo e eu aqui na praça
 Dando milho aos pombos
 Isso tudo acontecendo e eu aqui na praça
 Dando milho aos pombos
 Eu dando milho aos pombos no frio desse chão
 Eu sei tanto quanto eles se bater asas mais alto
 Voam como gavião
 Tiro ao homem tiro ao pombo
 Quanto mais alto voam maior o tombo
 Eu já nem sei o que mata mais
 Se o trânsito, a fome ou a guerra
 Se chega alguém querendo consertar
 Vem logo a ordem de cima
 Pega esse idiota e enterra
 Todo mundo querendo descobrir seu ovo de Colombo
 Isso tudo acontecendo e eu aqui na praça
 Dando milho aos pombos
 Isso tudo acontecendo e eu aqui na praça
 Dando milho aos pombos
 (ZÉ GERALDO, 1981)

Figura 29 - Joel Gonzaga discursando no microfone, durante a visita do Prefeito José Crespo ao Cantinho Girassol.



Fonte: Acervo Cantinho Girassol

No horário comercial, o Cantinho Girassol funciona como um típico bar de periferia, uma pinga aqui, uma acolá, uma cerveja no balcão, um pastel com refrigerante Fanta laranja para as crianças e etc..

Zé Miranda gosta de prosear com os frequentadores, alguns deles são bastante assíduos, sempre se pode encontrá-los por lá. Mateus, Áureo e Vadson sempre aparecem alguns deles.

Numas dessas ocasiões pude entrevistar Vadson e Áureo.

Vadson é funcionário dos correios, nascido no Paraná, vive há 17 anos na cidade de Sorocaba. Ele é um homem de meia idade, casado. Formou-se em Geografia, pela UNISO, mas nunca exerceu a docência.

Geralmente pode ser encontrado no final da tarde, sempre bebe a mesma cerveja de puro malte, a famosa Serra Malte. Bebe ela junto ao balcão, tranquilamente, enquanto proseia com o Zé Miranda.

Vadson sempre está de roupas sociais, acredito que por conta de seu trabalho no setor administrativo dos correios.

Segundo ele, frequenta o bar há tempos, até mesmo antes de Zé Miranda assumir a gestão do espaço, no entanto tornou-se mais assíduo quando Zé Miranda assumiu.

Ele não conhecia a proposta de Zé Miranda e Ciça, mas viu com bons olhos a chegada da novidade. Animando-se inclusive a ajudar na estruturação da biblioteca comunitária.

Ah, mudou completamente. Porque esse lado cultural que o Zé trouxe pra cá, logo de início a gente não conhecia muito [a ideia]. Mas aí depois a gente já começou a ver livros por aqui, eu mesmo fiz algumas doações de livros, trouxe uma coleção de livros aqui. Aí começou a aumentar. (informação verbal)⁴⁵

Ao longo da conversa pude perceber que para ele o espaço tem uma significância, se trata de um lugar onde ele se sente confortável, a ponto de trazer a família (sua esposa). Também aprecia as atividades culturais que ocorrem no lugar, embora não se empolgue a participar como protagonista.

De acordo com Vadson, sua esposa participava do Sarau quando ele ainda existia, e chegou a recitar poesias no microfone.

Sim! Eu participo praticamente de todas. No início era mais poesia, aí depois começou a ter, também, música. E o bom é a diversidade que tem: tem teatro, tem cinema, tem música. Então é um espaço que você pode ver de tudo num único local. Isso que é importante. Inclusive eu trouxe minha esposa pra cá, que nunca tinha frequentado aqui o bar, tornou-se amiga de praticamente todo o pessoal aqui. Ela participa do sarau, ela recita poesias, ela gosta muito e hoje ela é – quando eu falo que vou vir pra cá - ela é umas das primeiras que fala que quer vir pra cá, que vem junto. (informação verbal)⁴⁶

⁴⁵ Relato de Vadson, em entrevista concedida ao autor no dia 10/11/2016.

⁴⁶ Relato de Vadson, em entrevista concedida ao autor no dia 10/11/2016

Vadson é um exemplo de participante de bastidor, pois embora não se envolva diretamente nas atividades enquanto protagonista, ele frequenta assiduamente o espaço e acompanha as atividades que se desenvolvem no local.

Dentre os entrevistados, foi um dos que utilizou a palavra de Zé Miranda: “resistência”, e também falou sobre o abandono cultural das periferias. Embora reconheça o caráter de entretenimento em suas palavras é possível perceber que vê algo além no que ocorre aos sábados no Cantinho Girassol.

O Auro também é frequentador do Cantinho Girassol e acompanha as atividades, embora não costume se apresentar. Auro é professor de Geografia na rede pública estadual, formou-se na Universidade de São Paulo e fez o mestrado na área de Geografia Urbana.

Logo que soube desta pesquisa, tratou de oferecer-me alguns livros que segundo ele poderiam ajudar. E de fato ajudaram, sobretudo os livros de Santos (1987) e Tuan (1983).

Além de ajudar com a bibliografia, o Auro atendeu prontamente ao pedido de entrevista. Na conversa com ele, pude perceber que ele reconhece o potencial do Cantinho Girassol enquanto espaço de encontro.

Então, sempre que possível, eu venho. Principalmente nas sextas-feiras. Primeiro: Sorocaba é uma cidade grande, uma população grande também. Só que Sorocaba, não é uma cidade que a gente poderia caracterizar como Cosmopolita. Ou seja, não tem aquele pulsar daquela cultura, não tem lugares que você pode ir... A não ser que você tenha dinheiro. Então é uma cidade que embora seja grande, ela não tem grandes lugares que podem apresentar para você lazer, cultura, divertimento, bom papo. Então, ou você paga para frequentar ambientes mais caros, mais sofisticados, ou você tem que procurar um lugar que te ofereça o mínimo de cultura, de papo bom, de gente que converse legal e a um baixo custo. E o bar aqui oferece uma música de qualidade, oferece pessoas que tem uma cabeça legal, que conseguem debater, que conseguem discutir. Discutir em alto nível: as pessoas que frequentam o bar não são os bebuns que a gente está acostumado a encontrar por aí. Então você acaba aliando duas coisas. Primeiro: encontrar pessoas que você possa conversar sobre assuntos diversos, se divertir e, ainda, ter um lazer e contato com a música, poesia, um livro e assim por diante. (informação verbal)⁴⁷

De acordo com ele o Cantinho Girassol cumpre um papel importante no bairro, pois oferece lazer e cultura aos seus frequentadores, inclusive com um potencial de resistência.

Então eu vejo o bar não apenas como um lugar de lazer, mas um lugar que pode resistir a um sistema comercial de cultura, onde poucas pessoas têm acesso. Né, então o bar representa,

⁴⁷ Relato de Auro, em entrevista concedida ao autor no dia 10/11/2016

*principalmente por estar situado numa periferia, representa uma possibilidade, uma alternativa de a pessoa encontrar algo diferenciado. (informação verbal)*⁴⁸

Quando perguntei a ele sobre o perfil conservador do Sorocabano, em comparação a grande São Paulo, de onde ele vem, Auro não hesitou em responder.

*Com certeza! É uma cidade onde, se você pegar, por exemplo, Sorocaba vinte anos atrás, trinta anos atrás, ela tinha um perfil completamente diferente. Então é uma cidade que foi de “sei lá” setenta mil habitantes, para seiscentos mil habitantes, então ela cresceu muito. Agora a Grande São Paulo tem um outro componente, que eu acho que diferencia, é que ela tem uma mistura enorme. Então se você pegar Carapicuíba, Osasco, Jandira, Itapevi, você tem muito a presença do nordestino, você tem muito a presença de pessoas de outras regiões, que foram ali por ter terrenos baratos, pela cidade dormitório, e isso fez com que essas regiões pulsassem mais em termos de tolerância. Eu acho que o sorocabano é menos tolerante, em relação ao que é diferente, ao que é diverso, do que o cara que mora numa cidade como São Paulo, que tem muito mais o conceito de uma cidade cosmopolita, que não dorme, que está sempre em movimento, que tem mais teatros, mais cinemas. Então Sorocaba é muito restrita. Quantas salas de cinemas e teatros você tem em Sorocaba? Acho que uma, duas no máximo! O máximo que você vê aqui são uns shows de artistas sertanejos, por exemplo. Então, acho que falta na cidade essa mistura que é o que vai transformar o lugar, num lugar melhor, com mais respeito. Acho que o sorocabano, até pelas eleições, por quem ele elege, é muito conservador ainda. Então você ter um espaço em que as pessoas possam conversar, dialogar e isso, na periferia ainda, é um avanço enorme pra cidade. (informação verbal)*⁴⁹

Todas as entrevistas convergiram para um ponto comum. Concordaram que Cantinho Girassol é um espaço de encontro, de socialização, de entretenimento e de trocas. Alguns, como Joel, ainda consideram o espaço um lugar de aprendizado.

O caso é que há um consenso entre os frequentadores acerca da importância do espaço para suas vidas, há sentido, há relação afetiva e noção de pertencimento.

De acordo com Thomaz (1995, p. 427), “a cidade contemporânea, por outro lado, longe de ser o lugar da homogeneidade cultural vem marcada pelo encontro – e pelo conflito - de diferentes grupos”.

Com o Cantinho Girassol isso não ocorrerá de forma diferente, pois longe de ser um local homogêneo, onde há consenso sobre os rumos que o espaço deve tomar, o lugar, antes de qualquer coisa, é espaço de conflito.

Como podemos notar na fala do poeta Córdoba Jr., a relação com o coletivo Coesão Poética, que de início deu-se de forma tranquila, não demorou a apresentar seus primeiros sinais de rachadura.

Eu frequento o bar desde quando o Zé veio pra cá, há uns quatro anos. E a partir do momento que ele falou que ele fazia sarau em São Paulo, eu falei que tinha um grupo de

⁴⁸ Idem nota 34

⁴⁹ Idem nota 34.

poesia, que chamava-se Coesão Poética. Então ele manifestou o desejo de transferir pra cá o mesmo esquema que ele fazia em São Paulo, e eu manifestei o desejo, a vontade, ou melhor, a imposição de trazer o grupo pra cá também. E foi o que eu fiz: todo o grupo veio aqui, todo mundo uniformizado – com a nossa camisetinha “Coesão Poética”, coisa e tal – mas a partir do momento que o grupo achou que devia dar uma debandada, uma saída, eu também caí fora do grupo. Fiquei um ano e meio sem participar de nenhuma atividade de grupo, se quer uma reunião, de protesto contra a eles tirem “tirado o corpo” aqui do Zé Miranda. Não vou querer entrar em mérito da questão, eu só acho que: a partir do momento que o Zé deu essa chance pra nós, até hoje a gente deveria abraçar essa oportunidade. Hoje praticamente somente eu e o Bosco, do grupo Coesão, frequentamos O Zé Miranda. (informação verbal).⁵⁰

Ao longo das conversas ao pé do balcão – com Zé Miranda - e das conversas com os frequentadores do espaço, pude concluir que a questão que permeava esse conflito tratava-se uma disputa acerca dos conteúdos e da forma como deveriam ocorrer as atividades do *Sarau Palavra Encantada*.

De acordo com Zé Miranda, o espaço é democrático e é livre a apresentação de qualquer tipo de arte, todo mundo é livre para apresentar o que quiser e da forma como quiser.

Embora eu não tenha conseguido dialogar sobre o assunto com os envolvidos na rusga pertencentes ao “Grupo Coesão Poética”, que participaram dessa chamada debandada – nas palavras de Córdoba Jr -, as conversas com os frequentadores do espaço, com os membros do grupo que ainda participam do Sarau e com o próprio Zé Miranda, ofereceram o seguinte panorama.

A defesa feita por Zé Miranda de apresentações diversificadas e despreocupadas com a forma se chocaram com as concepções do Grupo Coesão Poética – mais ligados à forma tradicional e com predileção pela poesia.

Segundo Zé Miranda, houve inclusive uma reunião para discutir essa questão, a proposta era criar um espaço que privilegiasse a recitação de poesias. Mas Zé Miranda não aceitou os termos, mantendo inabalável seu discurso. Neste momento então é que houve o rompimento entre o grupo Coesão Poética e o Cantinho Girassol.

A partir deste momento, o espaço passou a ter mais e cada vez mais apresentações musicais, que coexistiam ainda com as apresentações poéticas e, vez ou outra, performances de dança.

Como pano de fundo dessa disputa entre Zé Miranda e o Grupo Coesão Poética, podemos notar - com um olhar mais atento - uma disputa entre o fazer popular e o fazer erudito. Afinal, o grupo Coesão Poética mantinha e preocupava-se

⁵⁰ Relato de Córdoba Jr., em entrevista concedida ao autor no dia 10/11/2016.

mais em manter os formalismos e cerimônias do universo acadêmico enquanto Zé Miranda pouco ou quase nada se preocupava com isso.

Deste modo, no momento em que frequentadores mais comprometidos com a forma popular de fazer as coisas começaram a se apropriar do espaço, o modo formal de fazer as coisas começou a ser ameaçado.

É claro que não queremos aqui situar a cultura popular e a cultura erudita como coisas distintas, antagônicas e cristalizadas, pois há uma correlação entre ambas. De acordo com Bosi (1987, p. 8) “A Cultura das Classes Populares, por exemplo, encontra-se em certas situações, com a cultura de massa; esta, com a cultura erudita; e vice-versa.”.

Sendo assim, aqui trabalharemos com a concepção de que não há em seu estado de pureza, e não teria de fato como haver, nem a cultura popular no Cantinho Girassol e tampouco a cultura erudita no grupo Coesão Poética. Trataremos de evitar maniqueísmos e trabalharemos com a concepção da inter-relação entre ambas.

Então afastaremos aqui, de vez, a ideia do Cantinho Girassol enquanto espaço sem conflitos. Os conflitos ocorrem e são resolvidos, hora com a ruptura, hora com a conciliação. No caso do grupo Coesão Poética, o que houve foi a ruptura, porém ainda houve em outras ocasiões a presença de integrantes do grupo, mas jamais de forma organizada como acontecia antes.

TREM DAS ONZE

[...] Não posso ficar nem mais um minuto com você
Sinto muito amor, mas não pode ser
Moro em Jaçanã
Se eu perder esse trem
Que sai agora às onze horas
Só amanhã de manhã [...]
(ADONIRAM BARBOSA)

Outra questão que é frequente motivo de disputas no Cantinho Girassol é o horário de encerramento do Sarau, pois Zé Miranda, quando veio para Sorocaba estava habituado à dinâmica da capital, e quando chegou a Sorocaba encontrou outra realidade, como podemos identificar na fala de um dos frequentadores.

Olha, o horário tinha que ser mais estendido. Acho que acabar às 22 horas é um pecado enorme. Porque a noite de Sorocaba começa mais tarde. E nós sabemos que em São Paulo se você criar um evento desses e publicar o horário tipo: “o evento começa às 13 horas”, vai virar. Existe um público pra isso, para as treze horas, para as dez da manhã, para as duas da manhã, sabe?! Porque lá é uma cidade cosmopolita, tem público pra tudo! Nós estamos no interior. No interior o cara assiste novela e daí que ele sai pra balada; o cara chega às 18h, às

19h em casa. Então o sarau não pode começar às 19h, as pessoas estão chegando em casa. Daí já entra uma questão de alvará e do próprio perfil do dono do bar, também, que às vezes dificulta que as coisas aconteçam de uma forma distinta. A questão técnica, também, lei do silêncio e tal que daí não quero [acredito que ele não quer entrar a fundo na questão]. (informação verbal).⁵¹

Como já discutimos anteriormente, em outros momentos do texto, Sorocaba embora seja sede de uma região metropolitana, ainda guarda muitos aspectos provincianos, certos costumes que destoam bastante dos hábitos da Capital.

Sendo assim, uma das maiores dificuldades encontradas por Zé Miranda foi enquadrar seu espaço na dinâmica da cidade, fato que já é difícil por si só, mas que ainda se somou à própria resistência de Zé Miranda em entrar nessa dinâmica.

Então, as disputas em torno desta questão não se resolveram de imediato, pois o Sarau nem começava no horário que Zé Miranda pretendia que começasse e tampouco terminava no horário em que os frequentadores gostariam que terminasse, pois de um lado havia a resistência dos frequentadores em chegar no horário estipulado que fora divulgado nas redes sociais e defendido a ferro e fogo por Zé Miranda; e de outro havia a ferrenha e resoluta convicção do proprietário de encerrar às atividades às 22h.

Esse cabo de guerra durou anos, e na verdade apenas agora é que parece estar se resolvendo. Uma vitória para os envolvidos nas atividades do espaço.

⁵¹ Relato de Antônio Paulo, em entrevista concedida ao autor no dia 06/04/2017.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista todo o processo de construção desta análise, desde a idealização do projeto até sua conclusão, bem como tudo que foi vivenciado ao longo desta pesquisa, as crises, os conflitos, o aprendizado... Temos algumas considerações.

A primeira delas é a de afastar qualquer preconceito que exista com relação a bares. Pois encontramos aqui neste estudo de caso do Cantinho Girassol elementos que evidenciam a importância e o potencial que estes espaços têm para promover encontros, sobretudo nas periferias, onde o abandono cultural se faz tão presente.

Bar também é cultura sim! A biblioteca comunitária do Cantinho Girassol funciona como elemento disseminador da cultura no Wanel Ville I, é uma resposta clara dos cidadãos à ausência de estruturas do poder público, que insiste em manter tão longe do povo o acesso à cultura e ao entretenimento.

É claro que Zé Miranda, o idealizador do *Sarau Palavra Encantada*, não está sozinho neste processo. Com ele há várias pessoas que atuam cotidianamente para que essa experiência continue viva; Zé Miranda também não está isolado, pois além do *Sarau Palavra Encantada* e da Biblioteca Comunitária, há outros focos de resistência à massificação e a domesticação para o consumo na cidade.

Neste cenário tão perverso e tão mesquinho em que vivemos, há semelhanças em muitos aspectos às distopias de Bradbury, Orwell e Huxley, em que o cidadão tem sua personalidade esmagada pelos ideais de individualismo, competição e consumismo. É de crucial importância que existam espaços de encontro, como o Cantinho Girassol.

Bar é encontro sim! As pessoas que frequentam o Cantinho Girassol explicitaram isso em suas entrevistas. Ter um espaço que seja um lugar, que signifique algo.

De acordo com o Geógrafo Yi-Fu-Tuan (1983, p. 151), “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado.”

De acordo com Tuan (1983, p. 152), “Os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhato”.

“O lugar mais que isso é uma pausa no movimento.” (TUAN, 1983, p. 153).

É um significado que as pessoas encontram no Cantinho Girassol, um lugar que ajudam a construir, através de suas solidariedades, arte, cultura, trocas, através dos conflitos. Mas, sobretudo, um lugar que podem chamar de seu, com o qual estabelecem uma relação de afeto e pertencimento.

Bar é troca! Desde os primórdios da humanidade os homens trocam experiências. Esse é um dos principais pontos que um sábio professor de história deve expor aos alunos. Afinal não foi por acaso que importantes civilizações se desenvolveram as margens do mediterrâneo, que as aproximava.

O lugar de encontro favorece a troca de saberes, experiências, frustrações, dificuldades, e também de discordâncias. Para que as pessoas dialoguem, componham, rachem, discutam e até mesmo briguem, primeiro é preciso que as pessoas se encontrem, e é isso que as pessoas fazem no Cantinho Girassol, as pessoas se encontram e trocam, se reconhecem como humanos.

Mas trocam o quê? As pessoas trocam tudo o que acumularam ao longo da vida, o meio grito que se esconde pode finalmente sair.

Por fim é importante dizer que bar é ego, é briga, é disputa, é dificuldade, é vida, como diz a canção de Gilberto Gil; “Vida é alegria / Vida me dá prazer / Vida é a luz do dia / Vida vadia / Vida é o amor / Vida é cor e confusão / Vida é som e paixão / Vida é alegria / Vida me dá prazer / Vida é a luz do dia / Vida vivida / Vida é o amor / Vida é cor e confusão / Vida é som e paixão”. Afinal não se pode esperar que as pessoas saiam de suas casas se encontrem e entrem em um consenso de imediato.

As pessoas que chegam, chegam com todas as suas contradições, seus acúmulos, sua cultural, suas manias. As cheganças não são como uma amalgama de liga metálica que se retorce e se arranja a todo e qualquer custo. Na realidade elas são mais como o encontro entre dois rios, como o Rio Negro e o Solimões, ou como as águas do rio quando encontram o mar no remanso.

Aos poucos elas se misturam, mas não de imediato.

Então, concluímos aqui que para que continue existindo vida – para além da lógica do capital – é preciso que existam espaços como estes, que possamos viver. Eles carregam em si uma potencialidade de subversão e contra-ataque à hegemonia do capital.

Segundo Mészáros (2008, p. 45), “Apenas a mais consciente das ações coletivas poderia livrá-los dessa grave e paralisante situação”. “É construir, libertar o

ser humano do determinismo neoliberal, reconhecendo que a história é um campo aberto de possibilidades.” (2008, p. 13).

Santos (2012, p. 143) também demonstra reconhecimento do potencial de resistência do lugar: “por enquanto, o lugar – não importa sua dimensão – é a sede dessa resistência da sociedade civil, mas nada impede que aprendamos as formas de estender essas resistências às escalas mais altas.”. E que “Devemos ter isso em mente e pensar na construção de novas horizontalidades que permitirão, a partir da base da sociedade territorial, encontrar um caminho que nos liberte”. (SANTOS, 2012, p. 144).

Sendo assim, ainda de forma modesta, o Cantinho Girassol contribui com a construção de uma sociedade mais livre, e constitui-se em uma pequena trincheira na luta contra a hegemonia neoliberal.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Textos Escolhidos**. Nova Cultural, São Paulo, 1999.
- ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História**. In: **PINSKY, Carla Bassanezi, (Org.). Fontes Históricas**. São Paulo; Contexto, 2014. p. 155-202.
- ARAÚJO, Carlos. Jornal Cruzeiro: Padre Wagner diz estar proibido de dar sopa a moradores de rua. Disponível em:
<<http://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/773651/padre-wagner-diz-estar-proibido-de-dar-sopa-a-moradores-de-rua>>. Acesso em: 09 ago. 2018.
- BARBOSA, Adoniran. **Trem das onze**. 1964. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=ceBdGz3eTFg>>. Acesso em: 22. out. 2018.
- BELCHIOR. Alucinação. **Apenas um Rapaz Latino-Americano**. Rio de Janeiro: Polygram, 1976.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura arte e história da cultura**. São Paulo, Brasiliense, 2012.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História, ou Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BURGOS, Rosalina. **Periferias Urbanas: O chão dos catadores no urbano periférico**. São Paulo, Humanitas, 2013.
- BURGOS, Rosalina. Pesquisa qualitativa: Reflexões Geográficas a partir de um estudo de caso sobre as contradições urbanas da cidade de Sorocaba-SP. **Geographia Meridionalis**, Pelotas v. 01, n. 01 p. 145–159, jun. 2015.
- BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo, Unesp, 2012.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**. São Paulo; Contexo, 2013.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (Re) Produção do Espaço Urbano**. São Paulo: EDUSP, 2008.
- CAVALHEIRO, Carlos. **TÁ VENDENDO AQUELE EDIFÍCIO, MOÇO? Lugares de memória, produção da invisibilidade e processos educativos na cidade de Sorocaba**. UFSCar, Sorocaba, 2017.
- CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. Campinas, Papius, 2012.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis, Vozes, 1998.
- COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. São Paulo. Brasiliense, 2006.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERREIRA, Dulcinéia de Fátima et al. **Como uma onda no mar: o jogo de forças entre regulação e emancipação no processo de construção do Plano Municipal de Educação em Sorocaba - São Paulo**. *Crítica Educativa* (Sorocaba/SP), vol. 2, n. 1, p. 79-95, jan./jun. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática da autonomia**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

GERALDO, Zé. **Milho aos pombos**. CBS, 1981. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HzasUyYX3-k>>. Acesso em: 22 out. 2018.

GALEANO, Eduardo H. **As Veias Abertas da América Latina**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil**. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

GIL, Gilberto. **Vida**. Warner, 1987. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vPjvIHqv-Q>>. Acesso em: 22 out. 2018.

GIRASSOL, Cantinho. Página do facebook: Publicação 29 abr. 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/cantinho.girassol>>. Acesso em: 22/06/2017).

GONZAGUINHA. **E vamos à luta**. EMI, 1980. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZTcrWktW_gg>. Acesso em: 22. out. 2018.

G1 notícias: Operação policial afasta jovens de praça na zona sul de Sorocaba. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2013/11/operacao-policial-afasta-jovens-de-praca-na-zona-sul-de-sorocaba.html>>. Acesso em: 09 ago. 2018.

G1 Sorocaba e Jundiaí. Liminar proíbe 'rolezinho' em Sorocaba e prevê multa de R\$ 20 mil. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2014/01/liminar-proibe-rolezinho-em-sorocaba-e-preve-pena-de-r-20-mil.html>>. Acesso em: 09 ago. 2018.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: Do Direito à Cidade à Revolução Urbana**. São Paulo; Martins Fontes – selo Martins, 2014.

HARVEY, David. **O Enigma do Capital**. São Paulo, SP; Boitempo, 2011.

HENRIQUE, Ana Cristina Rodrigues. Melhor idade. In.____. **Frutos de Ana Cristina**. Sorocaba: Create, 2017, p. 21.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo, SP; Companhia das Letras, 2013.

JORNAL CRUZEIRO. Totem é alvo de pichação. Disponível em: <<http://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/489995/totem-e-alvo-de-pichacao>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo. UNESP, 1998.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo; Centauro, 2001.

MARICATO, Ermínia...[et al.]. **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as Manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia da política, livro I, 29 ed.** Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MARX, Karl; ENGELS Friedrich. **O Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo, SP, Boitempo. 2005.

MÈSZÁROS, István. **Educação para Além do Capital**. São Paulo, Boitempo, 2008.

MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

PEÇANHA, Érica. **É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana**. São Paulo, 2011.

ROLNIK, Raquel. **O que é Cidade. Brasiliense**; São Paulo, 1988.

SAMPAIO JR, Plínio. **Crônica de uma crise anunciada: crítica a economia política de Lula e Dilma**. São Paulo: SG – Amarante Editorial, 2017.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo. Brasiliense, 2012.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo, EDUSP, 2012.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

SEADE. Perfil dos Municípios Paulistas. Disponível em: <<http://www.perfil.seade.gov.br/>>. Acesso em 01 mai. 2018.

THOMAZ, Omar Ribeiro. **A Temática Indígena na Escola: Novos subsídios para professores do 1º e 2º graus**. Brasília: MEC/ MARI / UNESCO, 1995.

TOMAZELA, José Maria. **Livro Resgata Episódio do Beijo Proibido**. 2009. <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,livro-resgata-episodio-do-beijo-proibido,354915> acesso em: 17/05/2018 às 13h59min.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo, Difel, 1983.

ANEXO A - Entrevista com Ana Cristina

Pesquisador: Primeiro uma apresentação. Seu nome, a sua idade e a cidade natal.

Ana: Meu nome é Ana Cristina Rodrigues Henrique, eu tenho doze anos e nasci aqui em Sorocaba mesmo.

Pesquisador: Aninha, como você conheceu o bar?

Ana: Há três anos, mais ou menos, o Córdoba me convidou para vir ao Sarau, por que eu tinha escrito uma poesia e ele me convidou, para declamar, foi nesse dia que eu conheci o bar e nunca mais parei de vir.

Pesquisador: Isso faz 3 anos?

Ana: Faz três anos.

Pesquisador: Então você tinha 9?

Ana: 9. Foi no dia 5 de abril de 2014.

Pesquisador: Você costuma participar das atividades culturais desenvolvidas no Cantinho Girassol? E por que?

Ana: Sim eu participo de todas as atividades aqui, por que é cultura e é uma coisa nova que a gente aprende. Tem vários poetas, vários escritores e músicas aqui também. Então são atividades que a gente aprende muito.

Pesquisador: Então você participa de tudo?

Ana: Participo de tudo.

Pesquisador: O espaço tem alguma importância na sua vida?

Ana: Claro. O Cantinho me ensinou muito e cada dia que eu venho eu aprendo uma coisa nova, eu acho que é um lugar que tem grande importância.

Pesquisador: Você considera o Cantinho Girassol um espaço de entretenimento?

Ana: Sim.

Pesquisador: E além do entretenimento aqui oferece alguma coisa a mais? Se sim o que?

Ana: Oferece muito aprendizado, muita cultura, muita sabedoria e muitas amizades. É um lugar muito receptivo.

Pesquisador: E por que motivo você frequenta o Cantinho Girassol e não outros lugares?

Ana: Por que aqui o pessoal sempre tá de braços abertos, são grandes poetas, grandes escritores, pessoas que tem

muito a ensinar, então é um sábado que vai render muito, é uma sexta-feira que vai render muito, então, o Cantinho ele é um lugar único, não tem outro igual.

Pesquisador: E você indicaria o espaço para algum amigo?

Ana: Sim, claro.

Pesquisador: E o que você diria para convencer esse amigo a vir aqui?

Ana: Que o Cantinho, ele é um lugar que recebe as pessoas com o maior carinho. E você pode aprender muito, e você pode aprender um pouquinho mais da cultura, da música da poesia, e as pessoas que frequentam o espaço também são maravilhosas, então com certeza eu indicaria e faria a pessoa vir aqui.

Pesquisador: Você começou a escrever com 9 anos? É isso?

Ana: Isso. Comecei com 9 e publiquei com 10.

Pesquisador: E as primeiras poesias você declamou aqui?

Ana: Sim, o primeiro lugar que eu declamei, que eu declamo até hoje é o cantinho. No começo eu declamava poesias de outros autores, até que um dia eu criei coragem e declamei uma poesia minha. Desde então eu não paro mais.

Pesquisador: Que autores por exemplo?

Ana: Eu declamava Vinícius de Moraes, menininha foi a primeira de todas. Eu declamava Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, muitos poetas.

Pesquisador: Legal, e aí você já lançou alguns livros né?

Ana: Sim eu já lancei 3 livros. O Sementes de Ana Cristina em fevereiro de 2015, Flores de Ana Cristina em Fevereiro de 2016, e Frutos de Ana Cristina agora em Fevereiro de 2017.

Pesquisador: E todos lançamentos foram aqui no Cantinho?

Ana: Todos os lançamentos, os oficiais, foram aqui no Cantinho.

Pesquisador: E você acha que mudou alguma coisa desde o primeiro livro para o terceiro, no seu jeito de escrever?

Ana: Siiiiim, bastante. Por que a ideia da trilogia é essa. É mostrar o amadurecimento poético, na escrita e na forma de ver e pensar sobre o mundo. Tem uma diferença notável, nos três livros se você pega para comparar, as ideias mudaram um pouco, os temas, e também a forma de escrever, as rimas e a linguagem.

Pesquisador: E o que você consideraria que o cantinho, o espaço aqui, frequentar as atividades, contribuiu para esse amadurecimento poético aí?

Ana: Foram muitas pessoas que eu conheci aqui, que acabaram me passando a experiência. Quando eu vinha aqui no cantinho e declamava minhas poesias. Quando eu ouvia as poesias de outros autores também, eu tinha uma convivência com outros poetas, então isso acabou contribuindo mais ainda com esse amadurecimento, cada conversa, cada história que eu ouvia, tudo isso contribuiu com o amadurecimento poético.

Pesquisador: Na vida escolar influenciou alguma coisa?

Ana: Foram muitas coisas que eu aprendi aqui que eu levei para tudo, tanto para a vida escolar como para a vida de escritora, mesmo, para tudo.

Pesquisador: Você gostaria de acrescentar alguma coisa?

Ana: Não.

Pesquisador: Então jóia, beleza, obrigado, Ana.

ANEXO B - Entrevista com Bosco da Cruz

Transcrição de entrevista gravada. 20/11/2016, Domingo, 20h12min

Pesquisador: Tá gravando, mas não esquite a cabeça com isso. Primeiramente uma apresentação assim: Nome, idade, cidade em que nasceu e a profissão.

Bosco: Então, meu nome é João Bosco da Cruz, como nome poético eu tirei o João, ficou Bosco da Cruz apenas. Eu nasci na cidade de Capão Bonito e trabalhei de várias coisas, mas meu último serviço foi Jardineiro.

Pesquisador: Estado Civil?

Bosco: Eu sou divorciado.

Pesquisador: Como você conheceu o bar e há quanto tempo você frequenta o bar?

Bosco: Então eu conheci o Cantinho Girassol, foi assim que aconteceu, eu descobri o grupo do Coesão Poética na página do Facebook, entrei em contato com alguns membros, e descobri que além do grupo de internet rolava um grupo físico. E daí eu combinei com eles e marquei um dia aqui no Cantinho Girassol, eles explicaram como que vinha, como que era. Como que é a segunda parte?

Pesquisador: Há quanto tempo você frequenta o bar?

Bosco: Olha, eu sou meio ruim de guardar data, mas faz mais ou menos uns 3 anos já.

Pesquisador: Beleza. Você costuma participar das atividades culturais desenvolvidas aqui e por que?

Bosco: Sim, eu procuro participar da maioria das coisas que rolam aqui, né, o Sarau, os tributos que tem homenageando vários artistas e tal, mas eu tenho uma preferência mais pelo Sarau mesmo, acho que é uma diversidade neh, poesia, música, e é mais interessante.

Pesquisador: Você prefere mais o Sarau?

Bosco: Como que é a pergunta?

Pesquisador: Por que você participa, mas acho que você já respondeu.

Bosco: Aah tá.

Pesquisador: Mas, então o Sarau é o que você gosta mais mesmo. Beleza.

Pesquisador: O espaço tem alguma importância para você?

Bosco: Ah para mim aqui tem muita importância, é de suma importância mesmo. Que eu acho que, eu acho não, é. Para mim é o Sarau mais democrático que tem na cidade. Por que já participei de vários outros eventos, saraus assim, mas eu não me sinto bem como eu me sinto aqui, eu acho que além do mais, eu gosto do astral daqui, acho que rola uma energia positiva, uma coisa que a gente sente, só quem vem sente mesmo.

Pesquisador: Então essa é a importância do lugar para você, esse espaço democrático?

Bosco: Exatamente, a pluralidade da coisa.

Pesquisador: Você considera esse espaço um espaço de lazer e entretenimento?

Bosco: Eu considero, de lazer e entretenimento, mas com algo mais.

Pesquisador: E o que seria esse algo mais?

Bosco: É que eu acho que é um lugar também de se debater ideias né, de, além das apresentações artísticas, culturais, a gente conversar sobre cultura né, rola alguma parceria assim, a gente conversar sobre cultura, sobre arte.

Pesquisador: Por que você vem aqui e não em outros lugares?

Bosco: Eu acho que é aquilo que eu disse na pergunta anterior mesmo, por que eu sinto uma energia muito boa desse lugar, é um lugar que rola uma amizade mesmo, a gente sente um clima bacana, de amigos, é um lugar de fazer amigos acima de tudo.

Pesquisador: Para finalizar, você indicaria o bar para um amigo, e se fosse indicar o que vocêalaria para esse amigo?

Bosco: Não só indicaria como já indiquei para algumas pessoas, que vieram e tudo, e eu sempre coloquei a importância cultural do lugar, das atividades artísticas que rolam, da biblioteca comunitária, onde a pessoa pode pegar um livro e ler, até levar para casa, ler e devolver, e pelo ambiente familiar mesmo, de alto astral, de boa energia.

Pesquisador: Então você indicaria, já indicou né?

Bosco: Com certeza, já indiquei para várias pessoas inclusive.

ANEXO C - Entrevista Antônio Paulo Silva Costa (Apresentador do Sarau)

Meu nome é Antônio Paulo Silva Costa, tenho 49 anos de idade, nasci em Itapeva interior de São Paulo. Sou GCM em Sorocaba tem 20 anos e tenho uma graduação em Filosofia e o mestrado em Comunicação e Cultura.

Pesquisador: Como você conheceu o Cantinho Girassol?

Paulo: Por acaso. Eu estava passando de carro, deu uma vontade de tomar uma cervejinha, vi o boteco aberto, parei e tomei uma cerveja. Aí lá, sentado, percebi que o bar era distinto. Livros pendurados, MPB rolando, televisão... Então isso me chamou a atenção. Aí logo já fiz amizade com o José que é dono do bar e daí que numa dessas conversas ele me contou que em São Paulo ele tinha um bar que ele fazia sarau.

Pesquisador: Há quanto tempo foi isso?

Paulo: Mais ou menos cinco anos atrás.

Pesquisador: Você podia falar pra gente como se consolidou o projeto e quem foram os envolvidos?

Paulo: Então, a princípio ele já havia, numa dessas conversas que foram muitas, me disse que havia conversado com o poeta Córdoba Junior, que no momento da conversa eu não sabia quem era. Um poeta que fazia parte do grupo Coesão Poética e daí, então, ele queria nos apresentar, já havia conversado com o Córdoba Jr a respeito do projeto de um sarau. Daí eu disse a ele que era um sonho antigo participar de algo assim. Porque minha vida foi pautada pela cultura. Eu tinha um tio que tinha um bar que chamava “Pinturas”, ali próximo a rua Amazonas, do lado do “Encontro”. E era, acho, o único bar alternativo em Sorocaba naquela época. Tanto e que o Taiguara cantou lá.

Pesquisador: Caramba!

Paulo: É o Taiguara! E pensar que eu tinha 13 anos de idade... Eu cresci nesse meio. Meu tio formado em filosofia... Então minha parada sempre foi essa: estar no meio de espaços alternativos... E cresci assim.

Pesquisador: Na sua opinião, qual o sentido do espaço Cantinho Girassol? Qual o sentido de tudo aquilo?

Paulo: Olha... A princípio, o discurso do José Miranda é “cultura na periferia”. Eu penso assim: cultura nobre na periferia. Concorda?

Pesquisador: Cultura nobre?

Paulo: Cultura nobre na periferia. Porque a cultura que é desenvolvida lá, é uma cultura que nós vemos muito em espaços elitizados. Tanto é que, a princípio, a ideia do Zé é a aproximação do público da periferia com a cultura elitizada. No entanto, as pessoas dali, do bairro, não frequentam o espaço. Os frequentadores do espaço Cantinho Girassol são pessoas ligadas a cultura, que já vêm do espaço pra [cultural?]. pessoas que puderam estudar, pessoas que têm uma formação acadêmica, pessoas ligadas a arte que já têm uma estrutura. Não aquela de pessoas que o Zé pretendia, então, trazer ao evento.

Pesquisador: A galera que mora em volta, no caso, são poucos que frequentam?

Paulo: Poucos que frequentam! O caso distinto, o caso extraordinário é o da Aninha: que conseguiu se desenvolver dentro do espaço, cresceu dentro do espaço, começou ali com uma ou outra intervenção; hoje ela tem três livros. Um caso único, específico. Uma participação mais efetiva dentro do evento é a dela. Mas o que vejo lá são pessoas de outros bairros que vão até lá participar, mas pessoas que são ligadas a cultura. É um gueto situado na periferia, mas é um gueto elitizado na periferia.

Pesquisador: Entendi

Paulo: É o que eu vejo: juiz, médico... Concorda comigo? Professores universitários...

Pesquisador: Você poderia falar um pouco de como é a dinâmica desse sarau?

Paulo: Ela é simples! É só uma lista que as pessoas deixam os nomes e aí segue uma ordem de apresentação, de acordo com a chegada das pessoas no evento. As pessoas chegam, dão o nome pra Giovana (que é minha esposa) que fica encarregada de fazer a lista, daí então é por ordem de chegada.

Pesquisador: Tem algum tipo de privilégio na hora de se apresentar? Ou não?

Paulo: Não. Não há nenhum privilégio. Eu procuro seguir a lista, obviamente, ordem de chegada e quando pedem bis essa pessoa repete a apresentação, com uma outra poesia, com uma outra música. Mas é de acordo com o calor da apresentação, que daí é o público quem determina. Obviamente que os debutantes, as pessoas que chegam lá pela primeira vez, também têm privilégios.

Pesquisador: Se é seu primeiro dia você apresenta...

Paulo: É! Chegou lá, é debutante, já encaixo ele na lista arrumo não respeitando a sequência.

Pesquisador: Você podia agora contar pra gente um pouquinho sobre o seu afastamento e sobre a sua volta ao sarau? Você ficou um tempo sem apresentar o sarau e depois, agora, você voltou a ser o apresentador.

Paulo: Então, foi uma série de motivos. Motivos pessoais: tive um problema no meu casamento. Eu fiquei afastado, um pouco, de casa um tempo. E por conta, também, da estrutura do sarau que não estava me agradando. Eu acho, assim, que como não sou da trincheira, mas eu tenho que assumir essa posição de não fazer parte da trincheira, embora sinta que a trincheira, o cara do aríete, sejam importantíssimos como aquela mulher que queimava o sutiã, queimava calcinha, como o homoafetivo que beija na frente do policial. Porque o cara beija o namorado na minha frente, olhando pra mim como policial achando que eu estava morrendo de ódio daquilo. E eu pensei comigo: “Você está beijando na frente do policial errado!”. Está perdendo tempo, né. Fazendo aquela cena Porque essa coisa do não-lugar cultural é uma coisa complicada. Só que o lugar cultural também é um lugar de comunhão. Eu estou muito ligado a essa questão da aproximação dos grupos sociais, dos grupos culturais, sabe?! Sem essa coisa de fazer oposição, sem polarizar. Eu estudei muito sobre pós-modernidade e muitas dessas lutas que estão acontecendo agora, elas pedem um sentido dentro de uma proposta de união. É complicado de entender: você vê um ruivo, um negro... Essa coisa de você fazer oposição dentro de uma proposta cosmopolita de hoje, ela se dilui um pouco. E o bar tem muito disso, sabe?! Eu acho que é também, mas pode ser não só. Podem ser uma série de coisas dentro: o cara do Aríete, o cara da Trincheira, o cara que quer unir, o cara que quer... Sabe? A coisa tem que ser mais ou menos assim. Não sei se fui claro agora.

Pesquisador: E você é uma pessoa que se afastou do sarau em determinado momento e voltou, outros não voltaram. Você saberia dizer o que aconteceu?

Paulo: Então, eu, conversando com a Giovana minha esposa, percebi o seguinte: tem vários perfis, tem muita coisa acontecendo, sabe?! Não dá pra você perceber tudo. O que eu perceber é o seguinte: existem aquelas pessoas que de frequentar por conta da falta de estrutura do sarau, são poucas mesas, não há conforto. Aquela coisa de achar que quem é ligado à cultura é hippie da década de 60, tem que parar com isso. Existe aquele que acha que está em Woodstock e

aquele que curte cultura e quer sentar num lugar confortável, quer ser bem atendido. Tanto é que os espaços hoje, os bares hoje, eles têm uma estética diferenciada. Barzinho não é como o bar antigamente. Os bares oferecem – olha só, esse que nós estamos, por exemplo, a iluminação e tal não tem uma estética que agrada, não tem um aconchego. As pessoas buscam isso, isso já é fruto de um sistema que nós todos estamos inseridos. Não existe outra História! A História é capitalista. As pessoas buscam o conforto, buscam o aconchego, também! Isso aquelas pessoas que se afastaram de lá, justamente por causa desse grupo que, quem chega no evento percebe esse grupo específico, e as pessoas às vezes não se sentem pertencedoras desse grupo. Existem vários perfis, por exemplo, alternativos. O Cantinho Girassol é apenas um perfil dentre o universo de perfis de subgrupos culturais que lutam por uma visibilidade, por um engajamento, por um espaço. Então, às vezes, o cara é alternativo, busca um lugar alternativo, mas ele não conseguiu ali olhando para as pessoas sentir-se pertencedor daquele espaço. Ou talvez o cara fosse lá e quisesse ouvir um rock 'n roll, o sarau basicamente é MPB, MPB clássico com um discurso da década de 1960. Existe uma cultura alternativa mais recente que não se enquadra àquela ali, entendeu? Nós temos raízes ainda à esse perfil. Existem várias formas de se lutar, de perceber que às vezes a gente não tem noção. É aquela coisa igual o túnel: nós estamos dentro de um tubo, de um caminho e às vezes nós não enxergamos outros caminhos, outras formas de lutar, outros perfis e, por isso, que existem vários... Sorocaba está crescendo e vamos pensar assim: São Paulo você consegue ir lá e perceber uma infinidade de subgrupos de bares, de espaços culturais, de perfis, de relacionamento, de tudo! Porque a coisa é infinita. Então, é normal que as pessoas, alguma parte, algum traço, espaço, atraia em algum momento, mas não encantou... Você entende aonde quero chegar? Tem um traço do espaço por ser alternativo ele atrai, no entanto a sua essência não abriga a todos. O que atrai lá é o traço marginal, mas existem vários perfis marginais que daí você vai nesse bar e não encontra ali.

Pesquisador: O que você mudaria lá no Cantinho Girassol?

Paulo: Lá?

Pesquisador: Lá! Se você fosse mudar alguma coisa lá, o que você mudaria?

Paulo: Olha, o horário tinha que ser mais estendido. Acho que acabar as 22 horas é um pecado enorme. Porque a noite de Sorocaba começa mais tarde. E nós sabemos que em São Paulo se você criar um evento desses e publicar o horário

tipo: “o evento começa as 13 horas”, vai virar. Existe um público pra isso, para as treze horas, para as dez da manhã, para as duas da manhã, sabe?! Porque lá é uma cidade cosmopolita, tem público pra tudo! Nós estamos no interior. No interior o cara assiste novela e daí que ele sai pra balada; o cara chega as 18H, as 19H em casa. Então o sarau não pode começar as 19H, as pessoas estão chegando em casa. Daí já entra uma questão de alvará e do próprio perfil do dono do bar, também, que às vezes dificulta que as coisas aconteçam de uma forma distinta. A questão técnica, também, lei do silêncio e tal que daí não quero [acredito que ele não quer entrar à fundo na questão].

Pesquisador: Então você só mudaria o horário?

Paulo: O horário é uma das coisas. Eu acho que deveria ter mais conforto, no meu modo de ver. Tem muitas pessoas que deixaram de ir por conta do conforto. Eu já vi gente dizer lá, já vi gente falando isso: “Que pena que não tem cadeira pra sentar!”. Eu não me incomodo. Eu tenho um pouco desse cara da década de 1960: “Ah sentar no chão, que legal! O que importa é o evento.”; você entendeu? Só que não, hoje em dia nós estamos em 2017, então a maior parte das pessoas buscam conforto, coisa que os olhos possam correr e achar belo e tal. Não adianta, isso é fato. Não sou eu que estou inventando isso. Os espaços alternativos hoje estão mudados, não são mais aqueles de antigamente. A minha sobrinha, por exemplo, é super alternativa, só que você vê os locais que ela frequenta... e ela é uma pessoa livre em tudo o que você possa imaginar. Então, o problema é o seguinte: existem vários perfis e é normal que isso aconteça, as pessoas vão mesmo passar por lá “Ah que legal, tem um traço que eu gosto. Me prende aqui, me prende ali”, mas não é o suficiente pra ficar. É assim mesmo.

Pesquisador: Você falou “alternativo”, você classificaria o espaço lá como espaço alternativo ou como espaço de resistência também?

Paulo: Se é de resistência, já é alternativo! Porque a tendência é a hegemonia, a tendência é a cultura hegemônica; a tendência são os locais de acesso comum que todo mundo frequente e goste... Não é, não tem esse perfil lá. É mesmo de resistência cultural, até por conta do conteúdo que rola lá. O conteúdo é de resistência. É interessante porque, você vê, é de resistência, no entanto a cultura apresentada lá é elitizada [risos]. Você vê como é louco?!

Pesquisador: Complexo.

Paulo: Um dia uma amiga me disse assim - que ela foi pra França e ela curtiu um clube de rock lá - ela falou assim pra mim: "Paulo, a música francesa não é mais aquele violãozinho que você ouve. Não tem mais aquele violão de corda chato pra caramba. Agora é igualzinho a você estar nos Estados Unidos ouvindo rock americano."; aí eu falei: "Pô acabaram com a cultura francesa então? Você foi lá pra França, pra ouvir o rock americano? Não tem sentido", concorda comigo? Eu não quero ir para França para ouvir o que eles estão fazendo de bom, que eles conseguiram absorver da cultura hegemônica. Eu não quero saber. Eu quero ir para a França porque é outro país e eu quero saber o que eles têm deles mesmos, pra me mostrar. Concorda comigo?

Pesquisador: Sim.

Paulo: Que é ter uma resistência mesmo. Que é difícil dentro de uma cultura que é, hoje, de obliteração mesmo, né, obliterar a coisa. Então eu acho que é difícil, é uma resistência; mesmo porque todos nós somos datados. Não adianta! Você já é datado, nós somos datados. Então daqui uns anos você vai querer resgatar, esse resgate já é uma resistência. Só os ativos... os ativos não têm nada a ver com o resgate, eles estão vivendo o momento [risos], o resgate do que já passou. Concorda? Como você vai colocar na cabeça de alguém que seja resistente ao que está ainda vivendo de um passado que ele não tem, para que ele possa resgatar alguma coisa? Como criticar o negro jovem de hoje, se ele não sofreu o preconceito, sabe? Você entende aonde quero chegar?

Pesquisador: Sim.

Paulo: Vamos ter que ensinar para ele a questão da história nas escolas, do ensino nas escolas. Filosofia, história, a pessoa tem que conhecer um pouco do passado e mesmo assim é difícil. Eu sofri o racismo, sofro! É diferente! O meu filho, por exemplo, ele não passou pelo o que eu passei. Como que vou colocar na cabeça dele que ele tem que ser como aquele rapaz que estávamos falando agora pouco? Da trincheira... Ele não sabe: "Trincheira pai? Pra quê trincheira?". Então, daí não dá para culpa-lo, eu não consigo culpa-lo, dele perceber o mundo de outra forma. E nem acho que ele tenha que se sentir menor por isso. A coisa é muito ampla para se conversar assim numa entrevista e dizer tudo. Mas o que eu quero dizer para você é que como nós somos datados, existem vários momentos para serem defendidos, vários momentos culturais a serem defendidos. Tem pessoas que acham Chico Buarque um lixo. Então é uma questão cultural, é uma questão de

percepção do que é bom, do que é ruim, do que é diferente; é uma diluição da cultura que é de boa qualidade, daquela cultura mais profunda. O que é que está acontecendo, que nós não sabemos ainda?

Dá-se a impressão que a causa deveria ser de todos e não é! É de um grupo específico, por conta dessa pretensão hegemônica de querer ampliar a luta. Dá a impressão de que quem está fora não está lutando, mas, talvez, esse conteúdo que está sendo usado, não abranja a todos. É só isso! Existem muitas lutas periféricas acontecendo paralelamente a essa. Talvez até sejam as mesmas lutas usando uma roupagem diferente. O perfil do bar lá dá para notar que aquilo ali é um festival, um festival de música popular brasileira. O Zé cantando na abertura é um festival! Sabe quando o pessoal levanta a mão e fala “Regime militar, vamos lutar contra”, está bem premente aquilo ali, dá para notar? Então eu acho que tem que se tomar cuidado com essa questão. Nós temos que respeitar as outras lutas, os outros perfis de lutas, os outros conteúdos. Porque a tendência hoje, na verdade, é a mixsórdia*, não é mixsórdia como bagunça, é união mesmo. A tendência agora, não existe outra coisa, a tendência é essa. Obviamente que, dentro de tudo isso, eu não quero perder o meu lugar, que é isso que faz a resistência acontecer: eu perder meu lugar, o lugar onde eu me sinta segura, o lugar onde eu me reconheça como tal. No caso do Brasil, por exemplo, não existe uma cultura, nunca houve uma cultura, é uma cultura que sempre tentou dentro de um processo globalizante que veio de encontro. Tipo assim: Não é um resgate; é uma tentativa eterna de tentar formar uma cultura dentro de um processo globalizante. Como nunca houve, aí é aquela coisa assim: é como você nadar, nadar, nadar, chegar lá e não ter um lugar para chegar mais. A globalização é isso! Eu vou chegar num lugar, estou lutando para chegar num lugar, mas aí você chega e está tudo igual. Porque não tem mais lugar, não tem um lugar onde você se reconheça. Os únicos lugares onde as pessoas se reconhecem hoje, são esses guetos, esses locais de resistência. Só! Mesmo que se conquiste algo dentro, sempre vai ser assim. A pretensão de universalidade, a pretensão de ampliação dos horizontes, deve ficar sempre naquela da pretensão mesmo. Nos corações de cada um, de um espaço que na verdade nunca haverá. Eu penso assim. O que é interessante mesmo, é manter a luta! Mas eu não imagino esse lugar, eu não vejo onde está esse lugar. Esse lugar está dentro das nossas cabeças, isso que é legal, isso que é interessante. Quero que isso fique bem claro: que as lutas são sim importantes para as coisas conflitantes. O Feminismo, por exemplo, é

uma coisa super relevante, eu acho! A luta de classe mesmo. Aquela mulher dos aríetes, aquela mulher da trincheira, é por conta dela, ou por conta dessas mulheres que estiveram na trincheira com aríetes nas mãos, é por conta delas que hoje as mulheres colheram algum tipo de fruto, têm algum tipo de equilíbrio nessa balança social, de gênero.

* mistura confusa de coisas variadas; mistifório, confusão, bagunça, barafunda.

situação ou fato atrapalhado e conflituoso; embrulhada, desentendimento, atrapalhação.

ANEXO D - Entrevista com Aureo

Apresentação: Aureo Moreno Romeiro, 51 anos. Nasci no Paraná, numa cidadezinha chamada Santo Inácio.

Pesquisador: Estado civil e profissão.

Aureo: Casado, professor da rede estadual de ensino.

Pesquisador: Aureo, como você conheceu o bar [Cantinho Girassol] e há quanto tempo você frequenta aqui?

Aureo: Bom, quando eu mudei pra Sorocaba, eu morava na grande São Paulo, eu tinha poucos amigos, gostava de frequentar bar. Aí comecei a vir aqui, no Cantinho Girassol, que era de um antigo dono. De um outro dono. Era só uma metade de porta e o pessoal se reunia aqui de domingo pra beber uma cerveja e comer frango assado. Aí, depois disso, o bar passou pra um outro dono, que tinha um clima ruim, que vinham pessoas meio esquisitas, pessoas usuárias de drogas e tal... Depois o atual proprietário comprou o bar e estabeleceu uma proposta diferente: de trazer um pouco de cultura, música, livro, poesia e aí isso foi [me] atraindo, e eu comecei a frequentar com mais... [risos] Vim mais vezes no bar.

Pesquisador: Legal! E você costuma participar das atividades culturais desenvolvidas aqui? E por quê?

Aureo: Então, sempre que é possível, eu venho. Principalmente nas sextas-feiras. Primeiro: Sorocaba é uma cidade grande, uma população grande também. Só que Sorocaba, não é uma cidade que a gente poderia caracterizar como Cosmopolita. Ou seja, não tem aquele pulsar daquela cultural, não tem lugares que você pode ir... A não ser que você tenha dinheiro. Então é uma cidade que embora seja grande, ela não tem grandes lugares que podem apresentar para você lazer, cultura, divertimento, bom papo. Então, ou você paga para frequentar ambientes mais caros, mais sofisticados, ou você tem que procurar um lugar que te ofereça o mínimo de cultura, de papo bom, de gente que converse legal e a um baixo custo. E o bar aqui oferece uma música de qualidade, oferece pessoas que tem uma cabeça legal, que conseguem debater, que conseguem discutir. Discutir em alto nível: as pessoas que frequentam o bar não são os bebuns que a gente está acostumado a encontrar por aí. Então você acaba aliando duas coisas. Primeiro: encontrar pessoas que você possa conversar sobre assuntos diversos, se divertir e, ainda, ter um lazer e contato com a música, poesia, um livro e assim por diante.

Pesquisador: Legal, bacana... E o que o espaço representa pra você?

Aureo: Eu acredito assim: que qualquer espaço que contenha uma manifestação cultural e artística, é importantíssimo. Principalmente num país onde a cultura e a educação são sempre relevadas a segundo plano. Então eu vejo o bar não apenas como um lugar de lazer, mas um lugar que pode resistir a um sistema comercial de cultura, onde poucas pessoas têm acesso. Né, então o bar representa, principalmente por estar situado numa periferia, representa uma possibilidade, uma alternativa de a pessoa encontrar algo diferenciado.

C: Você considera que o Cantinho Girassol é um espaço de entretenimento?

Aureo: Também! Eu acho que ele alia duas coisas: a vontade que as pessoas têm de se socializar, porque o ser humano, na sua natureza, sempre buscou contato com outras pessoas. E ao mesmo tempo, ele oferece esse entretenimento às pessoas. Principalmente àquelas pessoas que já estão começando a entender que você pode frequentar um lugar e, ao mesmo tempo, ter cultura, ter uma discussão legal sobre algum assunto. Então aqui frequentam professores, frequentam administradores, professores universitários e todo mundo meio que se iguala. Está todo mundo na mesma situação. Parece um pouco aqueles bares do século XIX onde frequentavam poetas, intelectuais e não havia distinção entre cor, raça, sexo e assim por diante.

Pesquisador: E além do entretenimento, o espaço aqui oferece algo mais?

Aureo: Ah com certeza! Eu acho que só o fato dele apresentar livros por todo o ambiente, já é uma coisa que diferencia ele de outros lugares. Segundo: pessoas que vem tocar, cantar, falar poesia, sem nenhum interesse comercial. A pessoa simplesmente quer manifestar seu desejo de mostrar seu trabalho. Se às vezes algum cliente contribui ou não, é uma outra questão. Mas as pessoas vêm aqui com o interesse mesmo de mostrar aquilo que ele... Quer dizer, é um espaço que a maioria dos artistas não têm. São artistas bons, artistas que tem coisas boas pra falar, só que não tem espaço. Então, eles vêm, apresentam seu trabalho e, as pessoas que estão aqui, aproveitam, também, o momento pra poder fazer uma troca. Eu acho que esse aspecto do bar é interessante.

Pesquisador: E por que motivo você vem aqui e não em outros lugares?

Aureo: Bom, primeiro porque [o bar] está próximo da minha casa, isso é uma questão importante. Embora aqui [nas redondezas] tenha outros bares, só que a gente tem que fazer um bar... ele tem duas conotações: ele é um lugar em que as

peças vão pra beber, mas tem o lugar que eles vão pra socializar. Eu acho que, aqui, ele acaba incorporando melhor essa questão da socialização. Então eu venho aqui pra poder, não só descontraír, não só ter um momento de esquecer os problemas da vida – que eu acho que é esse mesmo o princípio que tem um ambiente público, um bar, ou um lugar -, mas também aprender alguma coisa. Pois você encontra pessoas aqui de mais variados tipos de gente. Desde pessoas que tem um intelectual enorme, até pessoas comuns: padeiro, gesseiro... pessoas que pertencem a grupos, por exemplo, LGBT que você convive de boa com esse pessoal. Então, embora você tenha – e eu acho que é isso que enriquece o bar – pessoas de todas as condições, e você aprende muito com isso, Porque você aprende a ser mais tolerante, ter mais respeito, conviver melhor com essas pessoas. Então, acho que só o fato do bar, já de cara, apresentar uma quantidade enorme de livros, ele já se diferencia dos outros. E, ao mesmo tempo, acaba afastando aquelas pessoas que vem no bar só pra beber, encher a cara, ficar bêbado, ficar perturbando os outros.

Pesquisador: Para finalizar, você indicaria o espaço para algum amigo? Se sim, o que você diria para esse amigo?

Aureo: Ah com certeza! Eu nunca indicaria um espaço que fosse ruim para as pessoas. Até porque, se eu frequento o lugar, eu acredito que ele deve ter algum atrativo. Eu acho assim: é claro que por ser um bar e ele trabalha com bebida alcóolica, pessoas fumam, etc, ele tem que estar restrito a pessoas maiores de idade. Mas eu acho que Sorocaba, por exemplo, é uma cidade que a população é ainda muito provinciana, então é difícil você ter contato com outras pessoas. Que a pessoa venha, abra sua cabeça, comece a conversar. E o sorocabano em si, ele não está acostumado. Eu acho que Sorocaba passou por uma transição entre uma cidade interiorana por um processo de urbanização muito intenso, então muita gente que já era daqui tem dificuldade em aceitar pessoas novas que vem de fora. E muitas pessoas que vem de fora, acabam vindo pra cá com o objetivo de se isolar num condomínio, se fechar num lugar diferente. Então, as pessoas que eu conheço, que eu tenho o contato sempre falo “Olha, você quer um lugar que você pode comer, beber, se divertir a um baixo custo, você pode ir no Cantinho Girassol, que você vai conseguir ter tudo isso.”. E o mais importante, é claro, resgatando pouco a ideias dos pubs ingleses, resgatando um pouco dos bares da Alemanha, principalmente no inverno que as pessoas vão muito nesses bares, um ambiente de conversa, de troca

de ideias. É nesses lugares que acontecem os movimentos, é nesses lugares que as pessoas trocam ideias, discutem sobre política, discutem sobre religião, discutem sobre economia, sobre tudo! Então, eu acho que você tendo um espaço onde as pessoas podem fazer isso, é altamente recomendável e importante, e é saudável que as pessoas frequentem.

C: Você morava na grande São Paulo?

Aureo: Isso!

Pesquisador: E comparando com a Grande São Paulo, então você acha que Sorocaba tem esse perfil de ser mais fechada?

Aureo: Com certeza! É uma cidade onde, se você pegar, por exemplo, Sorocaba vinte anos atrás, trinta anos atrás, ela tinha um perfil completamente diferente. Então é uma cidade que foi de “sei lá” setenta mil habitantes, para seiscentos mil habitantes, então ela cresceu muito. Agora a Grande São Paulo tem um outro componente, que eu acho que diferencia, é que ela tem uma mistura enorme. Então se você pegar Carapicuíba, Osasco, Jandira, Itapevi, você tem muito a presença do nordestino, você tem muito a presença de pessoas de outras regiões, que foram ali por ter terrenos baratos, pela cidade dormitório, e isso fez com que essas regiões pulsassem mais em termos de tolerância. Eu acho que o sorocabano é menos tolerante, em relação ao que é diferente, ao que é diverso, do que o cara que mora numa cidade como São Paulo, que tem muito mais o conceito de uma cidade cosmopolita, que não dorme, que está sempre em movimento, que tem mais teatros, mais cinemas. Então Sorocaba é muito restrita. Quantas salas de cinemas e teatros você tem em Sorocaba? Acho que uma, duas no máximo! O máximo que você vê aqui são uns shows de artistas sertanejos, por exemplo. Então, acho que falta na cidade essa mistura que é o que vai transformar o lugar, num lugar melhor, com mais respeito. Acho que o sorocabano, até pelas eleições, por quem ele elege, é muito conservador ainda. Então você ter um espaço em que as pessoas possam conversar, dialogar e isso, na periferia ainda, é um avanço enorme pra cidade.

Pesquisador: Então você acha que o encontro e as trocas são positivas?

Aureo: Com certeza! O ser humano só é igual na diversidade. Se não existir diversidade, você não evolui, você não chega a lugar nenhum. Acho que isso é importante, fundamental. Quem está acostumado a morar na grande São Paulo, que ele tem opções pra tanto quanto é lugar, baratas, de graça, por exemplo, ele estranha quando chega aqui. Porque fica restrito ao que? A dois shoppings centers,

um bairro nobre que é o Campolim, que oferece poucas opções de lazer pra quem não tem dinheiro. Então você acaba ficando restrito e as pessoas acabam não convivendo e fica cada vez mais difícil. Um exemplo é convivência no trânsito da cidade que é muito complicado.

ANEXO E - Entrevista com Córdoba Jr

Apresentação: João Batista Tomáz e Filho, a cidade natal chama-se Dois Córregos, aqui no estado de São Paulo. Pertinho de Jaú, Barra Bonita, Limeira do Tietê. Eu quando era criança, jovem, bem na infância, a gente pedalava muito, eu sempre pedalava muito. Então a gente ia de Dois Córregos a Limeira do Tietê pedalando, era muito legal. Eu gostava muito. E Córdoba Jr. surgiu em 2002/2003, quando eu participei pela primeira vez de um concurso aqui da cidade. Eu não lembro mais... sinceramente eu não lembro. Outra vez eu falei pra você o nome... não é Rasgada Coletiva, era... enfim, que furo! Eu não lembro o nome. Enfim! Mas era um concurso de poesia, realizado pela prefeitura municipal, no qual eu ganhei, inclusive, com uma poesia chamada “Guerreiros Acordados”, e concorri em São Paulo. Lá evidentemente eu não consegui nada. Mas é isso aí, o nome, o pseudônimo, permanece até hoje. O que, aliás, eu confundo, me sinto mais Córdoba Jr do que João Batista, sinceramente. O que é o fim da picada, diga-se de passagem.

Pesquisador: Profissão e estado civil.

Córdoba: Então, eu fiz até a faculdade. Fiz administração de empresas, na antiga FACAS, onde hoje é a Uniso aqui na General Osório. Era Faculdades de Ciências Contábeis e Administrativas de Sorocaba. Fiz Administração ali de 1977 à 1980. 1980 foi o ano que o “filha da puta” lá matou John Lennon e, então, nesse ano, deixei estudar inglês porque eu tinha como uma segunda língua, a língua inglesa. Porque eu achava que um dia eu fosse trocar uma ideia com John Lennon, né. Mas a partir do momento que ele foi embora, eu deixei a língua inglesa de lado.

Pesquisador: Como você conheceu o bar? E a quanto tempo você frequenta aqui [Cantinho Girassol]?

Córdoba: Eu frequento o bar desde quando o Zé veio pra cá, há uns quatro anos. E a partir do momento que ele falou que ele fazia sarau em São Paulo, eu falei que tinha um grupo de poesia, que chamava-se Coesão Poética. Então ele manifestou o desejo de transferir pra cá o mesmo esquema que ele fazia em São Paulo, e eu manifestei o desejo, a vontade, ou melhor, a imposição de trazer o grupo pra cá também. E foi o que eu fiz: todo o grupo veio aqui, todo mundo uniformizado – com a nossa camisetinha “Coesão Poética”, coisa e tal – mas a partir do momento que o grupo achou que devia dar uma debandada, uma saída, eu também caí fora

do grupo. Fiquei um ano e meio sem participar de nenhuma atividade de grupo, se quer uma reunião, de protesto contra a eles tirem “tirado o corpo” aqui do Zé Miranda. Não vou querer entrar em mérito da questão, eu só acho que: a partir do momento que o Zé deu essa chance pra nós, até hoje a gente deveria abraçar essa oportunidade. Hoje praticamente somente eu e o Bosco, do grupo Coesão, frequentamos O Zé Miranda.

Pesquisador: Então pelo que você me falou, teve uma ruptura entre esse grupo e o sarau aqui do Zé Miranda?

Córdoba: Sim! Eles ficaram ausentes um tempão, até hoje não sei exatamente o porquê. Tenho as minhas dúvidas, as minhas desconfiças, a minha análise em cima disso aí. Tenho sim! Por que não?! Mas não justifica! O grupo queria porque queria um lugar pra se apresentar, eu consegui aqui um lugar – o Zé Miranda - pra que o grupo se apresentasse. E no começo, não vou negar, foi muito bom, muito legal, todo mundo do grupo participava. Depois muitos achavam que deveriam dar um tempo, acabaram dando um tempo longo demais. Aí eu também dei um tempo de um ano e meio no grupo, em protesto contra essa ausência da maioria do pessoal. E, volto a repetir, hoje eu participo do grupo eventualmente, não estou em todas as reuniões, só participo de reunião quando tem alguma coisa interessante. Por exemplo: o músico sorocabano Eraldo Basso; Eraldo Basso está musicando os poemas nossos. Aí sim, quando ele participa da reunião eu também participo. Quando não há nada diferente, eu não tenho a mínima vontade de frequentar a casa do Nicanor. Não é nem pelo Nicanor, nem pela casa, mas por lá ser feito, serem realizadas as nossas reuniões.

Pesquisador: Então no ponto que você teve que escolher entre o Coesão [Poética] e o [Cantinho] Girassol, você escolheu o [Cantinho] Girassol?

Córdoba: Tranquilamente! Até hoje! Escolho o Zé Miranda porque foi o único que deu uma chance pra nós, não só pra mim. Eu abracei essa chance com unhas e dentes, o pessoal não entendeu assim. A não ser, o Bosco. O Bosco participa de todo sarau que existe aqui.

Pesquisador: Ele participa do grupo ainda?

Córdoba: O Bosco participa, mas também não tem lá grande interesse em estar presente em todas as reuniões. Participa, assim como eu; eu sou Coesão [Poética], não vou negar. Mas eu vou quando quero, nada mais do que isso.

Pesquisador: Obrigado. E aqui, você costuma a participar das atividades culturais desenvolvidas no Cantinho Girassol?

Córdoba: Sempre! Nunca deixei de comparecer a nenhuma. Não só das atividades, quanto já representei o Cantinho [Girassol] algumas vezes em algumas reuniões da biblioteca infantil, na Fundec, na biblioteca lá em cima [provavelmente a Municipal]. E sempre, poderia perfeitamente, estar representando a Coesão [Poética], mas eu faço questão de representar o Zé Miranda, o Cantinho Girassol. Isso eu não nego a ninguém e todo mundo lá no grupo sabe disso. A minha participação é representando o Cantinho. Por quê? A gente queria se apresentar, o Zé foi o único que deu essa chance pra valer pro grupo e o grupo desprezou essa chance.

Pesquisador: Córdoba, o que o espaço aqui representa pra você?

Córdoba: Puxa vida, rapaz! O espaço, depois que a dona da pensão foi embora, um ano e sete meses [atrás]. Principalmente, o espaço foi uma ajuda, um auxílio. O espaço pra mim, tanto o Zé quanto a Ciça, na minha opinião, são pra mim, como uma espécie de psicólogos. Porque, agora nem tanto, eu confesso que agora eu dei uma recuperada, tô numa ascensão muito boa, não vou negar isso aí. Ainda, eventualmente, de manhã, as minhas manhãs, ainda são um pouco tristes, porque eu moro numa casa relativamente grande, como não tenho filhos, comigo ali, sou eu e eu e as quatro paredes. Mas o Zé e a Ciça me deram uma força muito grande nessa ajuda para com a minha recuperação. E os amigos que aqui frequentam também, todos, absolutamente todos, inclusive você, meu caro Pesquisador, a dar um passo a mais. Mas um passo seguro, não somente um passo. Você pode dar um passo trêmulo, ou seguro, convicto. Pra mim, todos vocês me ajudaram e estão me ajudando a dar um passo seguro em direção ao futuro, tenho certeza, totalmente diferente deste presente e diferente desse meu passado.

Pesquisador: Você considera o Cantinho Girassol um espaço de entretenimento?

Córdoba: Sem dúvida! Eu estou muito contente com o que eu faço aqui no Cantinho. Bom, posso estar sendo egoísta, pensando em mim no sentido de: eu venho, faço o que eu gosto, se alguém não gostou não é problema meu. Não, eu tenho certeza que todo mundo que vem aqui, gosta de frequentar o Cantinho. Tem uma magia diferente, uma magia especial aqui no Cantinho. É meio difícil até de explicar. Pra você ver: O Bosco, mesmo, falou outro dia que ele também se sente

assim e quando sai daqui, sai de maneira diferente. Até eu brinquei com ele, falei com você, falei que era como a capela João de Camargo: você entrava lá e saía diferente. E faz muito tempo que não vou lá, muito mesmo. Mas ouvi alguém falar, isso eu achei interessante a frase: “O Cantinho é isso: você vem aqui não querendo nada, acaba se espairecendo, tendo uma alegria muito grande de participar do sarau, dos dias de música”. Então eu estou muito contente, não tenho o mínimo a reclamar, só a agradecer.

Pesquisador: E além de entretenimento, você acha que o espaço aqui oferece algo a mais?

Córdoba: Muito! O convívio, aqui se tornou uma família. Eu já frequentei bares lá no centro, quando trabalhei nos Correios, por muitos anos; eu frequentava o bar do Japa na Galeria Santa Clara, tudo bem não tenho vergonha de falar. Fiquei lá por muitos anos, mas não tinha absolutamente nada a ver com o Cantinho. Aqui você tem uma família, aqui todo mundo que frequenta aqui, independente de ter sarau ou música, digamos que seja um dia normal sem nada de barulho diferente, todo mundo é uma família. Eu digo isso porque é difícil o dia, é muito difícil o dia que em que eu estou aqui e que, pelo menos uma pessoa, não chega, não abraça, não beija, pergunta como é que estou, se estou recuperando, se não estou. Isso eu não tenho visto em lugar nenhum.

Pesquisador: E por quais motivos você frequenta o Cantinho Girassol e não outros lugares?

Córdoba: Bom, eu nunca fui muito de frequentar bares. Frequentava lá no centro, quando eu morava lá, esse bar que foi dentro da Galeria Santa Clara e, esporadicamente, a gente ia a um ou outro bar ou restaurante, eu e a dona da pensão. A gente muito ali, principalmente na Pizza na Pedra, a saudosa Pizza na Pedra na Barão do Rio Branco. Frequentei, também, o Ricieli, até por uma questão de comodidade, [era] em frente ao Correio. Bar do Flori, Passarinho, mas não, assim, frequência assídua, a miúdo. Não, era uma frequência eventual... Agora, o Cantinho é diferente. Até pelos motivos que eu já citei. Eu morei catorze anos aqui pertinho, há cinco [anos] mudei aqui do Wannel, e o tratamento que o Zé e a Ciça dispensam à gente, é diferente. É diferente porque você vai em alguns comércios, você não vê o tratamento pessoal. Aqui não, tanto o Zé quanto a Ciça... E volto a repetir, os que frequentam, a mim pelo menos... Eu digo assim: esse negócio de amizade é muito pessoal e particular. Mas se referido a mim, tem sido diferente, tem

sido muito diferente o tratamento que eu tenho recebido aqui. Jamais eu vou deixar de frequentar o Zé! Claro, eu diminuí porque me mudei, não estou mais aqui pertinho. Mas não vou deixar de, pelo menos, um dia ou dois por semana de estar presente.

Pesquisador: Para finalizar, última pergunta. Você indicaria esse espaço para um amigo? E, se sim, o que você diria?

Córdoba: Não só indicaria, como já indiquei a todo mundo. Todo mundo que eu converso lá no centro, que tem alguma ligação à arte, eu falo do Cantinho. Se atendem à minha sugestão ou não, aí eu já não posso dizer... Alguns sim! Alguns eu já vi aqui. Mas se a maioria ou não, aí eu já não posso te confirmar. Mas a todo mundo que eu converso, que está ligado de uma maneira ou de outra à poesia, a música, enfim à arte de um modo geral, eu falo do Cantinho Girassol. Eu acho que o ambiente, não sei, o ambiente aqui é diferente. Dá a impressão que a gente está num plano paralelo da mais alta cultura, da mais alta amizade, cordialidade, do mais alto entendimento entre as pessoas. É isso!

Pesquisador: E quando você indica o bar para um amigo, o que você fala para convencer o amigo a vir?

Córdoba: Eu digo assim: “Meu amigo, me dê ‘duzentão’ que eu vou indicar um bar legal pra você.”. [risos] Eu estou brincando, eu digo que lá tem música, poesia, que o ambiente é familiar e que tem um caldo de mocotó especial! [risos] Só lá tem esse caldo de mocotó especial.

ANEXO F - Entrevista com Evandro

Apresentação: Evandro Aranha, 27 anos. Sou de Sorocaba mesmo, sou casado e atualmente dou aula de Gestão Empresarial e Informática.

Pesquisador: Como você conheceu o bar [Cantinho Girassol]?

Evandro: Conheci o bar através do Facebook, eu procurava lugares para declamar quando comecei a escrever. Aí eu vi que existia esse bar cultural, pesquisei mais para saber. E através de alguns amigos que eu estava fazendo na época. O próprio Pedro me incentivou a vir no Girassol e eu vi que era um bar bem aberto, era isso que eu procurava. Eu não queria um bar elitista, para assim dizer, uma coisa que era um clubinho fechado. Eu queria um lugar que a cultura fosse aberta e tal, daí eu vim declamar aqui no Girassol.

Pesquisador: E quanto tempo faz isso? Há quanto tempo você frequenta?

Evandro: Faz uns dois anos já!

Pesquisador: Você costuma participar das atividades culturais desenvolvidas aqui no cantinho? E por quê?

Evandro: Eu tento sempre que possível [participar] do *Sarau Palavra Encantada*, que rola aqui [no Cantinho] quinzenalmente. Os outros eventos Juca Convida, eventos especiais, é um pouco mais difícil pra mim pelo momento agora, que estou trabalhando, tenho filho... Mas sempre que possível, eu gosto de estar aqui. O sarau, pelo menos, é sagrado. Sempre tento “colar” aqui.

Pesquisador: Este espaço aqui tem alguma importância para você? E, se sim, qual?

Evandro: Absolutamente! Foi o lugar que eu me descobri, porque antigamente eu achava que eu escrevia poesia para mim. A partir do momento que vim aqui, o pessoal foi receptivo, foi acolhedor, eu descobri que a poesia tinha uma função muito maior do que satisfazer meu ego. Era uma coisa que alguém podia realmente ouvir o que eu estava falando, podia acreditar naquilo, sentir alguma coisa diferente. E aqui, pelo fato de ser um bar receptivo, os donos darem total liberdade, apoio mesmo, cultural à arte, me fez assim praticamente... Aqui eu brinco com o Zé: aqui é minha segunda casa. Eu, quando quero declamar, às vezes venho aqui é minha segunda casa, porque é “do caralho”.

Pesquisador: Você considera aqui [Cantinho Girassol] um espaço de lazer e entretenimento?

Evandro: Sim! Sim, eu acho que muita gente procura aqui o Girassol para se divertir. Eu também, apesar de eu vir me apresentar, um dos maiores prazeres que eu tenho é ver gente nova declamando; as pessoas que eu já gosto, ver declamando, ver tocando. Então, é um programa pra mim. Quando eu venho no Cantinho Girassol, é um programa. Quando eu quero dividir venho aqui e, também, quando quero agregar mais cultura, mais conhecimento, aqui também é o lugar que presta esse papel para mim.

Pesquisador: E além dessa função de diversão, de lazer e entretenimento, você acha que tem algo mais?

Evandro: O Girassol acredito que tem uma função, primeiramente, de cidadania e de ocupação do espaço público, porque ele ocupa. Esse movimento aqui do Girassol, ele é um movimento que mostra que a cultura não tem que ficar trancafiada em biblioteca, em museu. Ele mostra que um bar na periferia pode prestar esse papel de ser um agente público modificador das pessoas. Além da parte cidadã, também é um ato político, porque a arte é política. Então o fato dele abrir, é um ato político de rebeldia contra o sistema que – o Zé vai falar bem melhor que eu – ele não se contentou em saber que poesia era só em biblioteca, “não sei o que” era só em museu. Eu acho que ele falou assim “O bar também pode ser o local também.”. Então, além de cidadania, política, tem várias funções aqui o Girassol. Eu acho que ele cumpre bem todas elas. O Girassol é “foda”.

Pesquisador: Por que você vem aqui e não em outros lugares?

Evandro: Eu costumo tentar “colar” em todos os “rolês” culturais que eu acredito que realmente agregam alguma coisa. Não é uma coisa que eu evito, mas não costumo, não tenho o hábito, “colar” em coisas muito fechadas e coisas meio de clubinhos, elitistas, porque não é muito minha pegada. Tanto que eu já discuti até com a menina lá da academia sorocabana de letras, porque ela falou para mim que “está aberto” [a academia sorocabana de letras] e eu perguntei “Aberto para quem? A gente não sabe de nada”. Então, aqui o fato de ser mais aberto, o fato da galera vir realmente prestar atenção, é um lugar em que me sinto acolhido. Mas não impede de eu ir a outros lugares. Mas com certeza o fato desse acolhimento, dessa recepção, faz eu preferir ele [o cantinho girassol] em razão dos outros. Por exemplo: se eu quiser ir num sábado eu vou preferir ir no Girassol, mas de repente, sei lá, é um dia que não é poesia, talvez eu possa cogitar ir num outro lugar que tenha poesia. Porque eu acho que a poesia, aqui em Sorocaba principalmente, ela tem

muito ainda o que acontecer, ela não acontece em muito Sorocaba. Geralmente ela está sempre como subprodutos de outras artes, então vai ter um “rolê” de música e para ficar mais bonitinho, os “caras” colocam poesia. É isso que acontece, é a realidade. “Tô” mentindo? Assim: vai ter atração musical, aí para “pagar de descolado”, os “caras” colocam lá “vai ter uma exposição e vai ter um poeta declamando”. Mas o poeta declamando os “caras” falam “três poeminhas só pra...”. Aqui não! Aqui é poesia, a música, tudo tem o seu lugar. Então, obviamente é o lugar que eu me sinto muito mais acolhido.

Pesquisador: Uma pergunta que não estava no roteiro, mas que eu fiquei curioso. Então você acha que existe uma certa democracia entre os gêneros de arte aqui? Por exemplo: a poesia tem o mesmo espaço que a música?

Evandro: Não, absolutamente não! Eu acho que vem até da nossa cultura, porque pode ver: quantas vezes você já viu num programa de televisão popular, ir um poeta declamar? É muito raro! Até programas que são mais “cools”, vamos dar o exemplo “Altas horas”, eu nunca vi um poeta ir lá declamar. Pode até ter ido, mas eu pelo menos nunca vi. Então aqui em Sorocaba eu vejo uns eventos que até pode rolar poesia, mas a poesia o nome do poeta está ali e o poeta está mais para falar aquela coisa “Ó a gente tem bons, a gente tem ótimos poetas, mas o rolê aqui é música”. Eu gostei do evento que teve agora a Feira do Beco do Inferno, aproveitando para falar bem... Eles dividiram, ficou mais democrático. Então teve bastante música, mas teve bastante poeta e horário bom. Eu me apresentei as seis horas da tarde, que num “domingão” foi um horário que “bombou”. Então quer dizer, os caras realmente colocaram em prática a questão da democracia cultural. Mas isso aqui em Sorocaba é apenas uma miragem. Porque geralmente acontece de num “rolê” de música eles colocam assim “vai rolar ‘expô’ [exposição] de não sei quem”, mas é pra complementar o rolê. Porque como eles fazem toda propaganda, toda a divulgação em cima da música, é claro que as pessoas vão por causa da música. Então eu sinto falta e faço até um mea culpa, porque até nós próprios poetas deveríamos fazer mais eventos, não totalmente literários, mas que a poesia tivesse realmente o seu papel. Mas a gente pra divulgar nosso trabalho, agente faz isso. E é até bom porque se hoje, por exemplo, os poetas que têm, não nome, mas os poetas que têm uma penetração mais na camada cultural, o Pedro, eu, enfim... Se a gente fazer um evento, talvez comece, né, mudar e a literatura ter um espaço nela. E não seja só plano de fundo das outras artes.

Pesquisador: Não ficou muito claro para mim, gostaria de voltar nesse tema, aqui [no Cantinho Girassol] você sofre desse problema?

Evandro: Não, absolutamente não! É por isso que me sinto em casa. Porque aqui a mesma atenção que é dada para a música, é dada para a poesia, é dada para alguém se quiser fazer uma interpretação, se alguém quiser fazer uma dança, se alguém quiser fazer alguma coisa diferente, a atenção dos proprietários, dos frequentadores, da estrutura, é toda democratizada. Se é cultura, vai estar sendo feita, vai estar sendo aceita e prestada a atenção. Por isso que eu me sinto tão bem aqui. Não é que nem aquelas coisas que às vezes eu vou no evento que eu percebo que a pessoa está meio tipo assim “Ah o poeta declama enquanto estão arrumando o som”. Já falaram isso pra mim: “Ó Evandro aproveita pra você declamar, o cara vai afinar ali. Fala rapidinho.”. Quer dizer, não é assim cara! Eu não estou falando que tem que me colocar num pedestal, obviamente não. Mas pelo menos o mesmo tratamento.

Pesquisador: Ser protagonista também

Evandro: É! Já sugeriram assim para mim... Eu falei “‘Vou fazer minha apresentação é dez minutos, tenho dez poemas.’ ‘Ô você não quer ficar picotando os seus poemas? Falando um de cada vez?’”, aí eu falei “Não, é que eu faço uma apresentação. Eu faço um set list.”. Aí eu perguntei para a pessoa “Você sugeriria para um músico de ele tocar uma música e daqui a pouco, depois de um tempo você toca outra?”. Não ia se sujeitar. Por que eu que sou poeta tenho que me sujeitar? Se ele tem a apresentação, eu também tenho a minha, o pessoal da dança tem um tempo... Todo mundo tem que ter um tempo. As artes tem que estar sendo mostrada para as pessoas igualmente. Se não, se você mostrar muito música e pouca poesia, é claro que as pessoas vão querer música. Isso é a lei da demanda. As pessoas não vão consumir o que não está sendo exposto ali. Agora que é agente cultural, se democratizar o espaço a partir do momento que você faz um evento contemplando. Mas quando eu falo contemplar mesmo, [é] chamar atenção, divulgar, falar “Ó vai ter exposição foda dessa artista. Vai ter poesia dessa pessoa. Vai ter dança. Vai ter oficina.”, você vê se a pessoa não vai aproveitar. Na Feira do Beco do Inferno, a mesma galera que colava para assistir você, colava para assistir música, comprava artesanato, participava de uma oficina de xilogravura. Porque eles deram a mesma importância para todas as artes. Eu acho que basicamente, aqui totalmente, se coloca em prática. Quando eu vejo o Zé postando no Facebook que a

cultura tem que ser democratizada, eu sei que ele não está querendo ganhar “like”, ele faz isso, ele democratiza tudo. Ele foi quem deu a ideia para mim, falou “Evandro, por que você não vai se apresentar antes?”. Quem que Pesquisadorga num poeta e fala “Faz apresentação antes aí” num bar? O Pedro é de São Paulo, é raro até nos outros lugares isso. Então ele coloca muito em prática o que ele diz na teoria com relação a cultura.

Pesquisador: Você indicaria o lugar para um amigo? Se sim, o que você diria?

Evandro: Eu falaria “Mano você quer consumir arte?- Consumir é meio estranho falar – Você quer apreciar arte, apreciar cultura? Você tem que ir no Cantinho Girassol, porque é um lugar que o acesso é democrático, as pessoas vão prestar atenção na sua arte.”. Eles prestam atenção, isso que eu acho genial. Eles não estão no celular, claro que pode ter, mas as pessoas estão lá e prestam atenção no que você está falando. Quando você sai a pessoa [fala] “Putá, legal”, ou já teve gente que deu feedback e falou assim “Putá, aquela palavra lá que você rimou ficou muito boa a rima.”. Já aconteceu isso comigo. E eu a Pesquisadori do caralho, porque a pessoa prestou atenção em mim! A pessoa me viu e eu prestei atenção nela, prestei atenção na música. Então se eu tivesse que dar um conselho para um amigo meu: “Venha para o [Cantinho] Girassol, venha apreciar a arte. Se você tem arte, venha mostrar a arte, porque aqui é o lugar em que a arte é respeitada como ele deve ser sempre.”.

ANEXO G - Entrevista com Nezinho

Apresentação: Valdinei Gomes Quevedo. Nasci em Sorocaba em 26/11/1952. Resido aqui no Wannel Ville V, já morei no Wannel Ville II, estamos aqui...

Pesquisador: Estado Civil? Profissão?

Nei: Casado. Aposentado.

Pesquisador: Como você conheceu o bar e há quanto tempo você frequenta aqui?

Nei: Olha, eu conheci o bar através de meu amigo Neizão, que é xará meu, Simonei Carvalho. Ele que indicou para mim, eu morando aqui não conhecia o espacinho aqui. O espaço aqui do Zé Miranda. E o Neizão falou pra mim “Vai lá Nezinho”, e eu comecei a frequentar acho que já faz mais ou menos... acho que já faz uns dois anos que estou frequentando aqui.

Pesquisador: Dois anos?

Nei: Dois anos mais ou menos.

Pesquisador: E você costuma participar das atividades culturais desenvolvidas aqui no Cantinho?

Nei: Com certeza! Eu fui o mais participante que todos aqui, muitos eventos a gente fez aqui.

Pesquisador: E por que você participa das atividades?

Nei: Porque eu adoro o lugar. Aqui o lugar é maravilhoso, fantástico, vai chegando as pessoas, grandes amigos... O espaço é da gente aqui, não tem aquela coisa de você chegar e você tem que fazer o que você precisa fazer. Aqui é um espaço cultural, brinca todo mundo e todo mundo se diverte. Tem poesias, tem música e é coisa que a gente gosta.

Pesquisador: Este lugar aqui, o espaço Cantinho Girassol, tem alguma importância na sua vida? Uma importância para você?

Nei: No momento, agora tem. Porque toda sexta e sábado, geralmente, eu estou aqui. Participo com a galera, sempre que posso, no sarau ou quando a gente cria um evento, que seja vários tributos de bandas maravilhosas como Raul Seixas, Legião Urbana, brega, anos 60... O Serginho, nosso amigo, também faz um pagode de sábado à tarde. E a gente vem aqui, porque a gente gosta por ser um espaço cultural para a gente. A gente se sente muito bem aqui, além de estar com nosso

amigo Zé Miranda, estamos com todos nós aqui que somos grandes amigos, graças à grande amizade que a gente fez aqui.

Pesquisador: Então a importância seria a questão da amizade?

Nei: Exatamente! Amizade, música, tudo! Tudo gira em torno de uma coisa só. Música, amigos e o espaço cultural que é muito bacana.

Pesquisador: Você considera aqui [Cantinho Girassol] um espaço de lazer e entretenimento?

Nei: Sim! Considero, porque a partir do momento que você vem aqui, você fica curtindo, independente de quem tá tocando, de quem tá cantando. Mesmo que não tenha evento nenhum, você vem para tomar uma cerveja com os amigos, bate um papo, jogar uma conversa fora. Eu acho que é muito bacana isso daí.

Pesquisador: E, além do lazer, do entretenimento e da diversão, tem alguma coisa a mais que o lugar oferece?

Nei: Ah, eu acho que aqui no Wannel Ville tem tudo! Tem de tudo pra gente.

Pesquisador: Mas especificamente no Cantinho Girassol, além de divertir, oferece algo mais?

Nei: Ah oferece! Oferece muita coisa: amizade, comidas, bebidas, conversas e amigos que a gente vai conhecendo através de quem vai frequentando. Quando eu comecei a frequentar aqui eu não conhecia ninguém, hoje estou conhecendo muita gente. E pra mim é importante isso daí, principalmente você!

Pesquisador: Por que você vem aqui e não em outros lugares?

Nei: Porque aqui é um lugar gostoso! É perto de casa, e aqui no Wannel Ville tem tudo, não precisamos sair para outro lugar para se divertir. Porque aqui [No Cantinho Girassol?] existe espaço para nós.

Pesquisador: Você indicaria aqui [Cantinho Girassol] para algum amigo?

Nei: Sim! Com certeza! Já indiquei para uns par deles e uns par deles já vieram aqui.

Pesquisador: E o que você fala para essas pessoas?

Nei: Falo “Vai lá no Cantinho Girassol, porque o Cantinho Girassol é um espaço gostoso.”. É maravilhoso, você pode vir, você pode brincar, você pode se divertir. Não tem estrela! Estrelas somos nós, nós somos as estrelas! Nós que fazemos brilhar o Cantinho Girassol, como o próprio dono também faz – que é o Zé Miranda, esposa dele recebe a gente muito bem. E todo o pessoal. grandes amigos

nossos, vem aqui porque a gente indica para o pessoal. E por que a gente indica? A gente indica porque é um espaço gostoso, maravilhoso, pra mim, acho fantástico!

ANEXO H - Entrevista com Nilza Mesquita

Apresentação: Eu sou Sorocabana, apesar de ter vivido fora mais de 30 anos, mas eu sou sorocabana. Eu sou divorciada, profissão cantora, cantei minha vida inteira, nasci cantando. Minha família é toda de músicos, família Mesquita. Então já vem de longe, tenho primos que estão “pra fora” tocando, cantando, toda família Mesquita, são todos músicos. E a gente está aí na estrada a mais tempo, agora eu só brinco, não é mais uma profissão “pra mim”. Enfim você sempre vai ser um cantor né, você sempre vai ser um pedreiro, se você continuar, se você parar a profissão... A minha profissão é de cantora, eu amo fazer o que faço e faço com amor e paixão mesmo! Nasci assim, nasci cantora.

Pesquisador: E você ainda canta profissionalmente ou não?

Nilza: Canto. Às vezes aparece alguma eu faço, mas não é mais a minha praia. Eu amo fazer [por trás?], faço. Quando surge a oportunidade eu faço. Nem sempre eu estou disposta, mas acho que pela idade, eu não estou mais disposta assim... Sei lá, quando aparece alguma coisa “assim”, eu faço. Canto, mas é no Cantinho Girassol. Aqui tem dias que eu faço, por amor a arte mesmo, eu não cobro nada. Sabe, porque o Cantinho, o espaço é nosso! A gente manda aqui. Aqui, de quinze em quinze dias eu “tô fazendo” e, aliás, eu venho toda semana, todo sábado. Eu e o Nei, a gente faz anos 60. Com Nezinho, Córdoba, e vem a turminha nossa... Neirão, vem tudo... A gente se reúne aqui e brinca, no Cantinho Girassol. Bom, eu adoro, então, como eu gosto de cantar, por causa de eu não estar mais fazendo shows, eu gosto de cantar, então eu faço meu show aqui. Eu faço show de periferia, show do cantinho do povo. Eu sou uma pessoa pública, eu sou uma pessoa do povo. Eu poderia estar “lá em cima”, eu nunca fui, também, porque eu não procurei. Porque em São Paulo, eu tenho o troféu de melhor cantora da Zona Sul de São Paulo de 1984. Então, aqui eu não fiz muito... fiz shows aqui, tive banda aqui, toquei com os melhores sempre. Então minha vida foi sempre com os melhores. Viajei com a minha música, eu faço tangos, eu faço boleros. Eu faço shows de tangos cantando! Tangos, também que a minha descendência é espanhola e portuguesa, que é Mesquita que é o meu avô. Meu avô é de Portugal mesmo e minha avó era espanhola. Já a outra avó era espanhol e meu avô era descendência alemã. Quer dizer: uma mistura, aí deu essa cantoria toda que graças a deus eu amo fazer. E aqui no meu espaço, isto aqui é meu espaço! Eu falo “é nosso espaço”! Aqui e do

povo! Aqui é da periferia que não têm nada, porque se paga para tudo, você sabe disso. E aqui é um espaço que a gente vem, a gente brinca, se distrai, todo mundo participa! O importante é a participação e virou uma família, aqui é a Família Cantinho Girassol. É uma grande família maravilhosa, é tudo amigo que se precisar um briga pelo outro. Sabe? Porque a gente se ama, então é isso...

Pesquisador: Sobre o Girassol, como você conheceu o bar e há quanto tempo você frequenta o bar aqui?

Nilza: O bar, se eu te contar que já frequento o bar há muitos anos, mentira! Eu moro aqui perto, então eu passava por aqui e a outra pessoa que estava aqui, eu já cheguei a cantar aqui com meu genro e minha filha. Porque a minha filha também é cantora e meu genro toca, então a gente fazia aqui quando era de outro dono. Só que fazia de vez em quando, eu não, quem fazia eram os dois: minha filha e meu genro. E eu vinha cantar com eles, porque a gente fazia em outro lugar e tal... E às vezes eu vinha aqui. E agora com a família Miranda que são os donos agora do Cantinho Girassol, quando eles começaram aqui, eu já comecei a frequentar a casa, ainda não tinha música. Comecei a frequentar, ele começou a colocar, começaram a vir as pessoas que gostam do espaço. Aí ele começou a fazer o sarau, que não existia sarau aqui em Sorocaba. Sabe? O sarau começou aqui! No bar Cantinho Girassol, no bar da família Miranda. Foi aqui que começou tudo, aqui nasceu “os sarais” que não existiam em Sorocaba. Hoje é “porque tem sarau em tal lugar”, todo mundo vai saber? Mas os daqui mesmo, aqui é da gente, aqui é nosso. Isso aqui foi feito aqui. As pessoas conheceram sarais aqui e ninguém pode falar pra mim que existiu outro, que é mentira! Eu bato no peito e falo: “Não, o sarau começou no Cantinho Girassol”. E com os sarais, vem a música, os poetas maravilhosos. Aqui já foi lançado, me parece que, vinte e oito livros, nós temos uma menina, a Cristina, que lançou o primeiro livro dela aqui, já está no segundo e acho que já está indo para o terceiro já. Então foram lançados vinte e oito livros, pensa numa casa que há quatro anos, já está com toda essa bagagem. Eu hoje, posso dizer que eu brinco de cantar, mas eu sou cantora, sou uma grande cantora. Estou há anos fazendo o que faço, porque eu nasci cantando, eu não aprendi. Então aqui vem gente boa, profissionais e vem gente participantes, que são amigos da gente, também. São todos muito bem acolhidos. Todos nós somos irmãos, somos iguais, somos importantes. Então todo mundo é importante um para o outro aqui, as pessoas aqui, os amigos, são muito importantes para a gente. Nossa amizade, a nossa união, a

nossa força, a nossa alegria, a nossa luz, a nossa paz, quando a gente se reúne é só amor!

Pesquisador: E quando era o outro dono o modelo era parecido com esse ou não?

Nilza: Olha, eu não sei se eu posso dizer assim, mas esse bar lotava, passava a noite inteirinha, mas só que o ambiente era péssimo! Eu vou ser obrigada a dizer, eu não frequentava aqui porque realmente era droga, ponto.

Che: Era pesado o ambiente?

Nilza: Era muito pesado o ambiente, então não era ambiente pra gente ficar aqui, pra gente vir. Que nem eu venho agora, eu venho todo sábado, domingo, se tiver sexta a gente vem. Vem de dia, vem de noite, qualquer hora aqui. Porque é um ambiente familiar, porque tem a mulher, o marido trabalhando, vêm as crianças, vêm os filhos, tem menor. Ele traz o filho, ele traz as filhas, mudou ficou melhor. Por quê? Porque aqui pode eu posso trazer minhas netas, posso trazer minha família inteira aqui, e aqui venho ver minhas filhas, meus netos, meus bisnetos porque eu tenho bisnetos; tenho seis netos e dois bisnetos. Podem frequentar aqui, porque a aqui é um ambiente, aqui é um ambiente familiar.

Pesquisador: E antes não era assim?

Nilza: Não era! Para ser bem franca, e até eu não gosto de fazer sobre isso mas, é uma realidade que tem que ser dita. E eu não tenho medo de falar a verdade.

Pesquisador: E o Zé mudou isso?

Nilza: O Zé mudou. Essa família aqui... Acho que eu fui a primeira a aparecer aqui, quando eles vieram. E eu falei "Que vocês tem muita força, e eu tô aí". E já comecei a frequentar. Então, isso aqui, mudou tudo, totalmente. Hoje eu convido qualquer pessoa a vir aqui, sem vergonha! Eu posso até falar: boteco, mas é um boteco maravilhoso. É gostoso, é muito "da hora"...

Pesquisador: E você participa de todas as atividades produzidas aqui?

Nilza: Todas as atividades. Uma vez por ano faz Raul Seixas, é maravilhoso! Vem a bandeira da Grande São Paulo, a bandeira da Sociedade Alternativa, é maravilhoso, aqui lota! É muito gostoso! Eu participo de tudo aqui, participo de tudo... E eu não sou qualquer porcaria! (risos) Eu sou família! Então a gente é família, tudo aqui... Nossa, aqui não vem tranqueira. Justa e séria, aqui só vem gente boa.

Pesquisador: E qual seria o sentido deste lugar para você? Se tivesse que dizer “Qual o sentido daqui?”.

Nilza: Aqui é o sentido união, que eu te falei. Aqui é o sentido união, isso aqui não pode parar. Isso aqui é cultura, cultura pro bairro que não temos, aqui não tem nada. [Sobre Sorocaba] Aqui pra você frequentar alguma coisa, você tem que ir longe, se não tivesse esse canto a gente teria que ir longe e pagar, e aqui a gente não paga. Você entendeu? Você tem cultura aqui, você conhece poetas, você conhece cantores, você conhece músicos de primeira qualidade, você conhece professores aqui, porque aqui só frequenta gente boa. São “tudo” amigo, família, isto aqui não pode parar nunca. Então eu tento dar força, as pessoas não podem deixar morrer. Tem que vingar, então vamos ajudar, todo mundo ficar junto, se unindo, é união! E a união faz a luta e a luta faz a força! A força faz a vitória.

Pesquisador: E agora uma última pergunta: o que você diria que seria a maior dificuldade de manter e sustentar o espaço e qual seria o segredo para manter ele tanto tempo assim?

Nilza: Na verdade, a gente ama todo mundo aqui. Mas tem pessoas, é uma verdade, que têm inveja, tem sim! Não vou mentir, porque não sou mentirosa e eu tenho 63 anos e eu não vou falar bobagem. Então tem pessoas que têm inveja um do outro, é uma coisa volátil, sempre foi assim. Por exemplo: Nilza Mesquita vai fazer um show em tal lugar, porque eu cantava em lugares mais populares, aí eu ia fazer meu show e ninguém ia; Você entendeu? Meus amigos não iam, por quê? Por inveja! “Magina”, vai gravar, vai fazer... Apareci em jornal, tenho fotos em jornais do Estadão, Folha de São Paulo, tenho muitos, já gravei, enfim... Tem os invejosos, tem umas pessoas que têm inveja, então começa a cortar essas coisas e não pode acontecer isso. Eu choro sozinha às vezes, eu brigo sozinha porque eu fico chateada com certas coisas. Tem pessoas que ficam com inveja, porque o Nei vai fazer, não vem. Se eu vou fazer, não vem. Então, eu fico chateada.

Pesquisador: Seriam os próprios frequentadores boicotando?

Nilza: Exatamente! É um negócio estranho. E a gente continua com força da gente mesmo. E estamos fazendo, vou fazer e se o dono da casa não falar “Agora não está dando, é melhor parar”, eu vou continuar! Vou continuar com amor, com força e amizade e alegria... E luz, muita luz!

Pesquisador: Quer dizer alguma coisa para concluir?

Nilza: Venham visitar nosso Cantinho! Eu já não chamo mais de Cantinho Girassol, eu falo “Nosso Cantinho”, venham! Venham, vocês vão encontrar muita luz, muita alegria, muito amor, amor de verdade, união! União de verdade! Tem algumas coisinhas erradas, mas vai se consertar.

Pesquisador: Obrigado Nilza!

Nilza: De nada, meu querido!

ANEXO I - Entrevista com Vadson

Apresentação: Meu nome é Vadson Amauri Monteiro. Eu sou funcionário dos Correios. Minha cidade natal é Bela Vista do Paraíso, fica próximo a Londrina no Paraná. Mas com 17 anos de idade eu vim para Sorocaba. Então sou praticamente sorocabano.

Pesquisador: Estado civil e profissão.

Vadson: Casado. Sou coordenador de vendas.

Pesquisador: E como você conheceu o bar aqui? E há mais ou menos quanto tempo você frequenta o bar?

Vadson: Olha, aproximadamente acho que uns cinco anos, mais ou menos. Até antes do Zé ser proprietário aqui, eu já frequentava; não com tanta frequência, mas eu já vinha no bar. Dava umas passadas no bar. Aí depois que o Zé assumiu aqui, eu comecei a frequentar mais o bar.

Pesquisador: E mudou em alguma coisa para você acabar vindo mais?

Vadson: Ah, mudou completamente. Porque esse lado cultural que o Zé trouxe pra cá, logo de início a gente não conhecia muito [a ideia]. Mas aí depois a gente já começou a ver livros por aqui, eu mesmo fiz algumas doações de livros, trouxe uma coleção de livros aqui. Aí começou a aumentar.

Pesquisador: Então faz, mais ou menos, uns seis anos que você veio pela primeira vez?

Vadson: Que eu vim pela primeira vez, acho que, vamos supor, de quatro a cinco anos, por aí. Mas eu já vinha antes, mas era mais de passagem.

Pesquisador: O nome era o mesmo né?

Vadson: Era Cantinho Girassol já.

Pesquisador: Você costuma participar das atividades culturais desenvolvidas no Girassol?

Vadson: Sim! Eu participo praticamente de todas. No início era mais poesia, aí depois começou a ter, também, música. E o bom é a diversidade que tem: tem teatro, tem cinema, tem música. Então é um espaço que você pode ver de tudo num único local. Isso que é importante. Inclusive eu trouxe minha esposa pra cá, que nunca tinha frequentado aqui o bar, tornou-se amiga de praticamente todo o pessoal aqui. Ela participa do sarau, ela recita poesias, ela gosta muito e hoje ela é – quando

eu falo que vou vir pra cá - ela é umas das primeiras que fala que quer vir pra cá, que vem junto.

Pesquisador: Só ela que recita ou você participa também?

Vadson: Não. Eu já participei, mas poucas vezes. Eu participei uma ou duas vezes, se não me engano. Porque eu procuro mais observar. Quando eu vejo que tem pouca gente que vai fazer, daí eu procuro entrar no meio também pra dar uma colaborada.

Pesquisador: O que o espaço aqui representa para você?

Vadson: Hoje já representa bastante coisa. Antes eu até falava com o Zé, vamos dizer que eu trocava muito o Cantinho Girassol por outros eventos. Às vezes eu fala para o Zé “Ó Zé, não vai dar para eu vir aqui porque vou ter outro evento não sei aonde”, eu usava menos, eu utilizava menos o Cantinho Girassol no sábado. Mas agora já é ao contrário, agora quando tenho outro evento falo “Não porque já tem o sarau, vai ter o cantor tal”, então já virou uma maior opção para nós, tanto para mim, quanto para minha esposa também.

Pesquisador: E você considera o Cantinho um espaço de entretenimento?

Vadson: Sim! Aqui no Wannel Ville, a carência, não só no Wannel Ville, a carência de cultura, de eventos culturais é muito grande. E aqui no Wannel Ville não é diferente, então o Cantinho Girassol, como o próprio Zé diz de vez em quando, é a resistência cultural aqui do Wannel Ville. Eu assino embaixo as palavras dele.

Pesquisador: Além do entretenimento, então, o espaço oferece algo a mais? E, se sim, o que seria esse algo a mais?

Vadson: No entretenimento as opções são diversas né. Igual disse no início: vai desde teatro... E o algo mais é aquele ambiente familiar, de amizade, que formou uma família, formou um grupo. A gente chega aqui, já tem lugar reservado para a gente. Quando chega outra pessoa, a gente convida para vir na mesa da gente. Então, não só culturalmente, como socialmente também em termos de amizade.

Pesquisador: Não é só diversão. Tem outras coisas também.

Vadson: Tem outras coisas também.

Pesquisador: Por qual motivo você frequenta o Cantinho Girassol e não outros lugares? Quando você vem aqui, você tem que escolher entre vir aqui ou em outros lugares? O que aqui tem de especial?

Vadson: Porque justamente – eu gosto muito de cultura né, de leitura, de teatro, vou em teatro de shows, música, música de boa qualidade - aqui tem música de boa qualidade, então o que faz a gente vir para cá é justamente isso.

Pesquisador: O que seria música de boa qualidade e música de má qualidade, para você?

Vadson: Ah, você pega músicas, vamos dizer assim, mpb, você pega o Raul Seixas um rock legal, vamos dizer assim, e música que faz parte da cultura mesmo. Brasileira e também internacional. Eu gosto de rock né, eu gosto muito de rock e [aqui] tem Raul Seixas, sempre tem músicas variadas de rock 'n roll, eu gosto.

Pesquisador: E a musica de má qualidade?

Vadson: Ah, música de má qualidade a gente não tem muito aqui né?! Não vê muito a música de qualidade aqui. É lógico que de vez em quando tem aqueles, vamos dizer assim, um evento específico né... um evento específico Brega, por exemplo. Mas aí já é um evento voltado para a música brega, e a música de mais acesso a população.

Pesquisador: Para finalizar, você indicaria este espaço para um amigo? E, se sim, o que você diria?

Vadson: Eu indicaria, como indico direto. Eu viajo o estado inteiro e falo Do Cantinho Girassol em todo o lugar que eu esteja. Então, já indiquei para vários colegas. Já teve colegas que vieram, meu irmão, veio amigo, justamente porque indiquei.

Pesquisador: E o que você costuma falar para essas pessoas virem?

Vadson: Ah, tudo isso que eu disse, que eu declarei aqui até agora. É a música de boa qualidade, é eventos culturais, então o que a gente mais divulga é a cultura em si. Porque a gente entra aqui e já percebe que o ambiente já é cultura.

ANEXO J - Entrevista com Joel

Transcrição de entrevista gravada. 20/11/2016 – Domingo, 16h da tarde.

Joel.

Pesquisador: - Tá gravando. Primeiro vamos se apresentar. Você pode falar seu nome, a idade, onde se nasceu e a profissão?

Joel: Sim, meu nome é Joel Gonzaga Filho, sou nascido em Itaporanga, no Estado de SP, nasci no dia 13/05/60, profissão caminhoneiro.

Pesquisador: Estado Civil?

Joel: Sou casado.

Pesquisador: Como você conheceu o Bar e há quanto tempo você frequenta o bar aqui, o Cantinho Girassol?

Joel: Este bar aqui eu conheci faz três anos, vai fazer três anos que eu conheci esse bar aqui, conheci através de amigos, e aí passei a frequentar.

Pesquisador: Então faz três anos?

Joel: Faz três anos.

Pesquisador: Você costuma participar das atividades culturais desenvolvidas no Cantinho?

Joel: Agora sim.

Pesquisador: Agora sim?

Joel: Agora sim, por que a minha vida de caminhoneiro, levava minha vida em bares assim que não tinha esse tipo de cultura, então você vivia tipo de música sertaneja, umas coisas normais, as coisas que tocam assim, então eu não tinha acesso à cultura, eu não tinha acesso à cultura.

Pesquisador: Aí cê passou a ter acesso a cultura aqui no cantinho?

Joel: Aí eu passei a ter acesso a cultura aqui no cantinho, quando eu aprendi, aprendi bastante aqui, aprendi, coisa que eu nunca achei que ia fazer na minha vida, acabei lendo um poema.

Pesquisador: No microfone lá?

Joel: No Microfone, acabei lendo um poema, inclusive do Bosco né? Que frequenta aqui. Eu nunca fiz isso.

Pesquisador: Mas sempre gostou de cultura?

Joel: Sempre gostei de cultura, mas nunca tive oportunidade. E aqui eu acabei tendo oportunidade.

Pesquisador: E por que você participa das atividades aqui?

Joel: Por que eu acho instrutivo. Eu acho uma coisa instrutiva, como eu falei agora, eu aprendi muito aqui. E continuo aprendendo, dia a dia que eu venho aqui, cada dia eu aprendo uma coisa diferente. Como eu conheci pessoas aqui. Como você por exemplo. Como eu conheci até você, uma puta de uma pessoa, excelente, e outras várias aqui, dentre poetas, essas pessoas eu conheci todos aqui.

Pesquisador: Você considera que este espaço tem alguma importância para você, na sua vida? Qual?

Joel: Tem, tem importância fundamental, a amizade. O que predomina aqui neste bar é a amizade e o carinho com o próximo, e a cultura, inclusive das músicas nossa né, que são as MPB, essas músicas que hoje não encontra em lugar nenhum. Entendeu então? Eu aprendi aqui, aprendi até a ouvir aqui.

A importância é a convivência, é o clima, é o ambiente amigável, ambiente em que todo mundo é amigo, isso aí se deu tudo através da cultura, através da música, da poesia, que eu ouvi aqui. E isso aí se formamos uns amigos, se formamos um clube, um clube de amigos.

Pesquisador: Você considera o Cantinho Girassol um espaço de lazer e entretenimento?

Joel: Sim, em primeiro lugar, se for por o Cantinho Girassol perante todos os bares que tem em Sorocaba, eu acredito que não um bar igual tem o cantinho girassol.

Pesquisador: Mas além do lazer e do entretenimento tem algo há mais?

Joel: O algo há mais que eu falei para você é a literatura. Dos livros que tem aqui, inclusive eu já peguei livros aqui, inclusive você já me deu um livro para eu ler lá, eu era caminhoneiro, você me deu aquele livro da nitroglicerina, do transporte, entendeu, que eu fui e li. Então oferece para a gente várias coisas para você ampliar seu mundo, hoje meu mundo é diferente. Meu mundo hoje é diferente, eu sou caminhoneiro, mas hoje eu estou instruído, através dos livros, das músicas, tudo que promove o bar. É tudo é uma coisa, que vamos dizer assim, uma coisa que faz bem para você, é uma coisa toda instrutiva.

Pesquisador: E por que você escolhe frequentar aqui e não outros lugares?

Joel: Eu vou responder essa pergunta para você, mas eu já respondi. O que é que é, convivência, amizade, que tem aqui, boas músicas, que aqui não tem o bom aqui, todas as pessoas vêm e se apresentam e cada dia um melhor que o outro, e

traz para a gente uma instrução, traz uma coisa grande assim sabe? Você aprende, é um aprendizado vamô dizê assim. É um aprendizado.

Pesquisador: Última pergunta, você indicaria este bar aqui para algum amigo? E o que você diria caso fosse indicar?

Joel: Olha eu só não indicaria como já indiquei para vários. Entendeu? E como eu te falei do bar, é um bar aonde você tem amizade, você tem respeito, você tem cultura, você tem músicas boas, no bar, então ele praticamente ele não é um bar, ele é um espaço cultural, a pessoa vêm aqui, se sente bem aqui, através dos amigos que fizer, todos têm amizade, então sem comentário, é um bar que eu indico para todo mundo, não é só para os amigos, para todo mundo que encontrar eu falo “vai lá”. Aqui cê fica tranquilo, além de levar instrução ainda, por mais que a pessoa saiba, por mais instruída que ela seja, eu garanto que ela vai chegar aqui, e ela vai levar algo mais, sempre vai levar algo mais, por que a gente vive e aprende no dia a dia, está aprendendo, você nunca deixa de aprender.

ANEXO K - Entrevista com Zé Miranda

Pesquisador: Primeiro, de novo, uma apresentação. Nome, idade, cidade natal e o estado civil.

Zé: Meu nome completo é José Alves de Miranda, nasci numa cidade chamada Irecê, lá no sertão da Bahia. Tenho 49 anos, e sou casado há 25 anos, com a Cícera Miranda, sou comerciante.

Pesquisador: Zé Miranda, podemos começar essa conversa aqui, então, falando um pouquinho sobre a sua trajetória até chegar aqui ao Cantinho Girassol?

Zé: Sim, podemos falar então. Eu no comércio, sempre procurei trabalhar a cultura né, dentro do Bar. Eu desde os meus dezessete anos, sempre tive bar, sempre fui um colecionador de livros, e isso foi sempre crescendo, até um belo dia eu tinha um bar lá no bairro do Brás, que foi onde começou mais forte ai o trabalho cultural né, com livros dentro do bar, sempre foi crescendo a biblioteca, a turma que frequentava o Sarau, o espaço meu lá antes do Sarau, já existia uma turminha que frequentava, que gostava de ler, de compor músicas e tal, essa foi a trajetória, no caso, para chegar até aqui né? Ai fiquei 15 anos trabalhando com esse bar, com eventos culturais lá em SP, até um dia resolvi vir para o interior, procurar uma cidade mais tranquila para viver né, mas sempre com a ideia da cultura na cabeça, de trabalhar essa parte, ai chegamos em Sorocaba, procuramos um barzinho para a gente comprar né, que tenha a característica da gente que sempre é trabalhar na periferia, para tentar incentivar a cultura onde ela não chega, é mais difícil de chegar. Ai até que procuramos vários bares aqui em Sorocaba, em regiões mais central assim, mas não era nossa característica, até que encontramos este aqui no Wanel Ville, onde a gente também, já logo de início, já tentamos implantar a ideia da cultura, criando uma biblioteca no bar, e trazendo um pessoal, já começou a encostar um pessoal bem ligado a cultura da cidade também.

Pesquisador: Zé, como funcionava a dinâmica do Pioneiro do Brás e de onde saiu a ideia?

Zé: Sim. Como funcionava? Como funcionava o Evento? Sim, a gente sempre pregou a liberdade de todos os participantes, então, a ideia sempre é a liberdade, o respeito, fazer um evento bem democrático, onde todos pudessem participar, desde

um profissional, ao amador, bem essa liberdade assim. Então a dinâmica sempre foi trabalhar a cultura para todos, essa era a ideia.

Pesquisador: E a ideia de fazer o Pioneiro do Brás, saiu de onde?

Zé: Sim. Ai lá em São Paulo, existem aí, vários locais que fazem esse tipo de trabalho, principalmente em bares né. Temos, lá, a fonte de inspiração minha maior é o poeta Sérgio Vaz, que é um poeta da periferia. É um cara que também trabalhava em bar, durante muito tempo ele trabalhou em bar com o pai dele, e sempre gostava de ler também, é o meu caso também, só que o Sérgio Vaz diferente de mim ele é jornalista, é um poeta mesmo, é um cara que escreve bastante livros. Mas numa determinada época, o pai dele vendeu o bar, e ele começou a realizar saraus, no bar que já não era mais do pai dele. Inclusive o Sarau existe até hoje, e o dono do bar chama Zé também, Bar do Zé Batidão, você pode pesquisar que você vai ver. Aí acontece o Sarau da Cooperifa, que o Sérgio Vaz criou uma cooperativa. Cooperifa é a Cooperativa da Periferia. Tendeu? E a gente sempre acompanhou esse trabalho do Sérgio Vaz né, eu sempre acompanhei, a gente participava de Saraus, inclusive quando começamos a fazer os Saraus lá no pioneiro do Brás, começou a vir os poetas da periferia lá da Cooperifa né. Poetas fantásticos, ai começou a se apresentar também lá no Sarau da Amizade, que é o que a gente fazia lá no Brás, chamava Sarau da Amizade. Aí começou a vir os poetas da cooperifa, eu já admirava bem o trabalho do Sérgio Vaz, e é o que eu coloco aqui, a inspiração veio daí, do Sérgio Vaz. Aí tem o Binho, aí tem um monte de bares que fazem este tipo de Sarau né. O diferencial do que eu faço, é porque, é o que, no do Sérgio Vaz tem um poeta por trás, o Binho é escritor também, dono de bar mas é escritor e jornalista, o Sérgio Vaz também, e eu sou um cara comum, que não tem nenhuma formação universitária, sou apenas um admirador dos caras, e pus em prática a ideia deles.

Pesquisador: Aí com as suas adaptações né?

Zé: É aí comecei a adaptar né, do jeito que eu... talvez mais democrático do que eles faziam, por que eles acabaram também ficando meio que fechado, começaram a fechar ali, participava todos, mas já começava a encostar mais os poetas mesmo de verdade né, e a gente não, a ideia é fazer com que quem não conhece a poesia aí e a arte em geral, tenha essa oportunidade.

Pesquisador: Eu ia perguntar, mas acho que você já respondeu, vou cortar aqui, que era por que você saiu de SP e por que escolheu Sorocaba.

Zé: Acho que já falei né, pela tranquilidade. São Paulo é uma cidade maravilhosa, saí da Bahia e cheguei em SP com dez anos de idade, então vivi 32 anos lá em SP e gosto muito da cidade, mas aquela correria de SP que você conhece né, então e a gente que nasceu no interior, chega uma hora que parece que pede mais tranquilidade né, quer mais sossego né, e foi ai que vim parar em Sorocaba né, uma cidade não tão pequena assim e cheia de universidades, e tal, onde eu achei que poderia trabalhar esse tipo de bar.

Pesquisador: Que tipo de atividades que ocorrem atualmente aqui no bar e que de pessoas frequentam estas atividades?

Zé: Aqui acontece além do Sarau, que é o momento onde todos participam com poesia, teatro, música, performance, tudo acontece aqui no Sarau. E tem as outras atividades como a gente faz as vezes tributos, tributo a Raul Seixas, Legião Urbana, que é organizado as vezes pelo próprio pessoal que frequenta o Sarau, tem a músicas que acontece também fora do Sarau, pessoal que frequenta pede o espaço para fazer um evento só dele, com as canções próprias ou não. Já aconteceu amostra de cinema, curtas metragens, já tivemos a Marcia Má que trouxe o curta metragem, o Prisma, apresentou aqui, a Mito Sorocaba fez apresentações com curtas metragens também, com vários curtas que eles já fizeram, que é uma produtora de Sorocaba, independente, que faz um trabalho legal para caramba. Então é essas atividades aí que acontece né, reuniões, já tivemos reuniões da própria secretaria de cultura aqui, para debater temas importantes aí para a cidade.

Pesquisador: Mas regular mesmo é só o Sarau?

Zé: Regularmente acontece o Sarau, esse daí é quinzenal, é fixo. É o evento fixo que nós temos, e eventualmente vai acontecendo os musicais, ou lançamentos de livros, que as vezes já são, acho que 20 lançamentos de livros que acontecem, que aconteceram, esses acontecem durante o Sarau.

Pesquisador: E que pessoas que frequentam essas atividades?

Zé: Aqui o bacana é isso, por que, frequenta, professores, frequenta também o operário, as pessoas comuns ai que começaram aprender, que talvez ai é o foco principal do evento, que é atingir aqueles que não conhecem ai a arte a poesia, aprender a gostar de ler, a frequência é de professores, operários, moradores aqui, comerciantes, atores, cineastas, um monte de gente assim, é uma variedade de pessoas...

Pesquisador: Tem de tudo?

Zé: Tem de tudo. Todo mundo. Desde crianças a idosos, é uma variedade.

Pesquisador: E que papel você acha que seu bar cumpre com a realização dessas atividades? Qual o sentido de tudo isso?

Zé: O sentido aí está em estar incentivando mesmo, a minha ideia sempre foi incentivar as pessoas comuns a gostar da arte né, eu acho que o bar é um lugar interessante para isso, por que fica tudo exposto aqui, as vezes o cara está aqui tomando uma cervejinha, tem um livro aqui do lado dele, as vezes eu já vi várias crianças pegar livro, o pai está aqui, pega o livro, o pai as vezes repreende, eu falo não, não, deixa, a criança tem que estar em contato com o livro. Então esse é o papel de incentivo né, é o principal, na minha opinião, estar incentivando, abrindo a mente das pessoas, para a cultura, para um mundo melhor, através das artes, da cultura.

Pesquisador: Esse é o grande papel então, o sentido de tudo?

Zé: Incentivar. Estar incentivando a turma.

Pesquisador: Você acredita que há ou não uma relação entre as atividades desenvolvidas neste espaço e a educação ou formação das pessoas que frequentam o local, seja o público, ou as pessoas que apresentam? [O entrevistado não compreende a pergunta, repito a pergunta].

Zé: Sim, tem relação sim, acaba tendo, as pessoas por exemplo, que frequentam, têm muitas que já se identificam logo de início com o trabalho, e alguns frequentadores foram aprendendo isso né, a se relacionar com a arte, com os livros assim, essas coisas.... Mas tem, tem uma relação importante ai com as pessoas.

Pesquisador: Quais são as maiores dificuldades encontradas para a realização das atividades e a manutenção do espaço.

Zé: As maiores dificuldades? As vezes a gente tem um pouco de dificuldade... talvez um pouco de ego entre alguns artistas que participam, ou possa se achar melhor do que os outros né, e eu tento pregar a igualdade, para mim aqui participa o músico profissional ou aquele amador, participa o poeta, como pode participar também o gari que passa na rua ali e tem vontade de participar. Então a gente fica tendo dificuldade as vezes de fazer com que alguns entendam isso né. Por que existe, às vezes, pessoas que acham que por ser melhor e tal, pode estar menosprezando os outros, e quando isso acontece eu fico chateado de ver isso acontecer, por que não é a minha intenção.

Existe um pouco essa dificuldade aqui na cidade de Sorocaba, é uma dificuldade aqui, não era lá em São Paulo. São Paulo eu nunca tive esse problema, até por que tinham muito mais pessoas ligadas a arte que frequentava. Até como eu te falei, tinham pessoas que saiam lá da cooperifa, que é a cooperativa da periferia, então essas pessoas já entendiam, entendem o que é o trabalho, feito para o povo. É um trabalho de incentivo cultural, então quando eles vinham, eles já vinham sabendo o que é o objetivo do trabalho e o que eles tinham que fazer, quem que eles têm que atingir né, aquele que não tem oportunidade, aquele que não conhece, então o cara já vinha preparado para aquilo. Não falar, ah aquele lá não toca nada, aquele lá não canta nada, a sua poesia não presta. Tendeu? Essa, um pouquinho é essa a dificuldade, que até isso o pessoal que frequenta tem eles tem que estar aprendendo isso, também não é só os que não sabem da arte, é os que sabem da arte e não querem compreender isso.

Pesquisador: Aprendendo o que?

Zé: Aprender a respeitar a diferença.

Pesquisador: E você acha que alguns aqui aprenderam isso?

Zé: Sim, acho que aprende sim, tão aprendendo né, estão entendendo, que existe a diferença da arte, né? E devagar acho que a turma vai aprendendo. Acho que essa é a grande dificuldade. É um processo, eu vou dizer que não é só um trabalho de incentivo, de estar incentivando aquele que não conhece a arte, é aquele também que conhece, e ter que respeitar o outro, a diferença da arte do outro. Um faz uma apresentação, uma encenação por exemplo, é novidade aqui para Sorocaba por exemplo, a poesia, alguns poetas aqui acham que é só aquela poesia tradicional, ai vem um cara que faz uma poesia, declama um poema no meio das pessoas, e ele faz uma encenação, ele grita, alguns acham aquilo estranho, mas não é estranho, é normal, na época do trovadorismo, aquela época, as pessoas cantavam no meio do público, mas não sei aqui, existe meio que uma tradição ai no meio, talvez isso aqui no bairro é novidade, então a poesia está saindo do teatro, ou de alguns locais fechados para o bar, e nisso dentro do bar você encontra um Pedro Alberto por exemplo, é diferente, as vezes tem uns, tem gente que não quer entender essa diferença, e tem que estar falando para o cara, não, é legal o que ele faz, é diferente, ele foge do tradicional, do padrão, então é essa a dificuldade, então a gente também tem que estar trabalhando isso.

Pesquisador: Qual a relação do espaço com a comunidade aqui do entorno?

Zé: A comunidade agora, depois de cinco anos de trabalho, eu acho que agora compreendeu, já está compreendendo melhor o trabalho. No começo também existia uma resistência né? Era novidade, era novidade, então um bar fazendo poesia, a turma parava na frente, não entendia aquilo, não entendia né? Depois de cinco anos, matérias de jornais, a revelação da Ana Cristina, então o pessoal foram entendendo o trabalho nosso. Então a comunidade hoje em dia tem um respeito muito grande pelo que a gente faz, já ouvi de muitas pessoas isso, de achar legal o que faz, as vezes uns nem frequenta muito, mas para na frente, fica vendo. Você percebe isso, quando tem um sarau, algumas pessoas ficar lá do outro lado da rua parada, de braços cruzados, assistindo. As vezes vem numa segunda feira conversar comigo, para eu explicar isso, aí eu começo a explicar o que que é um sarau, é uma reunião dos poetas. Então, é importante, o bairro hoje tem uma visão diferente do que a gente faz.

Pesquisador: As pessoas do bairro frequentam?

Zé: A frequência aumentou muito nesses últimos tempos para cá, vários cantores que moram aqui nos prédios aqui, eles começaram a frequentar mais, a entender a ideia. Alguns chegaram até a falar que não gostava de Sarau, de poesia, hoje em dia já aceita e participa, já declamaram poemas aí, tem pessoas que me surpreendeu. Que no começo segurava ali, não participava dos eventos e agora participa até declamando poemas.

Pesquisador: Como é a relação do espaço com as autoridades e o poder público local?

Zé: É... A relação do espaço é de estar cobrando, é de cobrança. Por que a periferia de Sorocaba é igual aí a periferia das grandes cidades, é abandonada também, pelo poder público. E a gente está aqui para mostrar isso, mostrar a realidade, mostrar que aqui não tem teatro, não tem cinema, não tem uma biblioteca, falta muitas coisas na periferia, e nós estamos aqui para cobrar, na verdade é uma voz das periferias aqui, da periferia de Sorocaba, e sentimos até falta de não ter outros locais até, em outras periferias, com o mesmo pensamento, para estar também participando do processo, seria legal. Como eu te falei, lá em São Paulo, eu trabalhava na Zona Leste, a Cooperifa é na Zona Sul, na Zona Norte tinha outros movimentos também, e esses movimentos eles estavam ali, juntos, em torno da periferia, cobrando melhorias né? Por que é um movimento político, acaba sendo político, de também a gente estar aqui bem informado, sabemos dos problemas que

tem aqui na periferia, e acabamos estando cobrando melhorias também para a comunidade.

Pesquisador: Então é um Sarau Militante também?

Zé: Acaba sendo. Sarau, movimento cultural, onde você está reunindo cabeças pensantes, é um movimento de protesto, acaba sendo. Aqui é um espaço para todos, a gente só não abre espaço, como eu sempre falo, para política, dentro do espaço, assim, dos políticos né? Ele pode ser aberto, pode vir um político participar, declamando poesia, no contexto da arte né. Tendeu?

Pesquisador: Não fazendo campanha?

Zé: Não fazendo campanha política, por que a ideia não é essa. A ideia é que a comunidade abra os olhos para os problemas, as pessoas que declamam poemas também, hoje em dia você vê uma Aninha, por exemplo, a Aninha já está tendo uma visão política da situação, ela foi evoluindo com o Sarau, com os poetas, tem aqueles que já cobram mais ali, então hoje ela está fazendo poema de protesto já. Tendeu? Isso é a evolução no processo do que a gente faz aqui, está chegando gente de tudo quanto é jeito, com pensamentos diferentes né? Chega o cara que é comunista, o outro que não é, e vai juntando as ideias. E tem uma criança que está crescendo ali neste meio, e ela vai aprendendo, não só a criança como outros que estão lá no balcão, as vezes a turma também está ligada, e vai formando opiniões, e defendendo elas.

Pesquisador: Tem umas coisas que são curiosidades, se der tempo se você puder responder.... Eu queria que você falasse um pouco sobre as pessoas conhecidas assim, na grande mídia, pelo grande público, ou não... Pessoas importantes, que tenham uma contribuição importante, que já frequentaram o Sarau, tanto aqui quanto lá em São Paulo.

Zé: Sim. Ó, lá no nosso lá em SP, o top mesmo lá, foi o cantor, ator e compositor... O Seu Jorge né. Seu Jorge, já mesmo famoso, depois de fazer Cidade de Deus e tudo, teve uma época que nós tínhamos na época uma galera lá que frequentava o Sarau que era da Revista Ocas que faz um trabalho de resgatar moradores de rua. Ai certa vez o Seu Jorge ia ser entrevistado pela revista né, e nós fomos participar da entrevista lá, e o Seu Jorge por ter sido morador de rua, morou, se não me engano, sete anos na rua, teve problemas particulares, ele acabou indo morar na rua, e o que salvou ele foi arte dele, a arte dele, a música, pessoal do

teatro municipal do Rio, onde ele vivia ali perambulando, arrastou ele para dentro do teatro e aquilo salvou ele.

Então, quando ele foi entrevistado pela Revista Ocas que esteve com a gente durante muito tempo apoiando o Sarau lá, o nosso trabalho, o Seu Jorge falou, poxa vida eu queria ajudar vocês a arrecadar uma grana aí para ajudar no trabalho da Ocas, e eu gostaria de fazer um evento né para ajudar... E aí ficamos encarregados de arrumar o local né, para Seu Jorge fazer um Sarau, onde todos nós íamos participar junto com ele, na abertura do Sarau, e ele fecharia dando o Show né. E foi aquela correria para arrumar o local, por que a gente chegou à conclusão que na rua não dava, em frente ao bar né, por que pensamos em montar palco lá em frente ao bar lá na época do Brás lá, para fazer ao show. Mas ai falando com alguns amigos lá no bar teve um empresário lá que se propôs a pagar toda a despesa se a gente achasse o local, um cara que inclusive apoiava bastante o meu trabalho né, ele acha muito legal o que eu fazia, aquele incentivo, que até os funcionários dele, ele era um empresário com cento e vinte funcionários, e os funcionários frequentavam, começaram a frequentar o Sarau e até compor né, poemas. E aí ele em palestras lá ele falava do meu trabalho. E ele falou que bancava o palco, a organização. Foi onde a gente correu atrás de um local, aí tinha um galpão do MST, lá em São Paulo, vazio, aí os caras arrumaram o galpão para a gente, e a gente organizou o evento para receber o Seu Jorge.

Aí recebemos ele, colocamos umas duas mil pessoas. Foi. Fizemos salgados, a Ciça fez uns dois mil salgadinhos, tudo para arrecadar o dinheiro para o trabalho da Ocas, que é um trabalho muito bacana, o da Ocas, da Revista. E o Seu Jorge lá em São Paulo foi o top, recebemos muita gente legal lá, muita gente importante frequentou nosso sarau, pessoas que vinham de saraus, como por exemplo da Casa das Rosas, em São Paulo, que é um sarau meio que elitizado, sabe? E teve uma época lá que acho que no aniversário do Sarau, teve um senhor chamado Nicanor Jacinto, que ele organiza vários eventos lá, e aí ele falou que aquele sarau ali era maravilhoso, que ele via ali era o simples, e é o que a gente faz né, é o simples. Era feito diferente daqui, por exemplo aqui o Sarau começou com um poeta que é o Córdoba Jr, o professor, o Antônio Paulo, que é professor de Filosofia, né, e atrás do balcão um cara comum, o Zé, que não tem graduação nenhuma. Lá em São Paulo, era diferente do que começou aqui, por que era eu e um operário, o Sarau lá era eu e o Pesquisadors, que levamos a ideia a frente, o Pesquisadors era um peão

comum, que ele nem acreditava que ele pudesse chegar no microfone para apresentar. Né? E eu sempre falava, as coisas que eu posto no Face, eu colocava no Orkut, que o Sarau da Amizade era um Sarau feito por pessoas comuns. E aí explicava, o Pesquisador um operário e o Zé um simples dono de bar. Então, os outros eram feitos por jornalistas, poetas, escritores, e até hoje é assim. Lá era diferente. E aqui eu comecei diferente, com um professor à frente do evento, e um poeta.

E o Seu Jorge foi o top né, recebemos várias pessoas importantes. Aqui, em cinco anos, foi surpreendente também, por que em cinco anos aqui, nós recebemos nada mais nada menos do que o prêmio Jabuti de literatura, Marcelinho Freire esteve aqui, no nosso sarau, saiu de São Paulo até Sorocaba. Inclusive saiu uma matéria no Cruzeiro do Sul, onde o Jornalista Felipe Chikama me ligou assim meio que na dúvida né, ele nem acreditava que o Marcelinho Freire viria até aqui. Falou “Zé, o Marcelinho vai vir mesmo”? Falei, vai vir sim. “Mas tem como me passar o telefone dele...” Eu passei o telefone do Marcelinho Freire, para ele confirmar né, e inclusive ele fez a entrevista por telefone, com ele. E ele veio até aqui, Marcelinho Freire, simplesmente um prêmio Jabuti de Literatura né? E recentemente nós tivemos a visita da escritora e bibliotecária francesa, que é só a maior bibliotecária do mundo, a Genevieve Pattè, é isso? Que esteve aqui nos visitando, ela veio fazer uma visita ao Brasil, para falar sobre o incentivo à leitura, da importância da leitura, e esteve numa palestra no Sesc de Sorocaba, aí a professora, esteve presente uma professora lá e viu a entrevista dela lá, o debate dela, e ela falando sobre o incentivo, a importância do incentivo na periferia, que ela fez isso na França, que é parecido com o trabalho nosso. E ela veio nos visitar também, uma importância muito grande de receber uma escritora francesa no bar né, e ela ficou encantada com o que ela viu aqui.

Pesquisador: Isso foi recentemente né?

Zé: Foi recente?

Pesquisador: E aí a última pergunta, que é uma curiosidade também, a gente está conversando aqui e você está usando Jaleco.... Por que o uso do Jaleco? E você usa sempre?

Zé: É o Jaleco eu sempre gostei de usar Jaleco, eu sempre tive bar assim perto do trabalhador né, e perto de fábrica né, que também está cheio de trabalhador, nas fábricas. Então eu sempre achei assim uma espécie de trabalhador,

operário também né, apesar de trabalhar no comércio assim, mas, e usei para me manter ali meio que parecido com a turma de trabalhador, me identificar com eles mesmo, então é uma coisa que eu gosto de usar mesmo, o Jaleco, legal assim. Não é para diferenciar, dizer que eu sou um empresário, ou coisa desse tipo, é o contrário, é um cara comum que está trabalhando num balcão de um bar.

Pesquisador: Já te chamaram de empresário?

Zé: Já. Mas não me considero. É inclusive tem uma matéria do Cruzeiro do Sul que saiu lá, empresário José Alves de Miranda. Vixe, quando eu vi aquilo falei... brincadeira, o cara não sabe o que que é ser um empresário e ser um dono de um pequeno comércio né?

Pesquisador: É diferente?

Zé: Totalmente diferente, não tem nada a ver. Eu sou apenas um trabalhador comum, que sempre fez um trabalho para o trabalhador também. Inclusive esse lance de eu trabalhar dentro de empresas, no incentivo, tentando incentivar a leitura, colocar livros, já é esse pensamento né, de fazer com que a pessoa comum goste, da arte, da literatura, da poesia...

Pesquisador: Obrigado, Zé.

Anexo L - Termos de Consentimento

Seguem a partir da próxima página os termos de consentimento.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada (o) para participar da pesquisa intitulada: Sarau Palavra Encantada no Cantinho Girassol: Um espaço cultural na periferia de Sorocaba - realizada por Marco Aurélio Nunes de Oliveira, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar Sorocaba, sob orientação da Profa. Dra. Dulcinéia de Fátima Ferreira e Co orientação da Profa. Dra. Kelen Christina Leite.

Esta pesquisa tem por objetivo:

- a) Fazer o registro dessa experiência cultural
- b) Analisar se a experiência é ou não uma resistência
- c) Antes de tudo fazer um estudo sobre a política cultural e periferia na cidade de Sorocaba.

Por este instrumento fica acordado entre pesquisador e a (o) entrevistada (o) que os dados construídos na entrevista serão utilizados na pesquisa. Tal entrevista é concedida de forma voluntária, com fins estritamente de pesquisa, inclusive para sua possível publicação, ficando isento de ônus de qualquer espécie pesquisador e a (o) entrevistada (o). A gravação em áudio se dará nos momentos em que a (o) entrevistada (o) assim o permitir.

Observações relevantes:

- a. "A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento".
- b. "Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição".
- c. "Autorizo a utilização de minha imagem e de trechos da entrevista no texto da dissertação".
- d. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Marco
Marco Aurélio Nunes de Oliveira

Rua José Acquaviva, 120, Wanel Ville, Sorocaba - SP. CEP: 18057021.

E-mail: prof.marco.nunes@gmail.com / Cel: (15) 981022364

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Local e data: SOROCABA 11/08/2008

Milza de Latine Marquete

Milza

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada (o) para participar da pesquisa intitulada: Sarau Palavra Encantada no Cantinho Girassol: Um espaço cultural na periferia de Sorocaba - realizada por Marco Aurélio Nunes de Oliveira, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar Sorocaba, sob orientação da Profa. Dra. Dulcinéia de Fátima Ferreira e Co orientação da Profa. Dra. Kelen Christina Leite.

Esta pesquisa tem por objetivo:

- a) Fazer o registro dessa experiência cultural
- b) Analisar se a experiência é ou não uma resistência
- c) Antes de tudo fazer um estudo sobre a política cultural e periferia na cidade de Sorocaba.

Por este instrumento fica acordado entre pesquisador e a (o) entrevistada (o) que os dados construídos na entrevista serão utilizados na pesquisa. Tal entrevista é concedida de forma voluntária, com fins estritamente de pesquisa, inclusive para sua possível publicação, ficando isento de ônus de qualquer espécie pesquisador e a (o) entrevistada (o). A gravação em áudio se dará nos momentos em que a (o) entrevistada (o) assim o permitir.

Observações relevantes:

- a. "A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento".
- b. "Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição".
- c. "Autorizo a utilização de minha imagem e de trechos da entrevista no texto da dissertação".
- d. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

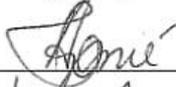
Marco Aurélio Nunes de Oliveira

Rua José Acquaviva, 120, Wanel Ville, Sorocaba – SP. CEP: 18057021.

E-mail: prof.marco.nunes@gmail.com / Cel: (15) 981022364

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Local e data: Sorocaba 8 de agosto de 2018



 Mateus Apareado Tome

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada (o) para participar da pesquisa intitulada: Sarau Palavra Encantada no Cantinho Girassol: Um espaço cultural na periferia de Sorocaba - realizada por Marco Aurélio Nunes de Oliveira, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar Sorocaba, sob orientação da Profa. Dra. Dulcinéia de Fátima Ferreira e Co orientação da Profa. Dra. Kelen Christina Leite.

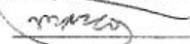
Esta pesquisa tem por objetivo:

- a) Fazer o registro dessa experiência cultural
- b) Analisar se a experiência é ou não uma resistência
- c) Antes de tudo fazer um estudo sobre a política cultural e periferia na cidade de Sorocaba.

Por este instrumento fica acordado entre pesquisador e a (o) entrevistada (o) que os dados construídos na entrevista serão utilizados na pesquisa. Tal entrevista é concedida de forma voluntária, com fins estritamente de pesquisa, inclusive para sua possível publicação, ficando isento de ônus de qualquer espécie pesquisador e a (o) entrevistada (o). A gravação em áudio se dará nos momentos em que a (o) entrevistada (o) assim o permitir.

Observações relevantes:

- a. "A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento".
- b. "Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição".
- c. "Autorizo a utilização de minha imagem e de trechos da entrevista no texto da dissertação".
- d. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.



 Marco Aurélio Nunes de Oliveira

Rua José Acquaviva, 120, Wanel Ville, Sorocaba – SP. CEP: 18057021.

E-mail: prof.marco.nunes@gmail.com / Cel: (15) 981022364

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Local e data: Sorocaba 07/08/2018.

JOSÉ ALVES DE MIRANDA.

Ze Miranda

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada (o) para participar da pesquisa intitulada: Sarau Palavra Encantada no Cantinho Girassol: Um espaço cultural na periferia de Sorocaba - realizada por Marco Aurélio Nunes de Oliveira, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar Sorocaba, sob orientação da Profª. Dra. Dulcinéia de Fátima Ferreira e Co orientação da Profª. Dra. Kelen Christina Leite.

Esta pesquisa tem por objetivo:

- a) Fazer o registro dessa experiência cultural
- b) Analisar se a experiência é ou não uma resistência
- c) Antes de tudo fazer um estudo sobre a política cultural e periferia na cidade de Sorocaba.

Por este instrumento fica acordado entre pesquisador e a (o) entrevistada (o) que os dados construídos na entrevista serão utilizados na pesquisa. Tal entrevista é concedida de forma voluntária, com fins estritamente de pesquisa, inclusive para sua possível publicação, ficando isento de ônus de qualquer espécie pesquisador e a (o) entrevistada (o). A gravação em áudio se dará nos momentos em que a (o) entrevistada (o) assim o permitir.

Observações relevantes:

- a. "A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento".
- b. "Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição".
- c. "Autorizo a utilização de minha imagem e de trechos da entrevista no texto da dissertação".
- d. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.



Marco Aurélio Nunes de Oliveira

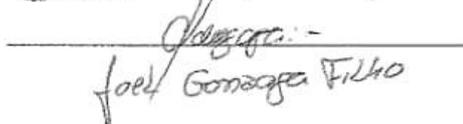
Rua José Acquaviva, 120, Wanel Ville, Sorocaba – SP. CEP: 18057021.

E-mail: prof.marco.nunes@gmail.com / Cel: (15) 981022364

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Local e data:

Sorocaba, 07 de agosto 2018


Joel Gonçalves Filho

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada (o) para participar da pesquisa intitulada: Sarau Palavra Encantada no Cantinho Girassol: Um espaço cultural na periferia de Sorocaba - realizada por Marco Aurélio Nunes de Oliveira, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar Sorocaba, sob orientação da Profa. Dra. Dulcinéia de Fátima Ferreira e Co orientação da Profa. Dra. Kelen Christina Leite.

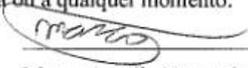
Esta pesquisa tem por objetivo:

- a) Fazer o registro dessa experiência cultural
- b) Analisar se a experiência é ou não uma resistência
- c) Antes de tudo fazer um estudo sobre a política cultural e periferia na cidade de Sorocaba.

Por este instrumento fica acordado entre pesquisador e a (o) entrevistada (o) que os dados construídos na entrevista serão utilizados na pesquisa. Tal entrevista é concedida de forma voluntária, com fins estritamente de pesquisa, inclusive para sua possível publicação, ficando isento de ônus de qualquer espécie pesquisador e a (o) entrevistada (o). A gravação em áudio se dará nos momentos em que a (o) entrevistada (o) assim o permitir.

Observações relevantes:

- a. "A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento".
- b. "Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição".
- c. "Autorizo a utilização de minha imagem e de trechos da entrevista no texto da dissertação".
- d. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.



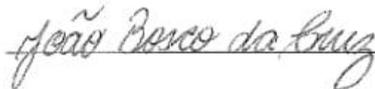
 Marco Aurélio Nunes de Oliveira

Rua José Acquaviva, 120, Wanel Ville, Sorocaba – SP. CEP: 18057021.

E-mail: prof.marco.nunes@gmail.com / Cel: (15) 981022364

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Local e data: Sorocaba, 11 de agosto 2018



 João Bosco da Cruz

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada (o) para participar da pesquisa intitulada: Sarau Palavra Encantada no Cantinho Girassol: Um espaço cultural na periferia de Sorocaba - realizada por Marco Aurélio Nunes de Oliveira, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar Sorocaba, sob orientação da Profa. Dra. Dulcinéia de Fátima Ferreira e Co orientação da Profa. Dra. Kelen Christina Leite.

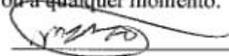
Esta pesquisa tem por objetivo:

- a) Fazer o registro dessa experiência cultural
- b) Analisar se a experiência é ou não uma resistência
- c) Antes de tudo fazer um estudo sobre a política cultural e periferia na cidade de Sorocaba.

Por este instrumento fica acordado entre pesquisador e a (o) entrevistada (o) que os dados construídos na entrevista serão utilizados na pesquisa. Tal entrevista é concedida de forma voluntária, com fins estritamente de pesquisa, inclusive para sua possível publicação, ficando isento de ônus de qualquer espécie pesquisador e a (o) entrevistada (o). A gravação em áudio se dará nos momentos em que a (o) entrevistada (o) assim o permitir.

Observações relevantes:

- a. "A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento".
- b. "Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição".
- c. "Autorizo a utilização de minha imagem e de trechos da entrevista no texto da dissertação".
- d. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.


 Marco Aurélio Nunes de Oliveira

Rua José Acquaviva, 120, Wanel Ville, Sorocaba – SP. CEP: 18057021.

E-mail: prof.marco.nunes@gmail.com / Cel: (15) 981022364

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Local e data:

Sorocaba, 11 de agosto / 2018
Cláudio Poplista Tomazini Filho
Sorocaba / SP

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada (o) para participar da pesquisa intitulada: Sarau Palavra Encantada no Cantinho Girassol: Um espaço cultural na periferia de Sorocaba - realizada por Marco Aurélio Nunes de Oliveira, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar Sorocaba, sob orientação da Profa. Dra. Dulcinéia de Fátima Ferreira e Co orientação da Profa. Dra. Kelen Christina Leite.

Esta pesquisa tem por objetivo:

- a) Fazer o registro dessa experiência cultural
- b) Analisar se a experiência é ou não uma resistência
- c) Antes de tudo fazer um estudo sobre a política cultural e periferia na cidade de Sorocaba.

Por este instrumento fica acordado entre pesquisador e a (o) entrevistada (o) que os dados construídos na entrevista serão utilizados na pesquisa. Tal entrevista é concedida de forma voluntária, com fins estritamente de pesquisa, inclusive para sua possível publicação, ficando isento de ônus de qualquer espécie pesquisador e a (o) entrevistada (o). A gravação em áudio se dará nos momentos em que a (o) entrevistada (o) assim o permitir.

Observações relevantes:

- a. "A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento".
- b. "Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição".
- c. "Autorizo a utilização de minha imagem e de trechos da entrevista no texto da dissertação".
- d. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

marco

Marco Aurélio Nunes de Oliveira

Rua José Acquaviva, 120, Wanel Ville, Sorocaba - SP. CEP: 18057021.

E-mail: prof.marco.nunes@gmail.com / Cel: (15) 981022364

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Local e data: Sorocaba, 09 de agosto de 2016

Erandois Aranha

Erandois Aranha

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada (o) para participar da pesquisa intitulada: Sarau Palavra Encantada no Cantinho Girassol: Um espaço cultural na periferia de Sorocaba - realizada por Marco Aurélio Nunes de Oliveira, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar Sorocaba, sob orientação da Profa. Dra. Dulcinéia de Fátima Ferreira e Co orientação da Profa. Dra. Kelen Christina Leite.

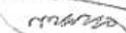
Esta pesquisa tem por objetivo:

- a) Fazer o registro dessa experiência cultural
- b) Analisar se a experiência é ou não uma resistência
- c) Antes de tudo fazer um estudo sobre a política cultural e periferia na cidade de Sorocaba.

Por este instrumento fica acordado entre pesquisador e a (o) entrevistada (o) que os dados construídos na entrevista serão utilizados na pesquisa. Tal entrevista é concedida de forma voluntária, com fins estritamente de pesquisa, inclusive para sua possível publicação, ficando isento de ônus de qualquer espécie pesquisador e a (o) entrevistada (o). A gravação em áudio se dará nos momentos em que a (o) entrevistada (o) assim o permitir.

Observações relevantes:

- a. "A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento".
- b. "Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição".
- c. "Autorizo a utilização de minha imagem e de trechos da entrevista no texto da dissertação".
- d. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.



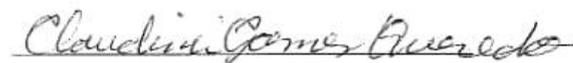
Marco Aurélio Nunes de Oliveira

Rua José Acquaviva, 120, Wanel Ville, Sorocaba – SP. CEP: 18057021.

E-mail: prof.marco.nunes@gmail.com / Cel: (15) 981022364

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Local e data: SOROCABA - 11-08-2018





Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada (o) para participar da pesquisa intitulada: Sarau Palavra Encantada no Cantinho Girassol: Um espaço cultural na periferia de Sorocaba - realizada por Marco Aurélio Nunes de Oliveira, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar Sorocaba, sob orientação da Profa. Dra. Dulcinéia de Fátima Ferreira e Co orientação da Profa. Dra. Kelen Christina Leite.

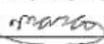
Esta pesquisa tem por objetivo:

- a) Fazer o registro dessa experiência cultural
- b) Analisar se a experiência é ou não uma resistência
- c) Antes de tudo fazer um estudo sobre a política cultural e periferia na cidade de Sorocaba.

Por este instrumento fica acordado entre pesquisador e a (o) entrevistada (o) que os dados construídos na entrevista serão utilizados na pesquisa. Tal entrevista é concedida de forma voluntária, com fins estritamente de pesquisa, inclusive para sua possível publicação, ficando isento de ônus de qualquer espécie pesquisador e a (o) entrevistada (o). A gravação em áudio se dará nos momentos em que a (o) entrevistada (o) assim o permitir.

Observações relevantes:

- a. "A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento".
- b. "Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição".
- c. "Autorizo a utilização de minha imagem e de trechos da entrevista no texto da dissertação".
- d. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.



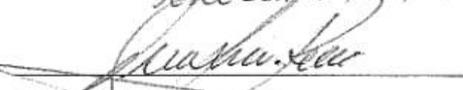
 Marco Aurélio Nunes de Oliveira

Rua José Acquaviva, 120, Wanel Ville, Sorocaba – SP. CEP: 18057021.

E-mail: prof.marco.nunes@gmail.com / Cel: (15) 981022364

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Local e data: Sorocaba, 09 de Agosto 2018



 AURO MORENO ROMERO,

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada (o) para participar da pesquisa intitulada: Sarau Palavra Encantada no Cantinho Girassol: Um espaço cultural na periferia de Sorocaba - realizada por Marco Aurélio Nunes de Oliveira, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar Sorocaba, sob orientação da Profa. Dra. Dulcinéia de Fátima Ferreira e Co orientação da Profa. Dra. Kelen Christina Leite.

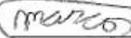
Esta pesquisa tem por objetivo:

- a) Fazer o registro dessa experiência cultural
- b) Analisar se a experiência é ou não uma resistência
- c) Antes de tudo fazer um estudo sobre a política cultural e periferia na cidade de Sorocaba.

Por este instrumento fica acordado entre pesquisador e a (o) entrevistada (o) que os dados construídos na entrevista serão utilizados na pesquisa. Tal entrevista é concedida de forma voluntária, com fins estritamente de pesquisa, inclusive para sua possível publicação, ficando isento de ônus de qualquer espécie pesquisador e a (o) entrevistada (o). A gravação em áudio se dará nos momentos em que a (o) entrevistada (o) assim o permitir.

Observações relevantes:

- a. "A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento".
- b. "Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição".
- c. "Autorizo a utilização de minha imagem e de trechos da entrevista no texto da dissertação".
- d. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.



Marco Aurélio Nunes de Oliveira

Rua José Acquaviva, 120, Wanel Ville, Sorocaba – SP. CEP: 18057021.

E-mail: prof.marco.nunes@gmail.com / Cel: (15) 981022364

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Local e data: Sorocaba 10/08/2018


Antonio Paulo Silva Costa

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada (o) para participar da pesquisa intitulada: Sarau Palavra Encantada no Cantinho Girassol: Um espaço cultural na periferia de Sorocaba - realizada por Marco Aurélio Nunes de Oliveira, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar Sorocaba, sob orientação da Profa. Dra. Dulcinéia de Fátima Ferreira e Co orientação da Profa. Dra. Kelen Christina Leite.

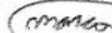
Esta pesquisa tem por objetivo:

- a) Fazer o registro dessa experiência cultural
- b) Analisar se a experiência é ou não uma resistência
- c) Antes de tudo fazer um estudo sobre a política cultural e periferia na cidade de Sorocaba.

Por este instrumento fica acordado entre pesquisador e a (o) entrevistada (o) que os dados construídos na entrevista serão utilizados na pesquisa. Tal entrevista é concedida de forma voluntária, com fins estritamente de pesquisa, inclusive para sua possível publicação, ficando isento de ônus de qualquer espécie pesquisador e a (o) entrevistada (o). A gravação em áudio se dará nos momentos em que a (o) entrevistada (o) assim o permitir.

Observações relevantes:

- a. "A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento".
- b. "Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição".
- c. "Autorizo a utilização de minha imagem e de trechos da entrevista no texto da dissertação".
- d. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.



Marco Aurélio Nunes de Oliveira

Rua José Acquaviva, 120, Wanel Ville, Sorocaba - SP. CEP: 18057021.

E-mail: prof.marco.nunes@gmail.com / Cel: (15) 981022364

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Local e data: Sorocaba, 13 de agosto de 2018

Andréa C. P. Rodrigues - responsável legal pela entrevistada
RG: 1267533-6
Ana Cristina Rodrigues Henrique,
minha filha.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada (o) para participar da pesquisa intitulada: Sarau Palavra Encantada no Cantinho Girassol: Um espaço cultural na periferia de Sorocaba - realizada por Marco Aurélio Nunes de Oliveira, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar Sorocaba, sob orientação da Profa. Dra. Dulcinéia de Fátima Ferreira e Co orientação da Profa. Dra. Kelen Christina Leite.

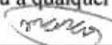
Esta pesquisa tem por objetivo:

- a) Fazer o registro dessa experiência cultural
- b) Analisar se a experiência é ou não uma resistência
- c) Antes de tudo fazer um estudo sobre a política cultural e periferia na cidade de Sorocaba.

Por este instrumento fica acordado entre pesquisador e a (o) entrevistada (o) que os dados construídos na entrevista serão utilizados na pesquisa. Tal entrevista é concedida de forma voluntária, com fins estritamente de pesquisa, inclusive para sua possível publicação, ficando isento de ônus de qualquer espécie pesquisador e a (o) entrevistada (o). A gravação em áudio se dará nos momentos em que a (o) entrevistada (o) assim o permitir.

Observações relevantes:

- a. "A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento".
- b. "Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição".
- c. "Autorizo a utilização de minha imagem e de trechos da entrevista no texto da dissertação".
- d. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.



Marco Aurélio Nunes de Oliveira

Rua José Acquaviva, 120, Wanel Ville, Sorocaba - SP. CEP: 18057021.

E-mail: prof.marco.nunes@gmail.com / Cel: (15) 981022364

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Local e data: *Sorocaba, 07 de agosto de 2018*



WADSON MAURÍCIO MONTEIRO

